



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

**Mestrado em Ciências da Educação - Administração, Regulação e
Políticas Educativas**

Dissertação

**Perceções e representação de alunos e professores sobre
Bullying e Cyberbullying numa escola de Évora**

Sandra Mendes Galandim

Orientador(es) | Marília Favinha

Évora 2023



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

**Mestrado em Ciências da Educação - Administração, Regulação e
Políticas Educativas**

Dissertação

**Perceções e representação de alunos e professores sobre
Bullying e Cyberbullying numa escola de Évora**

Sandra Mendes Galandim

Orientador(es) | Marília Favinha

Évora 2023



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Bravo Nico (Universidade de Évora)

Vogais | Maria de Lurdes Moreira (Universidade de Évora) (Arguente)
Marília Favinha (Universidade de Évora) (Orientador)

“A violência gera a violência; só o amor constrói para a eternidade.”

Comte

Agradecimentos

À minha orientadora, a Professora Doutora Marília Evangelina Sota Favinha pela sua orientação, partilha de conhecimentos e toda a atenção e interesse demonstrado durante todo o meu trabalho.

À Direção de Escolas do Agrupamento Severim de Faria inquirido neste trabalho, pela sua disponibilidade e aceitação na participação neste estudo, assim como todos os docentes e alunos que prontamente aceitaram participar.

Aos meus amigos e colegas que permaneceram comigo durante este tempo.

Por último, mas em especial, à minha família por todo o suporte, apoio e compreensão durante todo este percurso.

Dedicatória:

Este trabalho é dedicado à memória de meu pai que sempre acreditou em mim ✨

Resumo

A dissertação “Percepções e representação de alunos e professores sobre Bullying e Cyberbullying numa escola de Évora” estuda a forma de como o bullying e o cyberbullying é realizado e as consequências no (in)sucesso escolar dos alunos no Agrupamento de Escolas Severim de Faria em Évora.

Bullying, deriva do termo inglês Bully caracterizada pelo dicionário Oxford (2010) como verbo ou como substantivo. No que toca ao verbo significa “intimidar”, “brigar”, “maltratar” e ameaçar. Como substantivo, refere-se a “agressor”, “valente”, “bruto” e “insolente”. Por sua vez, cyberbullying é uma forma de bullying realizada pela internet, maioritariamente pelas redes sociais.

Para se chegar às conclusões necessárias, foi realizado um enquadramento teórico e a aplicação de um questionário como instrumento de recolha de dados, que envolveu diretores de turma e alunos pertencentes ao 3º ciclo e ensino secundário na Escola Severim de Faria em Évora, no ano letivo de 2022/2023. O estudo é realizado através de inquérito por questionário e responde à questão que serviu de base a esta investigação: Qual a realidade do bullying e cyberbullying numa Escola do Alentejo?

Do estudo realizado verificou-se que tanto os docentes como os alunos, entendem a gravidade do bullying e do cyberbullying e a gravidade das consequências que traz para a vida de quem sofre diretamente. Relativamente à realidade vivida no agrupamento, conclui-se que apesar de ser uma realidade muito assistida por todos os alunos no geral, para esta escola, a maioria dos alunos nunca sofreu nenhuma forma de bullying ou de cyberbullying. É unânime a opinião de todos os participantes neste estudo quando concordam que o bullying verbal e o cyberbullying através das redes sociais são as formas mais recorrentes destas práticas. É importante ter em consideração que, existem algumas limitações que contribuem para a prevalência deste tipo de realidades, nomeadamente a falta de formação/ preparação dos docentes de detetarem e atuarem em situações de bullying e cyberbullying, falta de recursos no agrupamento e as escassas estratégias e atividades de combate ao bullying e cyberbullying realizado tanto em sala de aula como no agrupamento de escolas.

Palavras-Chave: Escola; Bullying; Cyberbullying; Alunos; Docentes.

Perceptions and representation of students and teachers about Bullying and Cyberbullying in one of Evora's school

Abstract

The dissertation “Perceptions and representation of students and teachers about Bullying and Cyberbullying in one of Evora's school” studies the way bullying and cyberbullying is carried out and the consequences on students' academic (in)success in a group of Severim de Faria schools in Évora.

Bullying derives from the English term “Bully” characterized by the Oxford dictionary (2010) as a verb or as a noun. As far as the verb is concerned, it means "to intimidate", "to fight", "to mistreat" and to threaten. As a noun it refers to "aggressor", "brave", "brute" and "insolent". Cyberbullying, on the other hand, is a form of bullying carried out over the internet, mostly through social networks.

To reach the necessary conclusions, many information collection techniques were used, such as bibliographical research, document analysis and the application of a questionnaire as a data collection instrument, which involved class directors and students belonging to the 3rd cycle and secondary education of Severim de Faria school in Évora on the 2022/2023 academic year. The study is carried out through a questionnaire survey and answers the question that served as the basis for this research: What is the reality of bullying and cyberbullying in a school in Alentejo?

From the study carried out, it was found that both teachers and students understand the seriousness of bullying and cyberbullying and the seriousness of the consequences it brings to the lives of those who suffer directly. Regarding the reality experienced in the grouping, it is concluded that despite being a reality very watched by all, for this school, most students have never suffered any form of bullying or cyberbullying. It is the unanimous opinion of all the participants in this study when they agree that verbal bullying and cyberbullying through social networks are the most recurrent forms of these practices. It is important to consider that there are some limitations that contribute to the prevalence of this type of reality, namely the lack of training/preparation of teachers to detect and act in situations of bullying and cyberbullying, lack of resources in the group and the scarce strategies and activities to combat bullying and cyberbullying carried out in the classroom and in a group of schools.

Keywords: School; Bullying; Cyberbullying; Students; Teachers.

Índice Geral

Introdução	1
Parte I - Enquadramento Teórico	4
Capítulo 1 - Bullying e Cyberbullying	5
1.1 - Origem e evolução do conceito de Bullying.....	5
1.2 - Definições de Bullying e Cyberbullying	5
1.3 - Formas de Bullying e as suas consequências.....	8
1.4 - Intervenientes no Bullying e Cyberbullying	11
1.4.1 - Agressores	11
1.4.2 - Vítimas	13
1.4.1 - Testemunhas	15
Capítulo 2 - Bullying e Prevenção e Intervenção no Bullying e Cyberbullying	16
2.1 - Programa de Prevenção do Bullying de Olweus.....	19
2.2 - Plano de Prevenção e Combate ao Bullying e ao Cyberbullying do Ministério da Educação.....	20
Parte II - Metodologia de Investigação	24
Capítulo 3 - Estudo Empírico	25
3.1 - Problemática e objetivos do estudo	25
3.2 - Metodologia	26
2.2.1 - Campo de Investigação	27
3.2.2. - Instrumentos de Recolha de Dados.....	27
3.2.3 - Design	30
3.2.4 - Protocolo Ético	30
Capítulo 4 - Análise dos dados e interpretação dos resultados	30
4.1 - Inquérito por questionário aos docentes	31
4.2 - Inquérito por questionário aos alunos.....	55
Capítulo 5 - Considerações finais	77

5.1 - Triangulação e discussão dos resultados.	77
5.2 - Conclusões	80
5.2.1 - Reflexão sobre a temática do estudo.....	82
5.2.2. - Limitações do estudo	83
5.2.1 - Sugestões para investigações futuras	83
Referências Bibliográficas	84
Apêndices	87
Apêndice 1 - Questionário aos docentes	88
Apêndice 2 - Questionários aos alunos	92

Índice de Figuras

Figura 1 - Etapas do processo de recolha de dados	28
--	-----------

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Matriz do inquérito por questionário.....	28
Tabela 2 - Dados relativos à formação inicial dos docentes	33
Tabela 3 - Dados relativos à maneira como o Bullying influencia o desempenho escolar	46
Tabela 4 - Dados relativos à enumeração de recursos especializados para resolver situações de Bullying e Cyberbullying no agrupamento.....	50
Tabela 5 - Dados relativos à enumeração das atividades sobre Bullying realizadas pelos docentes.....	53
Tabela 6 - Dados relativos à enumeração das atividades sobre Bullying nas aulas	76

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Número de respostas dos alunos por ano letivo.....	31
Gráfico 2 - Dados relativos ao género dos docentes	31
Gráfico 3 - Dados relativos à idade dos docentes	32
Gráfico 4 - Dados relativos ao ciclo que os docentes lecionam	33
Gráfico 5 - Dados relativos ao tempo de lecionação dos docentes.....	34
Gráfico 6 - Dados relativos ao tempo de lecionação dos docentes no atual agrupamento	35
Gráfico 7 - Dados relativos à resolução do Bullying para cada docente	36
Gráfico 8 - Dados relativos à ocorrência do Bullying para cada docente	36
Gráfico 9 - Dados relativos às formas de Bullying que cada docente conhece.....	37
Gráfico 10 - Dados relativos às formas de Bullying mais recorrente que cada docente conhece.....	37
Gráfico 11 - Dados relativos ao local onde é mais recorrente a prática de Bullying.....	38
Gráfico 12 - Dados relativos aos testemunhos de situação de Bullying	39
Gráfico 13 - Dados relativos ao local onde o docente presenciou a situação de Bullying	39
Gráfico 14 - Dados relativos à forma de Bullying presenciadas pelos docentes.....	40
Gráfico 15 - Dados relativos aos recursos digitais realizados no Cyberbullying	41
Gráfico 16 - Dados relativos ao género dos agressores	42
Gráfico 17 - Dados relativos ao género das vítimas	42
Gráfico 18 - Dados relativos à idade dos agressores	43
Gráfico 19 - Dados relativos à idade das vítimas	44
Gráfico 20 - Dados relativos à intervenção das testemunhas	44
Gráfico 21 - Dados relativos à forma como as testemunhas intervieram.....	45
Gráfico 22 - Dados relativos à influência do Bullying no desempenho escolar.....	46
Gráfico 23 - Dados relativos à capacidade de os docentes detetarem e atuarem em situações de Bullying consoante da sua formação inicial	47

Gráfico 24 - Dados relativos à capacidade de os docentes detetarem e atuarem em situações de Bullying consoante da sua formação continua	48
Gráfico 25 - Dados relativos à capacidade de os docentes detetarem e atuarem em situações de Bullying	49
Gráfico 26 - Dados relativos à existência de recursos suficientes disponibilizados pelo agrupamento para resolver situações de Bullying e Cyberbullying	49
Gráfico 27 - Dados relativos à realização de atividades e estratégias para a prevenção ao Bullying e Cyberbullying	51
Gráfico 28 - Dados relativos à enumeração das atividades e estratégias para a prevenção ao Bullying e Cyberbullying	51
Gráfico 29 - Dados relativos à realização de atividades sobre Bullying pelos docentes	52
Gráfico 30 - Dados relativos ao género dos alunos	54
Gráfico 31 - Dados relativos à idade dos alunos	54
Gráfico 32 - Dados relativos ao ciclo frequentado pelos alunos	55
Gráfico 33 - Dados relativos aos anos letivos frequentados pelos alunos	55
Gráfico 34 - Dados relativos à opinião dos alunos acerca do Bullying	56
Gráfico 35 - Dados relativos à ocorrência do Bullying.....	56
Gráfico 36 - Dados relativos ao conhecimento das formas de Bullying dos alunos.....	57
Gráfico 37 - Dados relativos à forma mais recorrente de Bullying segundo os alunos.	58
Gráfico 38 - Dados relativos ao local onde é mais frequente a prática de Bullying.....	58
Gráfico 39 - Dados relativos ao Bullying sofrido pelos alunos.....	59
Gráfico 40 - Dados relativos à forma de Bullying sofrida pelos alunos	60
Gráfico 41 - Dados relativos ao local onde é praticado o Bullying	60
Gráfico 42 - Dados relativos à prática de Cyberbullying	61
Gráfico 43 - Dados relativos ao género dos agressores	62
Gráfico 44 - Dados relativos às idades dos agressores	62
Gráfico 45 - Dados relativos à intervenção das testemunhas	63
Gráfico 46 - Dados relativos à forma como as testemunhas intervieram.....	64

Gráfico 47 - Dados relativos à partilha de situações de Bullying com os Encarregados de Educação.	64
Gráfico 48 - Dados relativos à partilha de situações de Bullying com os professores, diretores de turma ou diretores de escola.	65
Gráfico 49 - Dados relativos à assistência de Bullying pelos alunos	66
Gráfico 50 - Dados relativos à forma de Bullying observada pelos alunos	66
Gráfico 51 - Dados relativos ao local onde o Bullying foi observado	67
Gráfico 52 - Dados relativos ao recurso digital utilizado no Cyberbullying.....	68
Gráfico 53 - Dados relativos ao género dos agressores	68
Gráfico 54 - Dados relativos à idade dos agressores	69
Gráfico 55 - Dados relativos à intervenção das testemunhas.	70
Gráfico 56 - Dados relativos à forma como as testemunhas intervieram.....	70
Gráfico 57 - Dados relativos à partilha de situações de Bullying com os Encarregados de Educação	71
Gráfico 58 - Dados relativos à partilha de situações de Bullying com professores, diretor de turma ou diretor da escola.....	72
Gráfico 59 - Dados relativos à influência do Bullying no desempenho escolar.....	72
Gráfico 60 - Dados relativos à forma como o Bullying afeta o desempenho escolar....	73
Gráfico 61 - Dados relativos à realização de atividades e estratégias para a prevenção ao Bullying e Cyberbullying	74
Gráfico 62 - Dados relativos à enumeração de atividades e estratégias para a prevenção ao Bullying e Cyberbullying	74
Gráfico 63 - Dados relativos à realização de atividades sobre Bullying nas aulas.....	75

Introdução

O conceito de bullying começou a ser estudado no início dos anos 70 pelo psicólogo Dan Olweus, num estudo à escala nacional com recurso a um questionário de comportamentos e vitimização/agressão e com o modelo de intervenção anti bullying.

O termo bullying era conhecido como “mob” ou “mobbing”, antes de surgir a primeira definição em 1993 por Olweus que considerou um comportamento de bullying quando um aluno ao ser agredido se torna uma vítima exposta por um período e continuamente a agressões realizadas por um ou mais indivíduos.

Atualmente o bullying é definido pela Infopédia, dicionário da língua portuguesa, como o conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou morais, realizados intencionalmente e repetidamente contra pessoas mais vulneráveis, maioritariamente em contexto escolar.

O bullying têm várias definições possíveis, mas nenhuma especifica em português, dado ser um fenómeno inglês. Pode ser realizado de forma direta ou indireta.

Bullying direto é realizado através de comportamentos como chamar nomes, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal-estar aos indivíduos. O bullying indireto é praticado através do desprezo pelos outros, o isolamento e a difamação. (Smith e Sharp, 1994; Fante, 2005).

Para Smith (2004), cyberbullying é uma ação agressiva e intencional realizada por um grupo ou por um indivíduo, sob a forma de contato eletrónico, de forma repetida e ao longo de um período contra uma vítima que não consegue se defender com facilidade.

O bullying e o cyberbullying são definidos pelas ações dos intervenientes que podem ser vítimas, agressores ou testemunhas.

A dissertação “Perceções e representação de alunos e professores sobre Bullying e Cyberbullying numa escola de Évora” foi realizada no âmbito do mestrado em Ciências da Educação: Administração, Regulação e Políticas Educativas e focou-se nas práticas de bullying e cyberbullying atualmente muito frequentes, tendo em vista compreender as dimensões da mesma na Escola Severim de Faria, uma escola do Alentejo situada na cidade de Évora.

Desta forma, considerou-se “Qual a realidade do bullying e cyberbullying numa Escola do Alentejo?” como a questão de investigação, à qual os objetivos do estudo pretendem responder.

Definiu-se como objetivo geral: Conhecer a realidade do Bullying e Cyberbullying num Agrupamento de Escolas do Alentejo.

Definiram-se os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar os tipos de bullying existentes no conjunto de escolas do agrupamento.
2. Registrar a prevalência de bullying nos estudantes deste agrupamento.
3. Identificar os diferentes intervenientes no bullying.
4. Verificar o impacto do bullying no (in)sucesso escolar na perceção de atores educativos.
5. Analisar as estratégias de prevenção dos atores educativos e do agrupamento.
6. Entender a realidade do Bullying e Cyberbullying perante os alunos.
7. Investigar como é praticado o Cyberbullying no conjunto de escolas do agrupamento.

O estudo é do tipo descritivo e interpretativo, de carácter transversal com abordagem metodológica quantitativa, dado que foi a aplicação de um questionário o instrumento de recolha de dados.

Relativamente à organização da dissertação, a mesma está organizada em duas partes, a parte I dedicada a todo o enquadramento teórico e a parte II dedicada a toda a metodologia de investigação.

A parte I dedicada a todo o enquadramento teórico é composta por dois capítulos, cada um dividido pelos subcapítulos correspondentes.

O capítulo 1 é dedicado à temática do bullying e cyberbullying e está dividido em quatro subcapítulos.

No primeiro subcapítulo é descrita a origem e evolução do bullying e do seu conceito. No segundo subcapítulo estão descritas as definições dos conceitos de bullying e cyberbullying na perspetiva de diferentes autores. Por sua vez, o terceiro subcapítulo é onde são descritas todas as formas de bullying e as consequências para a vida dos indivíduos. O último subcapítulo do capítulo 1, descreve os intervenientes do bullying e

cyberbullying, nomeadamente a descrição das características dos agressores, vítimas e testemunhas.

O capítulo 2 do enquadramento teórico descreve os métodos de prevenção e intervenção no bullying e cyberbullying e está dividido em dois subcapítulos.

No primeiro subcapítulo do capítulo 2, está descrito brevemente o programa de prevenção do bullying de Olweus (1993) e algumas das suas características. Por sua vez, o segundo e último subcapítulo é dedicado a descrever o plano de prevenção e combate ao bullying e ao cyberbullying do Ministério da Educação.

Relativamente à parte II deste trabalho, a mesma é constituída por três capítulos onde é abordada toda a metodologia da investigação.

O capítulo 3 desenvolve o estudo empírico, onde são descritas a problemática, os objetivos de estudo e a metodologia da investigação. Na metodologia da investigação, é descrito o campo de investigação, a seleção dos instrumentos de recolha de dados, o design seguido, assim como o protocolo ético utilizado.

No capítulo 4 é feita a análise dos dados e a interpretação dos resultados dos dois questionários aplicados, um aos alunos e outro aos docentes.

Por último, o último capítulo desta dissertação é dedicado às considerações finais, onde é realizada a triangulações dos dados e as devidas conclusões.

Em suma, a presente dissertação termina com uma pequena reflexão do estudo desenvolvido, as limitações que ocorreram e possíveis sugestões futuras.

Parte I - Enquadramento Teórico

Capítulo 1 - Bullying e Cyberbullying

1.1 - Origem e evolução do conceito de bullying

O psicólogo Dan Olweus começou a estudar o conceito de bullying no início dos anos 70 na Noruega e na Suécia, através de um estudo à escala nacional que implicou a aplicação de um questionário de comportamentos de vitimização/agressão em aproximadamente 130.000 alunos com o objetivo de verificar a incidência de participação dos alunos em casos de bullying. Os resultados indicaram que 15% dos participantes do estudo estavam envolvidos com casos de bullying, o que demonstrava que 1 entre 7 alunos já eram potenciais vítimas ou atores dos diversos tipos de agressões e que destes 9% eram vítimas e 7% agressores.

O termo científico de bullying surgiu assim em 1978, na universidade de Bergen na Noruega pelo autor Dan Olweus. Até então, este termo, bullying era conhecido como “mob” ou “mobbing”. É, segundo Olweus em 1993, que surge a primeira definição de bullying, considerando que existe um comportamento de bullying quando um aluno ao ser agredido se torna uma vítima exposta a agressões contínuas, realizadas por um ou mais indivíduos.

Dessa forma, para Olweus (1993) e Smith & Sharp (1994), o bullying é o uso abusivo sistemático de poder entre pares ou um processo de agressão propositada e repetida.

Na perspetiva de Antunes e Zuin (2008) o bullying é observado em escolas, no trabalho, em casa, nas forças armadas, prisões, condomínios, clubes e asilos.

Por sua vez, Barboza et al., (2009) e Espelage & de La Rue (2013) definem o bullying como um problema no âmbito educacional que pode ser influenciado por diversos fatores a nível individual, familiar, comunitário, cultural e principalmente escolar.

1.2 - Definições de Bullying e Cyberbullying

O presente subcapítulo é dedicado ao bullying, cyberbullying e as suas diversas definições segundo autores distintos.

Para Smith & Sharp (1994) e Neto (2005), bullying não tem uma tradução para português, dado que é um termo proveniente do inglês. Para os autores, entende-se por bullying as ações realizadas por um indivíduo ou por um grupo de indivíduos, que pretendem intimidar, humilhar e rejeitar os outros sem razão, de forma intencional e repetida.

Olweus (1993 e 1999) e Crothers & Levinson (2004) destacam que o bullying ocorre em diferentes contextos, sem distinção de nível socioeconómico, género ou faixa etária, podendo ocorrer tanto em escolas públicas como privadas.

Whitney e Smith (1993) e Pereira (2009) revelam que o bullying é mais frequente nos recreios escolares, seguido dos corredores, a própria escola e a sala de aula.

Olweus (1994) define bullying como as ações negativas realizadas a uma criança, por um ou mais colegas de forma contínua e propositada. As ações podem ser realizadas através de agressões físicas ou verbais, gestos obscenos ou exclusão intencional de grupo de amigos.

De acordo com Roland (1994), bullying é um comportamento agressivo, tanto físico como psicológico, realizado por um ou mais sujeitos e praticado contra uma pessoa incapaz de se defender sozinha.

Para Pereira (1997), o bullying é o conjunto de comportamentos agressivos de intimidação com características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro que resultam em práticas violentas, exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente.

Segundo Slee (1998), os comportamentos de bullying são praticados com o intuito de magoar, de forma repetida ou continuada no tempo, tanto física como psicologicamente.

Na perspetiva de Costa & Vale (1998) o bullying apresenta as seguintes características:

- Agressão física, verbal ou psicológica realizada propositadamente com intenção de magoar e provocar sofrimento;
- Agressões contínuas ou pontuais, mas frequentemente com carácter repetitivo;
- No comportamento de bullying existe uma desigualdade de poder, para quem pratica as ações e para quem sofre;

- Os agressores podem ser uma ou várias pessoas ou ainda vários grupos de pessoas em momentos diferentes;
- Causa sofrimento, podendo ser dor física ou perturbação emocional.

Segundo Smith et al. (1999), o bullying é um comportamento agressivo e vicioso, por ser repetido e dirigido a uma vítima em particular que não se consegue defender.

Para Marques (2001) existe um comportamento de bullying quando:

- Magoam os outros intencionalmente;
- Existem agressões contínuas;
- Há maior poder do agressor consoante a sua idade, género e estrutura física;
- Existe carência no apoio da vítima.

Pereira (2002) define o bullying como comportamentos agressivos de intimidação ao outro na qual resultam práticas violentas exercidas por um indivíduo ou grupos, com carácter regular e frequente.

Segundo Seixas (2005), em Portugal as formas mais conhecidas para referenciar o termo bullying são o de “agressão no contexto escolar”, “coação”, “provocação” e “implicar com as pessoas”.

Na sua perspetiva, Fante (2005) define o bullying como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros(s), causando dor, angústia e sofrimento. São consideradas manifestações de comportamento de bullying, os insultos, intimidações e apelidos cruéis, que magoam profundamente, acusações injustas, atuações de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-o à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais.

De acordo com Silva (2006), o bullying é denominado como os atos que antigamente eram considerados como brincadeiras ou comportamentos de mau gosto que trazem consequências graves à vida dos indivíduos que não se sentem confortáveis em pedir ajuda, tornando o bullying um fenómeno ainda desconhecido pela maioria da população.

Segundo Pinheiro (2006), bullying é uma forma de violência frequente ocorridas entre colegas na escola e considera que alguns autores utilizam o termo intimidação para se referirem ao fenómeno de bullying.

Lopes (2005) define bullying como dividido em duas formas, o bullying direto, que engloba a imposição de apelidos, assédios, agressões físicas, ameaças, roubos e ofensas verbais. Por sua vez, o bullying indireto envolve atitudes de indiferença, isolamento e difamação e o cyberbullying.

Para Fante e Pedra (2008), cyberbullying é a forma virtual de praticar bullying recorrendo a ferramentas de internet, tecnologias de informação e comunicação como redes sociais, e-mails, blogs e MSN com o intuito de maltratar e humilhar os indivíduos.

Beane (2010) define cyberbullying como constituinte do bullying social e relacional em que as agressões são realizadas em páginas web, e-mail, mensagens de texto e por outros meios virtuais.

Para Silva (2010), cyberbullying é mais uma manifestação do bullying que é capaz de espalhar de maneira mais abrangente calúnias e maledicências.

Segundo Bill Basey, primeiro autor a criar um site e discutir o problema do cyberbullying, este fenómeno envolve o uso de informação e tecnologias de comunicação como e-mail, telemóvel, mensagens, sites especializados em difamar ou ofender alguém para apoiar o comportamento hostil deliberado e repetitivo adotado por um indivíduo ou grupo, com intenção de magoar outras pessoas.

De acordo com Pessoa & Amado (2014) definem cyberbullying como a utilização de tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente os telemóveis e a internet, com o intuito de hostilizar e magoar deliberadamente um indivíduo.

1.3 - Formas de Bullying e as suas consequências

Segundo Dawkins (1995) e Smith (2022) existem características específicas de um indivíduo que podem torná-lo mais propício a ser vítima de bullying, características como orientação sexual, etnia, idade e altura.

O bullying apresenta diversas formas de ser aplicado, mas para a maioria dos autores o mesmo pode ser qualificado como bullying direto ou indireto, consoante o tipo de violência praticado.

Olweus (1993) e Smith & Sharp (1995) indicam que o bullying direto, tanto físico como verbal, inclui agressão física, abuso sexual, roubo ou deterioração de objetos de

outra pessoa, extorsão, insultos, apelidos e comentários racistas. A forma de bullying indireto, por sua vez, compreende a exclusão de uma pessoa do grupo, intrigas e apelidos que magoam o outro.

Smith e Sharp (1994) e Fante (2005) distinguem as duas formas de bullying direto e indireto. A direta inclui as agressões físicas, como bater, chutar e roubo de pertences, e verbais, nomeadamente o apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar e constranger. Por sua vez, a forma indireta acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando a discriminação e exclusão da vítima do seu grupo social. Para os autores, as agressões físicas são mais comuns entre rapazes, enquanto para as meninas seja mais frequente a forma verbal.

Pearce & Thompson (1998) consideram como manifestações de bullying direto, o chamar nomes, agressões físicas ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal-estar aos indivíduos. Por outro lado, consideram o bullying indireto como o desprezo pelos outros, o isolamento e a difamação.

Rodriguez (2004) distingue quatro formas de bullying:

- **Verbal** - Difamar, ameaçar e humilhar;
- **Física** - Agressões, pontapés, cotoveladas e empurrões;
- **Emocional** - Chantagem, enganar a vítima e distorcer a realidade para obter o que pretende;
- **Sexual** (raramente praticado) - Abusos e atitudes indecentes sem o consentimento da vítima e exigência de favores sexuais.

Segundo Serrate (2009) as agressões verbais, seguidas pelas agressões físicas e por último a exclusão social são as formas de bullying mais recorrente.

Musitu et al. (2011) destacam como potenciadores de bullying os fatores individuais, familiares, escolares e sociais, nomeadamente:

- Fatores biológicos e psicológicos;
- Problemas e conflitos familiares, ambiente familiar negativo, prepotência e negligência parental;
- Relação negativa entre professor e aluno, rejeição à escola e agressividade dos colegas;

- Falta de recursos e desvalorização social face à violência nos meios de comunicação.

É importante ter-se em consideração que o continuar de tais práticas traz consequências de diversas dimensões para a vida de quem pratica, observa, mas principalmente para quem sofre.

Segundo Olweus (1993) e Garaigordobil & Martínez-Valderrey (2014) o bullying de forma recorrente traz as vítimas consequências muito negativas como a baixa autoestima, depressão, difícil inclusão no contexto escolar e irregularidade no aperfeiçoamento das aprendizagens.

Para Pereira (2001) as formas de bullying indireto são mais difíceis de identificar e, conseqüentemente, as que produzem os efeitos mais graves e duradouros.

Ainda segundo Pereira (2002) o bullying traz consequências para a vida das vítimas, nomeadamente, apresentam vidas infelizes, destruídas, pelo medo, perda de autoconfiança e confiança nos outros, falta de autoestima e autoconceito negativo e depreciativo, falta de concentração, morte (muitas vezes suicídio ou vítima de homicídio), dificuldades de ajustamento na adolescência e vida adulta como problemas nas relações íntimas.

Na perspectiva de Griffin & Gross (2004) para os autores de bullying as consequências podem ser desastrosas a longo prazo, aumentando a probabilidade de se envolverem em situações de violência doméstica, delinquências ou crimes de maior vulto.

Antunes & Zuin (2008) revelam que o bullying tem o seu impacto na medida em que o ambiente, a sociedade, a cultura e a violência em que estão inseridos limita o desenvolvimento dos indivíduos e da sua personalidade.

Kowalski & Limber (2012) consideram que todos os intervenientes do bullying, agressores, vítimas e testemunhas podem sofrer consequências emocionais e físicas que afetam a saúde física, o bem-estar emocional e o seu desempenho escolar.

De acordo com Gower et al. (2015) independentemente de ser agressor, vítima ou testemunha, a participação em situações de bullying é prejudicial ao desempenho escolar.

Cunha & Monteiro (2018) acreditam que, apesar das consequências maiores se reflitam mais frequentemente nas vítimas, tanto agressores como quem observa são

recetores de aprendizagens e práticas que prejudicam e influenciam o seu comportamento presente e futuro.

1.4 - Intervenientes no Bullying e Cyberbullying

Para Wachtel (1973) citado por Besag (1989) o bullying está associado a um desequilíbrio sistémico de poder entre quem agride e quem é vítima.

Segundo Dawkins (1995) pode definir-se o bullying pela ação dos participantes, que podem ser considerados como vítimas, agressores ou testemunhas.

De acordo com Pereira (2001) para chegarem onde pretendem, os agressores recorrem à violência, por sua vez as vítimas revelam insegurança na sua relação com os outros.

1.4.1 - Agressores

A definição de agressores segundo Olweus (1993) considera-os como fisicamente fortes, agressivos com os pares e adultos e sem empatia nem remorsos para com as vítimas dos seus comportamentos. Apresentam uma maior tendência para o recurso à violência, são impulsivos e sentem necessidade de dominar os outros. Olweus (1993) considera ainda que, as atitudes incorretas e o não cumprimento das regras e normas de convivência, levam os agressores a entrar numa vida de pré-delinquência, sujeitos a problemas de conduta, com a droga, alcoolismo, crimes, terminando muitas vezes na prisão.

Para Olweus (1993) é possível distinguir os agressores em dois tipos, os agressores passivos ou seguidores da qual fazem parte os indivíduos inseguros que participam nas agressões, mas não tomam a iniciativa, e os agressores típicos que são indivíduos com força física que reagem sempre com agressividade.

Segundo Dawkins (1995) e Eslea & Rees (2001) as atitudes de violência praticada pelos agressores podem derivar de problemas como impulsividade, hiperatividade, défice de atenção e desempenho escolar, para além de fragilidades familiares como maus-tratos e excesso de permissividade dos pais.

DeHaan (1997) indica que o contexto familiar dos agressores é de pouco carinho e afeto, com uma distância familiar maior que impede a partilha de problemas.

De acordo com Hazler et al., (1997) os agressores são portadores de inúmeras características, nomeadamente:

- Ações negativas para com os outros;
- Frequente exposição e prática a agressões;
- Falta de compaixão pelas vítimas;
- Controlo dos outros com o uso da força ou com ameaças físicas e verbais;
- Cruéis e vingativos;
- Péssimos exemplos de regras familiares, sociais e de resolução de problemas;
- Negligência dos pais e indisciplina;
- Inclusão em grupos violentos;
- Agressão como forma de garantir a imagem física superior importante para os seus sentidos de poder e controlo;
- Frequentes abusos físicos e emocionais em casa;
- Exibem ações negativas, violentas e criam ressentimento.

Para Pearce & Thompson (1998) e Chesson (1999) os agressores são indivíduos mais dominantes que os seus alvos, mais populares e com comportamentos antissociais.

Olweus (1999) definiu três características frequentes nos agressores:

1. Grande necessidade de poder;
2. Satisfação em provocar ferimentos e sofrimento aos outros;
3. Coação das vítimas, com o intuito de obter os seus bens materiais.

Na perspetiva de Lima & Matos (2002) e Haber & Glatzer (2009) os agressores têm uma maior tendência para comportamentos de risco, nomeadamente fumar, álcool, substâncias ilícitas e episódios de delinquência e violência.

Segundo Rodriguez (2004) os agressores acreditam que as suas atitudes não serão punidas, dado que as vítimas e as testemunhas não denunciam as situações com medo de represálias.

Capucho & Marinho (2008) acreditam que normalmente os agressores provém de famílias desestruturadas onde os vínculos afetivos estão fragilizados e o recurso a agressividade é frequente quando se pretende resolver os problemas do quotidiano pelos próprios pais ou responsáveis pelos menores.

Para Barros et al. (2009) os agressores procuram ser os centros das atenções e o poder, para além de quererem todas as suas vontades realizadas, sentem prazer em agredir, ridicularizar e ameaçar as vítimas.

Matos et al. (2009) considera os agressores mais fortes, com mais autoestima e mais velhos dos grupos que pertencem, têm um rendimento escolar baixo e estão regularmente envolvidos em conflitos.

Para Matos et al. (2009) os agressores manifestam os seus comportamentos de bullying de forma diferente, os rapazes por ação direta e as meninas por agressão indireta.

Na sua perspetiva Beane (2006) considera que futuramente os agressores irão ter problemas judiciais, praticar ações violentas com a própria família e colegas de trabalho, assim como ter dificuldades em realizar novas amizades e manter relações estáveis com os outros.

1.4.2 - Vítimas

Boulton & Smith (1994) consideram a vítima de bullying como aquela com quem frequentemente implicam, batem, arrelham ou fazem coisas desagradáveis sem qualquer razão. Olweus (1993) refere que a frequência em ser vítima decresce com o avançar da idade.

Dawkins (1995), Pearce & Thompson (1998) e Carney & Merrel (2001) consideram as vítimas como os indivíduos que estão sujeitas as ações praticadas por outro(s) de forma continuada e por um determinado tempo. Para eles, as vítimas são indivíduos incapazes de se defender, reagindo e impedindo qualquer forma de violência, dado que são inseguros e pouco sociáveis.

Segundo Hazler et al., (1997) as vítimas são portadoras de diversas características, tais como:

- Fracas competências sociais e menor popularidade;
- Poucas competências interpessoais;
- Dificuldade em agir para ganhar aceitação e sucesso;
- Incapacidade de comunicar em situações de stress;
- Atitudes associados à depressão e isolamento social;
- Incapacidade de aceitação pessoal;

- Receio de ir e frequentar a escola;
- Esteticamente mais novos, pequenos e frágeis do que os agressores;
- Falta de autoestima e confiança.

Costa e Vale (1998) revelam que as vítimas normalmente não apresentam comportamentos nem atitudes agressivas e que por norma são contra a violência.

De acordo com Duncan (1999) as vítimas de bullying, mesmo após deixarem a escola, em comparação com indivíduos que nunca sofreram bullying são mais propícias a sofrer depressões, baixa autoestima e dificuldade em se relacionar com os outros na idade adulta.

Rodríguez (2004) refere que as vítimas podem vir a apresentar défices de atenção e na aprendizagem, pouca energia, depressão e solidão.

Segundo Fante (2005) na maior parte das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha ou por medo de represálias, ficando reféns dos acontecimentos traumáticos, inseguranças, medos, raiva e pensamentos negativos que originam fobias sociais e outros comportamentos que impedem o seu bom desempenho escolar.

Neto (2006) definiu os seguintes sinais frequentes em vítimas de bullying:

- Desculpas para se recusarem a ir à escola;
- Comportamentos de tristeza, melancolia e angústia;
- Caminhos alternativos na ida e volta da escola;
- Diminuição do rendimento escolar, notas baixas e dificuldades de aprendizagem;
- Redução da socialização com colegas, isolam-se;
- Pedidos injustificados de dinheiro aos pais;
- Arranhões e hematomas não justificados;
- Objetos pessoais danificados;
- Queixas de mal-estar geral, como fadiga, dores de cabeça e de estômago.

Segundo os autores podem classificar-se dois tipos de vítimas:

Beane (2006) considera que existem dois tipos de vítimas, as passivas que são solitárias, sensíveis e com fraco poder de autodefesa, não sendo capazes de reagir as situações de violência e as vítimas provocadoras que são irrefletidas, insuportáveis,

insultam e provocam os agressores para as magoarem, porém no final não são capazes de se defenderem dessas situações.

As vítimas passivas, segundo Haynie et al., (2001) & Matos & Gonçalves (2009) são mais inseguras, ansiosas em comparação como os outros estudantes e apresentam uma atitude negativa contra a violência. Olweus (1997), Lima & Matos (2002) e Gouveia (2011) consideram-nas como mais sensíveis, cautelosas e sossegadas, com níveis mais baixos de autoestima.

As vítimas provocativas, para Matos & Gonçalves (2009) são uma minoria, que normalmente apresentam deficiência ao nível das competências de aprendizagem e sociais que os tornam insensíveis a outros estudantes. São vítimas que provocam a agressão através de comportamentos inadequados, com o objetivo de serem atacados e posteriormente se queixarem das agressões.

Matos et al., (2009) considera que as vítimas de bullying são mais frequentemente alunos mais novos, dado que acredita que a frequência de bullying diminua com o avançar da idade e da escolaridade.

1.4.3. - Testemunhas

Dawkins (1995) e Lopes Neto (2005) consideram como testemunhas os indivíduos que não se envolvem diretamente nas situações de bullying, mas assistem, reagem passivamente à violência ocorrida e calam-se com medo, protegendo assim os agressores e contribuindo para a continuidade desses atos.

Segundo Neto (2005) testemunhar situações de bullying é o principal motivo para a perda do interesse pelo contexto escolar, comprometendo assim o desenvolvimento social e escolar dos indivíduos.

De acordo com Barros et al., (2009) as testemunhas, observadores ou não participantes, mesmo não estando envolvidos nos atos violentos, testemunham e convivem com os episódios de bullying, ficando calados e guardando os sentimentos negativos que observam.

Barros (2009) revela que as testemunhas ao estarem envolvidas com o bullying estão sujeitos a inúmeras consequências negativas que influenciam as suas atividades sociais por terem sido expostos a grandes situações de violência.

Para Serrate (2009) na maior parte das vezes as testemunhas passam a viver com medo ou são coagidas a fazer parte do grupo do agressor.

Silva (2010) divide as testemunhas em três grupos distintos, as passivas, ativas e neutras.

As testemunhas passivas não participam nas agressões, quando se depararam com atos de violência, com medo de represálias e de se virem a tornar vítimas. Por sua vez, as testemunhas ativas apesar de não se envolverem diretamente nas agressões, incentivam os atos de violência que presenciam, encorajando os agressores a continuarem as agressões. Por último, as testemunhas neutras são aquelas que não intervêm nem demonstram empatia pela vítima que está a sofrer bullying.

Carvalhosa (2010) considera que as testemunhas são indivíduos com competências sociais e pessoais adequadas a agir para a prevenção destas situações de bullying, devendo relatar e não tolerar os comportamentos agressivos que tiverem conhecimento.

Capítulo 2 - Prevenção e Intervenção no Bullying e Cyberbullying

Carvalhosa (2010) considera que os projetos de prevenção da violência e do bullying em contexto escolar pretendem a adoção de comportamentos não violentos e a redução da sua prevalência na comunidade educativa, criando um ambiente escolar seguro e amigável.

Para Batsche (1999) o bullying é uma das formas mais recorrentes de violência na escola.

Rigby (2002) revela que o professor tem opiniões distintas na resolução de comportamentos de bullying e o que o constitui, tendo em conta a frequência e a gravidade das situações.

Royer (2003) acredita que os professores devem ter formação adequada para adquirirem competências que os capacitem a intervir e impedir práticas agressivas.

De acordo com Amado & Freire (2002) a prevenção da violência na escola constitui simultaneamente uma ação preventiva do insucesso, da desmotivação e do abandono escolar, a curto e médio prazo, e de fenómenos de carácter social, como a delinquência e a exclusão social, a longo prazo.

Segundo Fante (2005) e Monteiro (2008) a intervenção e prevenção do bullying dependerá da consciência da comunidade escolar e da consciência da dimensão do problema, ou seja, para intervir e prevenir é necessário ter conhecimento e aceitar que o problema é real.

Na opinião de Neto (2006) a escola deve estar atenta às reclamações, depoimentos e denúncias de violência por parte dos alunos, identificando as vítimas e os agressores envolvidos na situação descrita. Os professores, funcionários, pais e alunos devem estar envolvidos na implementação de medidas para diminuir o bullying, nomeadamente o estabelecimento de normas e ações que priorizem o bullying e a conscientização do mesmo.

Pereira (2001) descreve as fases de intervenção em seis pontos:

- Projeto educativo da escola, comunicação intraescolar e envolvimento da comunidade educativa;
- Sensibilização da formação dos docentes, conselho executivo, auxiliares de ação educativa, pais e encarregados de educação;
- Os tempos livres na escola;
- Melhoramento dos recreios e oferta de equipamentos móveis;
- Monitorização dos recreios;
- Encaminhamento e acompanhamento de crianças vítimas e agressoras.

Segundo Ferreira et al., (2010) os professores preocupam-se com as vítimas, agressores e as testemunhas, na medida em que se sentem responsáveis por desenvolver estratégias para combater este tipo de comportamentos.

Para Beane (2006) em casos de maior incidência e gravidade, deve ser ponderada a criação de um programa de aconselhamento.

Martins (2007) acredita que a escola deve ter regras adequadas à idade dos alunos e deve permitir que os pais e os alunos participem na elaboração do regulamento e no estabelecimento de sanções para este tipo de infrações.

De acordo com Martins (2007), nos programas de prevenção e intervenção do bullying a comunidade, a organização escolar, as turmas e as práticas pedagógicas devem estar envolvidas para ajudarem indivíduos e grupos.

Pereira (2008) considera que os recreios devem ser bem supervisionados pelos funcionários, para auxiliarem os alunos ou as situações que possam ocorrer.

Kochenderfer-Ladd e Pelletier (2008) indicam que os professores são envolvidos na implementação de medidas anti bullying, visto serem importantes na prevenção do bullying nas escolas.

Carvalhosa (2010) refere que as intervenções praticadas no contexto do bullying escolar, classificam-se em três tipos de prevenção: primária, secundária e terciária.

Para Negreiros, Simões e Gaspar & Matos (2009) a intervenção primária antecede o comportamento incorreto e pretende desenvolver comportamentos de nível físico, psicossocial e cultural. Por sua vez, a secundária acontece após o problema surgir, agindo para que o mesmo seja travado o mais precoce possível para evitar possíveis problemas psicológicos e educacionais. A última intervenção, a terciária, acontece após o problema estar identificado e pretende minimizar e corrigir os problemas que advertiram desse problema, junto dos grupos de risco.

Peréz (2003) e Veiga (2007) citados por Musitu et al. (2011), sugerem as seguintes medidas de prevenção e proteção contra o bullying:

- Criação de um ambiente escolar acolhedor e harmonioso envolvendo os alunos;
- Implementação atividades que promovam as relações sociais e pessoais;
- Atenção especializada para com as vítimas;
- Interação dos alunos nas tomadas de decisão relativas à escola e à resolução de conflitos;
- Supervisionar os recreios e incentivar os docentes para a importância da não-violência nas escolas.

Carvalhosa (2010) indica as seguintes atividades em contexto escolar, dos professores, pais e encarregados de educação, para prevenir e combater situações de bullying na escola:

- Combater a discriminação;
- Disponibilizar ajuda aos alunos que sofrem de bullying escolar;
- Supervisionar os recreios;
- Responsabilizar os alunos envolvendo-os na participação e tomada de decisões;

- Favorecer o equilíbrio entre o corpo docente;
- Estabelecer regras anti bullying, presentes no Regulamento Interno;
- Estabelecer com os encarregados de educação encontros de modo a trabalhar as relações à base de afeto e respeito mútuo;
- Realizar parcerias com elementos que trabalham na diminuição e prevenção do bullying escolar.

Simões et al. (2009) reforçam que é fundamental trabalhar com a família, principalmente quando a criança é inserida num ambiente escolar novo que pode resultar em ações de agressividade e baixos resultados escolares.

Beane (2006) como forma de prevenir situações de bullying sugere as seguintes atividades desenvolvidas em sala de aula:

- Abordar a temática do bullying, onde o professor colocar questões e/ou partilhar factos sobre o bullying;
- Pedir aos alunos que respondam a um questionário sobre o tema e no final organizar um debate e explorar as respostas;
- Partilhar histórias sobre o bullying, convidando os alunos a contar as suas próprias experiências em situações que envolveram comportamentos de bullying.

Carvalhosa (2010) propõe as seguintes atividades para realizar com os alunos com o objetivo de prevenir o bullying:

- Conceção de regras anti bullying, debates e palestras sobre o tema;
- Trabalhar as emoções, a resolução de conflitos e a tolerância;
- Identificar e valorizar as qualidades dos alunos;
- Realização de jogos e atividades lúdicas em grupo, de modo a desenvolver a colaboração na prevenção da violência.

Para Carvalhosa (2010) os projetos de prevenção do bullying escolar devem ser simples e de fácil resolução, contribuindo para a saúde e diminuição da violência, tendo em conta os recursos disponíveis na escola e as orientações para cada faixa etária.

2.1 - Programa de Prevenção do Bullying de Olweus:

Olweus (1993, 2001 e 2010) implementou um programa de prevenção do bullying: Olweus Bullying Prevention Program.

O programa de prevenção do bullying, é um programa escolar com o objetivo de reduzir os casos de bullying e atingir relações saudáveis entre os pares em contexto escolar, de sala de aula, individualmente e em comunidade. Envolve os funcionários, os pais, os alunos e a comunidade numa tarefa de combate ao bullying.

Foram definidas pelo plano de prevenção proposto por Olweus as seguintes características:

- Criação de regras contra o bullying nas escolas;
- Envolver os professores e os familiares neste plano, de forma a realçar para o problema, avançando no sentido de eliminar alguns mitos sobre o bullying;
- Apoiar e proteger às vítimas.

Para além das características anteriores, segundo o plano de Olweus, os adultos na escola e em casa devem:

- Mostrar entusiasmo e interesse nas crianças;
- Definir limites a comportamentos inaceitáveis;
- Utilizar consequências consistentes sem recorrer a comportamentos físicos ou hostis quando as regras são quebradas;
- Funcionar simultaneamente como autoridade e modelo.

O programa de prevenção de bullying de Olweus, foi implementado em vários países pelo mundo e em inúmeras escolas dos Estados Unidos.

De acordo com a página do programa, o mesmo tem como objetivo a prevenção do bullying, formação de pessoas interessadas pelo programa de prevenção, informações e apoio aos pais, educadores, administradores escolares e população em geral.

2.2 - Plano de Prevenção e Combate ao Bullying e ao Cyberbullying do Ministério da Educação:

Em Portugal, para o combate ao bullying e cyberbullying, o Ministério da Educação lançou a 21 de novembro de 2019 o “Plano de Combate ao Bullying e Ciberbullying”.

Segundo o comunicado partilhado em Diário da República Portuguesa, o plano de combate ao bullying e cyberbullying aposta na sensibilização, na prevenção e na definição de mecanismos de intervenção em meio escolar, com o envolvimento de vários serviços.

A campanha do plano descrito intitulou-se “Escola Sem Bullying. Escola Sem Violência” que ficou disponível para todos os alunos, famílias e escolas a 20 de outubro desse ano, assinalando o Dia Mundial de Combate ao Bullying.

O “plano de prevenção e combate ao ciberbullying” foi elaborado pela Direção-Geral da Educação, em conjunto com a Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares e a Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência e as respetivas ferramentas de apoio à sua implementação juntamente com as especialistas na área.

Segundo o despacho n.º 8404-C/2019 partilhado em Diário da República, este plano tem como objetivo “erradicar o bullying e o ciberbullying nas escolas, enquadrando-os no contexto mais amplo da violência em meio escolar, ajudando a reconhecer sinais de alerta, lançando orientações e capacitando as Escolas para a utilização de diferentes abordagens de prevenção e intervenção (respeitando a autonomia e a realidade de cada Escola)”.

De acordo com o comunicado partilhado, os recursos e orientações que constam no plano de prevenção e combate ao cyberbullying são os seguintes:

- A constituição de **equipas “Escola Sem Bullying. Escola Sem Violência”**, compostas por vários elementos; coordenador da Promoção e Educação para a Saúde, coordenador da Equipa Multidisciplinar, coordenador da Estratégia para a Cidadania, coordenador de escola e de diretores de turma, psicólogos, professores, alunos, entre outros, que cada escola entenda como sendo os mais indicados. Esta equipa terá como missão, entre outras, a promoção de ações de sensibilização e prevenção para a comunidade educativa. Além das iniciativas no campo da prevenção, pretende-se que, perante um caso concreto de bullying e/ou cyberbullying, os profissionais que integram estas equipas possam intervir o mais rapidamente possível, articulando, sempre que necessário, com a Equipa de Saúde Escolar.

- O **compromisso “Turma Sem Bullying. Turma Sem Violência”**, um ato simbólico que será firmado por todas as turmas de todas as escolas, com um conjunto de cláusulas que vão no sentido do respeito pelo outro e da não violência.

- A disponibilização de **um site e páginas sociais** com conselhos para alunos, famílias e escolas; instrumentos de literacia; projetos e outras iniciativas que já existem e se enquadram nesta temática. Serão ainda divulgadas as boas práticas partilhadas pelas escolas.

- Por forma a capacitar as Escolas para a resposta a dar perante este fenómeno, será ainda **promovida formação** a disponibilizar nos Centros de Formação de Associação de Escolas, bem como outras formações com recurso a plataformas e-learning e lançada uma **2.ª edição do MOOC “Bullying e Cyberbullying: Prevenir & Agir”**, cuja primeira edição foi lançada no final do ano letivo de 2017/2018, e que contou com mais de 2 mil participantes (docentes, psicólogos, sociólogos, forças de segurança, entre outros agentes educativos).

- No decorrer dos trabalhos de preparação deste Plano, foi introduzida uma **melhoria na Plataforma SISE (Sistema de Informação de Segurança Escolar)**, que passou pela introdução de um novo campo que permite aos diretores indicarem a existência de um caso de bullying e/ou cyberbullying. Desta forma, contorna-se o facto de estes casos não serem considerados uma tipologia de crime. Haverá ainda um **reforço na sensibilização, junto dos diretores, sobre a importância deste registo para monitorização do fenómeno** e tomada de decisões a nível local, regional ou nacional.

Ainda segundo a informação publicada em Diário da República, este plano inclui uma certificação ao trabalho desenvolvido pelas escolas e equipas construídas pelos critérios definidos.

De modo a acompanhar e monitorizar a aplicação deste plano, foi criado um grupo de trabalho, composto por elementos dos serviços e organismos do Ministério da Educação, com a missão de apoiar a comunidade escolar na promoção de uma “Escola Sem Bullying. Escola Sem Violência”.

De acordo com o despacho n.º 8404-C/2019 publicado em Diário da República, ao **Grupo de Trabalho “Escola Sem Bullying. Escola Sem Violência”** caberá, entre outras funções:

- Promover a celebração de parcerias e protocolos com instituições/organizações que colaborem no combate ao bullying e cyberbullying;

- Monitorizar a nível nacional a existência de situações de violência em contexto escolar, em particular do bullying e cyberbullying.

Ainda segundo o despacho publicado, o grupo de Trabalho apresentará à tutela um relatório final sobre os trabalhos desenvolvidos e os resultados alcançados, com recomendações e propostas de atuação para o futuro.

Parte II - Metodologia de Investigação

Capítulo 3 - Estudo Empírico

Este capítulo é dedicado à descrição de toda a metodologia usada nesta investigação, nomeadamente as fases que procedem o enquadramento teórico.

Dessa forma, neste capítulo é apresentado a problemática e os objetivos da investigação. São apresentados também a modalidade, assim como o campo de investigação. Por fim, são apresentados os métodos de recolha de dados e o protocolo ético que foi seguido.

Para Cohen & Manion (1980) e Santos (1999 e 2002) pode definir-se a investigação como o processo mais fiável de obter as soluções para os problemas, através de recolhas previamente planeadas, sistemáticas e a respetiva interpretação de dados. É uma ferramenta fundamental para atingir mais conhecimento e o processo científico, permitindo ao Homem encontrar os meios corretos para a resolução dos seus conflitos.

3. 1 - Problemática e objetivos do estudo

Segundo Ander-Egg (1978) cit. por Marconi & Lakatos (2003) investigar é um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico que permite descobrir novos factos ou dados, relações ou leis em qualquer campo do conhecimento. Bell (1997) revela que a investigação é feita com o intuito de resolver conflitos e alargar conhecimentos, ou seja, é um processo que visa enriquecer o conhecimento já existente.

Desta forma, a escolha da problemática em estudo deveu-se a uma grande ponderação da temática, com vista a uma maior busca de conhecimentos e tentativa de conhecer o fenómeno em causa e encontrar soluções para a resolução do problema.

Segundo Olweus (1993), Fante (2005), Silva (2009), Beane (2010) e Rolim (2010) o bullying apresenta-se de maneira explícita/direta ou indireta/velada, podendo ser físico, verbal, relacional, sexual e, com o advento da popularização da internet e de suas redes sociais também virtual. Geralmente a vítima ou vítimas são atacadas pela combinação destas formas de bullying, aumentando a possibilidade de a experiência ser intensa e traumática.

Para Beane (2010) cyberbullying é parte integrante do que chamou de bullying social e relacional, e consiste nas agressões feitas em páginas na web, e-mail, mensagens de texto e assim por diante.

Para Santos (1999 e 2002), em âmbito educacional, numa investigação existem, características específicas próprias dos fenómenos educativos em estudo, com uma multiplicidade de fins e objetivos que lhes estão associados.

Desse modo, foi definido o seguinte objetivo geral: Conhecer a realidade do Bullying e Cyberbullying num Agrupamento de Escolas do Alentejo, que foi repartido em 7 objetivos específicos:

1. Identificar os tipos de bullying existentes no conjunto de escolas do agrupamento.
2. Registrar a prevalência de bullying nos estudantes deste agrupamento.
3. Identificar os diferentes intervenientes no bullying.
4. Verificar o impacto do bullying no (in)sucesso escolar na perceção de atores educativos.
5. Analisar as estratégias de prevenção dos atores educativos e do agrupamento.
6. Entender a realidade do Bullying e Cyberbullying perante os alunos.
7. Investigar como é praticado o Cyberbullying no conjunto de escolas do agrupamento.

3.2 - Metodologia

Para Marconi e Lakatos (2007) a metodologia nasce da conceção sobre o que pode ser realizado e a partir da “tomada de decisão fundamenta-se naquilo que se afigura como lógico, racional, eficiente e eficaz”.

Estudos de Caso podem ser definidos, conforme o pensamento de Cohen et al. (2018) e Branski et al. (2010), como um método de pesquisa que faz uso de dados oriundos de uma realidade específica e real, com o fim de explicar, explorar ou descrever fenômenos atuais em um contexto específico. E para Yin (2013), é essencial que o estudo de caso seja escolhido quando se pretendem obter as respostas de “Como e Porquê?” no final da investigação, o comportamento dos envolvidos não seja manipulado, exista interesse em compreender o contexto e o seu impacto no fenómeno a ser estudado e/ou quando os limites entre o fenómeno e o contexto não são claramente definidos.

Deste modo, este estudo é um estudo descritivo e interpretativo de carácter transversal com abordagem quantitativa. É transversal, pois foram recolhidas informações sobre uma população num determinado momento (MacDonald e Headlam)

e descritivo, pois descreve características de uma dada população ou estabelece relações entre variáveis (Lakatos, Marconi, 2003).

Relativamente à modalidade da investigação, este estudo segue uma investigação onde o investigador não intervém. É uma modalidade onde o estudo é extensivo e conhecido como surveys, onde o procedimento é de pesquisa quantitativa e se fornece um ou mais questionários a uma amostra significativa para identificar diversas características de uma determinada população.

Para Lefévre (1990) cit. Pacheco (1995) a abordagem quantitativa procura comprovar teorias, recolher dados para confirmar hipóteses e generalizar fenómenos e comportamentos. Segundo Corbin & Strauss (2015) é a abordagem que gera resultados numéricos ou estatísticos, ou seja, os dados que podem ser medidos ou contados.

3.2.1 - Campo de Investigação

A população consiste no conjunto dos sujeitos, casos ou observações relativas a um determinado fenómeno que se quer estudar e sobre o qual se deseja obter um determinado tipo de informações (Haro et al., 2016).

A população em estudo, são docentes de um agrupamento de escolas do Alentejo, a Escola Severim de Faria e a população-alvo são os alunos da escola em questão.

A amostra é o conjunto de sujeitos, casos ou observações extraídas de uma população em estudo de um determinado fenómeno (Haro et al., 2016). Relativamente à amostra desta investigação, engloba docentes e alunos do agrupamento de escolas do Alentejo, a Escola Severim de Faria inquirido, nomeadamente 34 docentes, diretores de turma dos alunos do 3º ciclo e ensino secundário e 101 alunos de determinada escola do agrupamento, uma turma de 7º, 9º, 10º e 12º ano de escolaridade, composta por 24, 27, 23 e 27 alunos, respetivamente.

3.2.2 - Instrumentos de Recolha de Dados

Para a realização desta investigação foi utilizado o inquérito por questionário como instrumento de recolha de dados.

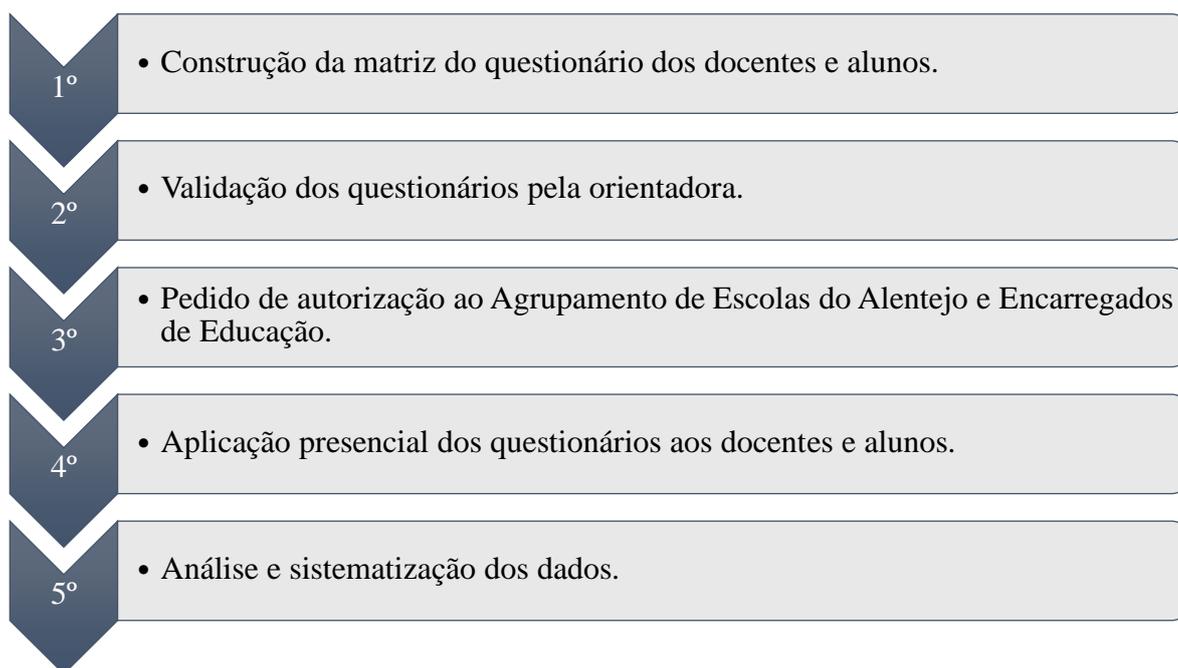
Segundo Quivy & Campenhoudt (2008) o inquérito por questionário baseia-se numa sequência de questões escritas, que são dirigidas a um conjunto alargado de

indivíduos, envolvendo as suas opiniões, representações, crenças e informações factuais, sobre eles próprios e o seu meio.

Neste caso, foram inquiridos tanto docentes como alunos desta escola do Alentejo, como referidos anteriormente 34 docentes e 101 alunos.

Todo o processo de recolha de dados, englobou 5 etapas ilustradas na figura 1.

Figura 1 - Etapas do processo de recolha de dados.



A primeira etapa do processo de recolha de dados consistiu na elaboração da matriz do questionário tanto dos docentes como dos alunos. A matriz do questionário é composta por três dimensões, como se pode verificar na tabela 1.

Tabela 1 - Matriz do inquérito por questionário.

Dimensões	Objetivos
1. Dados Sociodemográficos	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer o perfil pessoal.• Conhecer o percurso profissional.

<p>2. Bullying e Cyberbullying</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Entender a realidade do bullying e cyberbullying. • Identificar os tipos de bullying existentes no conjunto de escolas do agrupamento. • Registar a prevalência de bullying nos estudantes deste agrupamento. • Conhecer como é praticado o cyberbullying no contexto estudado. • Identificar os diferentes intervenientes no bullying, nomeadamente vítimas, agressores e testemunhas. • Verificar o impacto do bullying no (in)sucesso escolar na perceção de atores educativos.
<p>3. Estratégia de Prevenção</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar as estratégias de prevenção dos atores educativos e do agrupamento.

Segundo a tipologia de Hill (2008) o questionário pode ser aberto, fechado e misto tendo em conta as características das perguntas. Neste caso em concreto, o questionário utilizado era misto, dado que era constituído por perguntas abertas, cujas respostas são construídas pelo participante, e também por perguntas fechadas cujas respostas são de opções alternativas escritas pelo autor do questionário.

A segunda etapa do processo consistiu na validação dos questionários pela orientadora e por mais duas docentes, na qual se fizeram as devidas correções e alterações e a versão final está descrita nos Apêndices 1 e 2. Seguiu-se o pedido de autorização para a aplicação dos questionários junto da direção do Agrupamento de Escolas em questão e o posterior pedido aos Encarregados de Educação via e-mail, na qual só depois do consentimento dos mesmos os inquiridos realizaram o preenchimento do questionário.

A aplicação dos questionários foi feita presencialmente em papel, tanto para os docentes como para os alunos.

Por sua vez, a última etapa deste processo segue descrita no próximo capítulo onde estão analisados e descritos os dados recolhidos.

3.2.3 - Design

O design da investigação deve ser construído de modo a ser realizado todo o processo de investigação para se atingir os objetivos pretendidos. “Não acredito que haja um único design para a metodologia de uma investigação ... [uma] boa metodologia para um estudo, tal como um bom design para um barco, deve ajudá-lo a atingir o destino de modo seguro e eficiente”. (Maxwell, 1996).

Para Afonso (2014), o design consiste na operacionalização da estratégia de investigação, envolvendo a caracterização e justificação do uso das técnicas e instrumentos, a caracterização dos sujeitos participantes, assim como do dispositivo e dos procedimentos. Nesse sentido, o presente estudo segue uma abordagem quantitativa, uma vez que se recolhem dados numéricos numa determinada amostra significativa utilizando instrumentos com perguntas e respostas pré-definidas.

3.2.4 - Protocolo Ético

O participante do estudo tem o direito da vida privada e da confidencialidade das informações pessoais. Este direito possibilita manter o anonimato e a segurança que os dados colhidos permanecerão confidenciais (Fortin, 2009). Assim, foi garantido aos docentes e alunos a confidencialidade dos seus dados, que serão apenas utilizados para fins de investigação.

O princípio da não maleficência tem como objetivo excluir ou limitar os inconvenientes que a investigação possa apresentar para os participantes, no qual estes não devem ser expostos aos inconvenientes. Para obedecer a este princípio foi pedido uma autorização à direção do agrupamento de escolas e foi enviado um e-mail para os encarregados de educação, para além da explicação feita aos participantes pessoalmente.

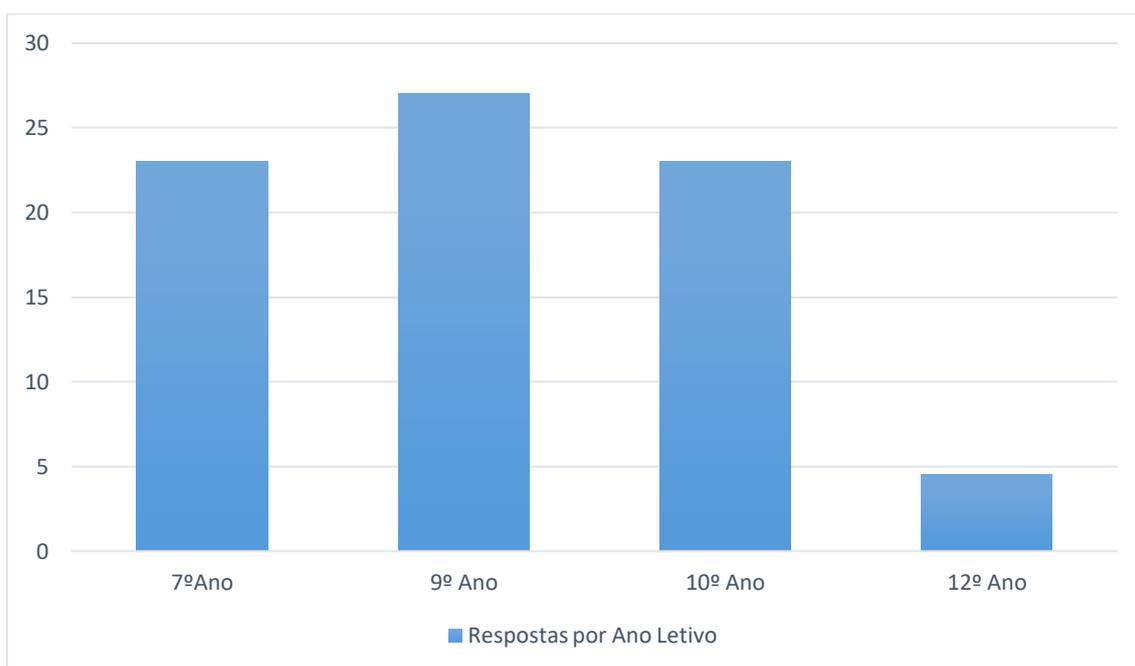
Capítulo 4 - Análise dos dados e interpretação dos resultados

Este capítulo é dedicado à análise e interpretação dos resultados obtidos nos inquéritos por questionário aplicados aos docentes e alunos. O tratamento dos dados

realizou-se através de uma estatística simples e os dados estão organizados e sistematizados através de gráficos e tabelas que serão descritos minuciosamente nos respetivos pontos.

É importante referir que, da amostra inicialmente pensada, efetuou-se uma ligeira alteração em termos das respostas dos inquiridos por questionário. Dos 34 docentes obteve-se 21 respostas e dos 101 alunos resultaram 97 respostas.

Gráfico 1 - Número de respostas dos alunos por ano letivo.



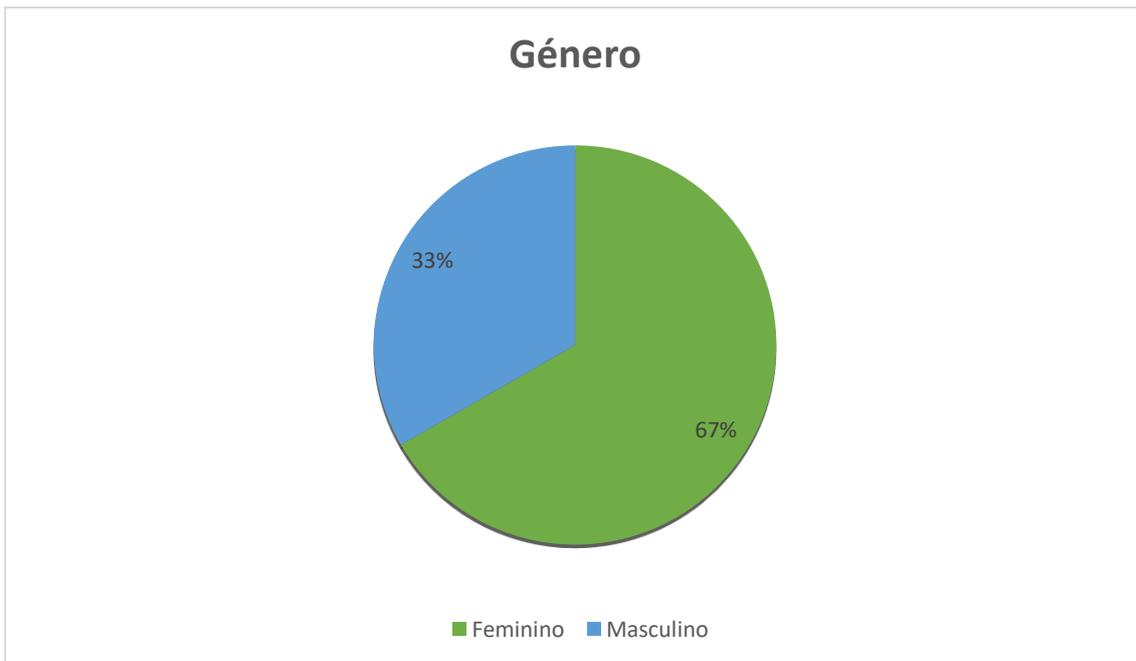
Dos 101 alunos participantes na amostra, apenas 97 responderam ao inquérito por questionário. 23 alunos pertencentes ao 7º e 10º ano, 24 alunos a frequentar o 12º ano e 27 alunos a frequentar o 9º ano de escolaridade.

4.1 - Inquérito por Questionário aos docentes

1. Apresentação dos Dados Sociodemográficos recolhidos no inquérito por questionário.

1.1.

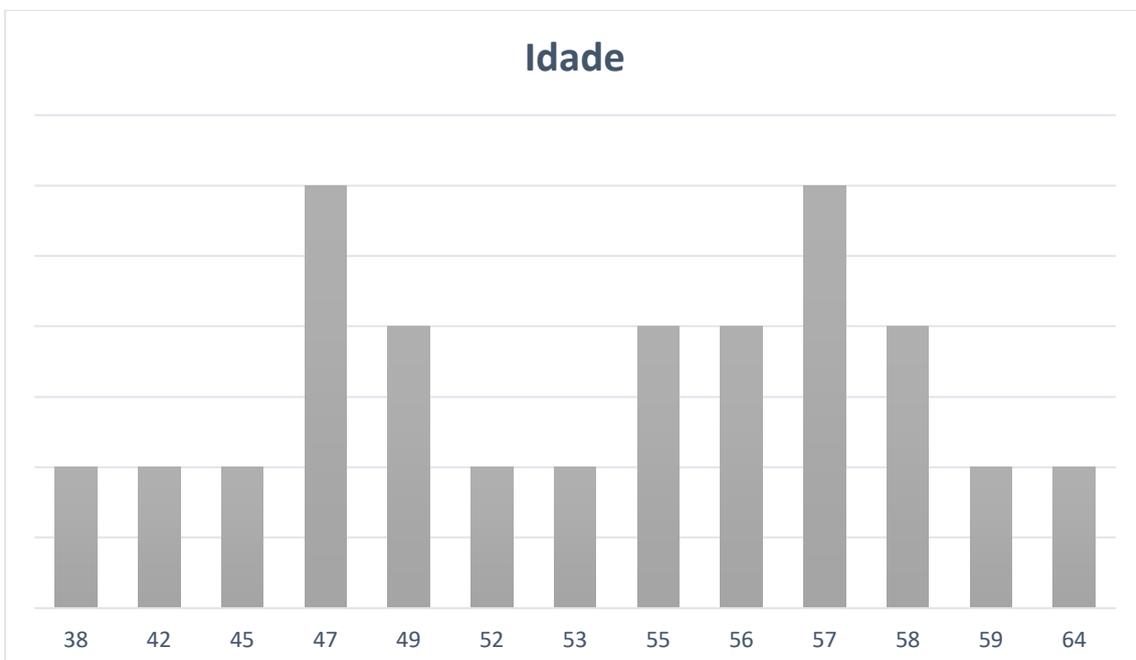
Gráfico 2 - Dados relativos ao género dos docentes.



Como é possível verificar no gráfico 2, dos docentes que responderam ao questionário, o género maioritário na docência deste agrupamento é o feminino com 67% da amostra, restando apenas 33% de docentes do género masculino.

1.2.

Gráfico 3 - Dados relativos à idade dos docentes.



Como é possível observar no gráfico 3, a idade dos docentes que participaram no inquérito por questionário varia entre os 38 e os 64 anos de idade, com maior incidência nos 47 e 57 anos de idade, verificando-se que a maioria se situa entre os 47 e os 58 anos de idade.

1.3.

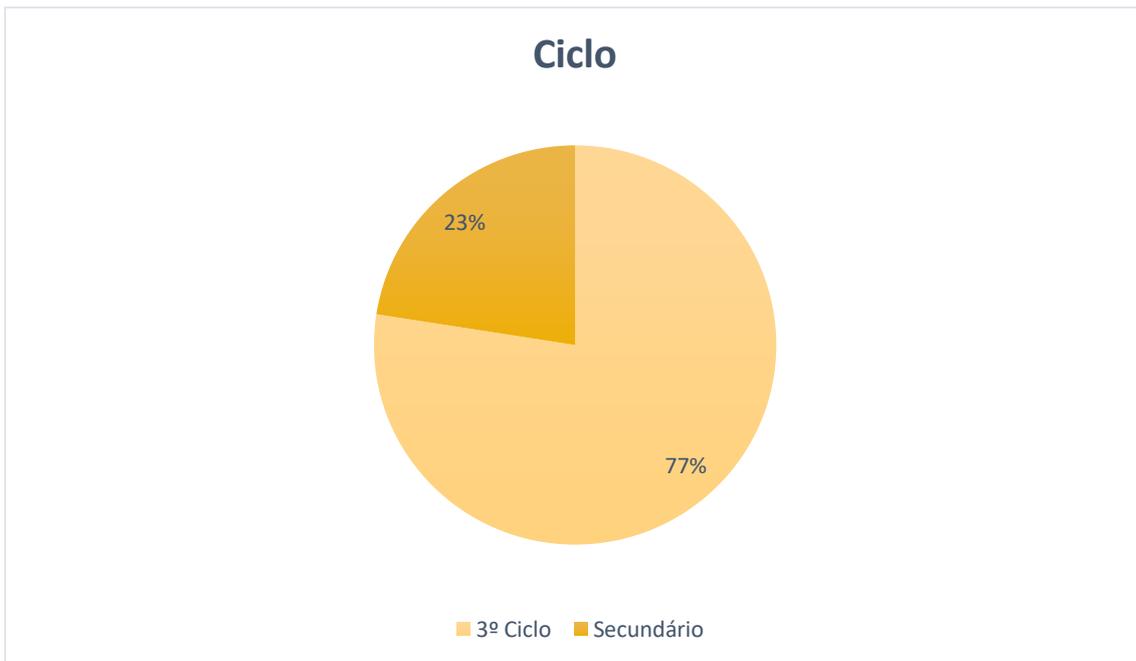
Tabela 2 - Dados relativos à formação inicial dos docentes.

Questão 1.3	N
Licenciatura	6
Mestrado	1
Licenciatura em Filosofia	2
Licenciatura em via ensino	2
LLM (Inglês e Alemão) – Ramo Educacional	1
Engenharia Informática	1
Mestrado em Ensino	1
Licenciatura em Ensino de Matemática	1
Magistério Primário	1
Licenciatura em Sociologia	1
Mestrado em Demografia; Doutoramento em Educação Física	1
Licenciatura em Ensino de Português/ Francês/ Espanhol; Mestrado Ensino em Espanhol	1
Licenciatura em Ensino de História	2

Tal como se pode observar na tabela 2, a maioria dos docentes é portador de uma licenciatura. Pela análise da mesma, as licenciaturas abrangem áreas diversificadas, mas de forma geral acompanham a principal intenção da formação inicial que é a de construir as bases do conhecimento e desenvolvimento profissional.

1.4.

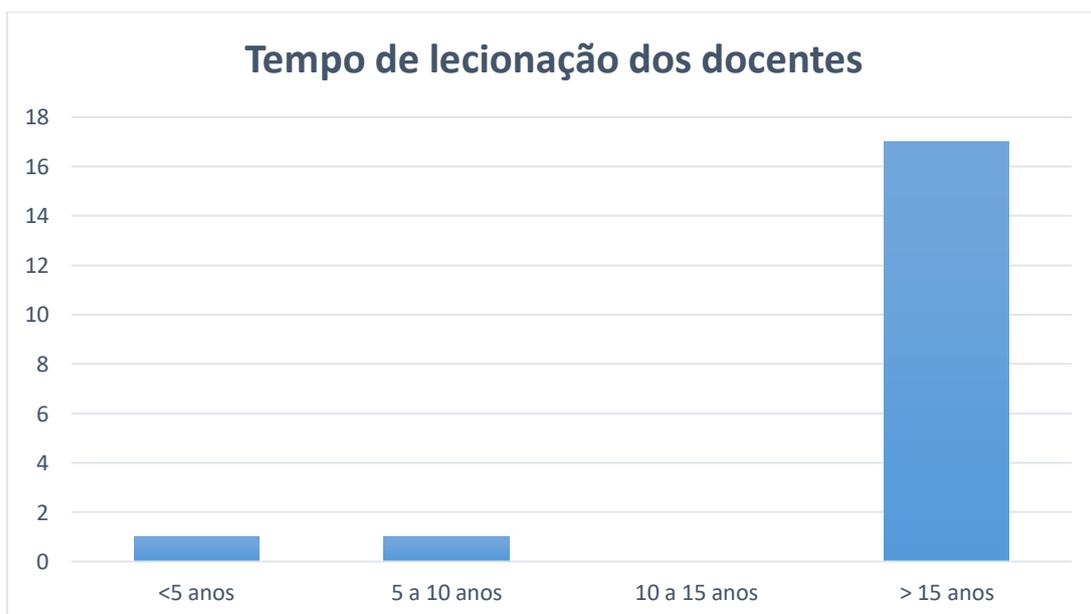
Gráfico 4 - Dados relativos ao ciclo que os docentes lecionam.



Após análise do gráfico 4, verifica-se que a maior percentagem de docentes participantes no estudo, nomeadamente 77% da amostra se encontra a lecionar o 3º ciclo e apenas 23% a lecionar o ensino secundário.

1.5.

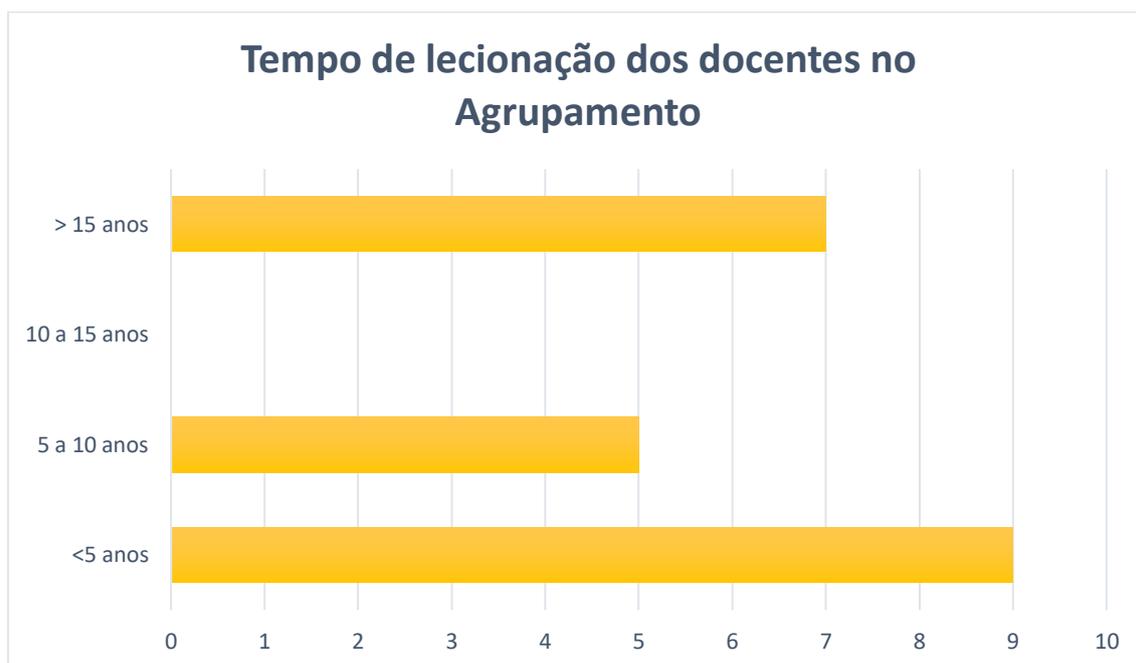
Gráfico 5 - Dados relativos ao tempo de lecionação dos docentes.



Tendo em conta o gráfico 5 relativo à idade dos docentes, já era de esperar pela análise do gráfico 4 que a maioria dos docentes apresentam mais de 15 anos de serviço, concluindo assim que, a maior parte do corpo docente é portador de alguma experiência na arte da docência.

1.6.

Gráfico 6 - Dados relativos ao tempo de lecionação dos docentes no atual agrupamento.



Como se verificou no gráfico anterior, o pessoal docente apresenta alguns anos de experiência na área da docência, no entanto observando o gráfico 6 é possível constatar que apesar do tempo de lecionação, os docentes dividem esse tempo no agrupamento estudado. A maioria dos docentes investigados exerce há relativamente pouco tempo neste agrupamento, nomeadamente há menos de 5 anos e, por outro lado a restante maioria já é pessoal docente com mais experiência que a maior parte do seu percurso profissional dedicou a esta agrupamento visto que permanece no mesmo há mais de 15 anos.

2. Apresentação dos dados sobre Bullying e Cyberbullying recolhidos no inquérito por questionário.

2.1.

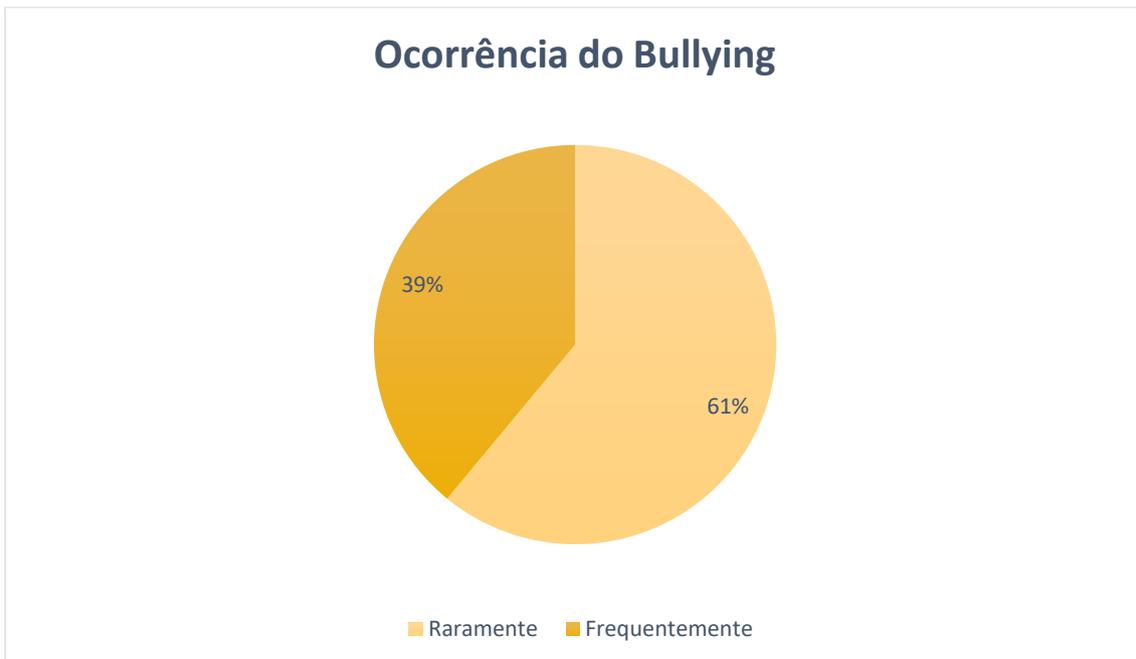
Gráfico 7 - Dados relativos à resolução do bullying para cada docente.



Como é possível verificar no gráfico 7, uma maioria de 86% dos docentes considera as práticas de Bullying como situações bastante difíceis de resolver, no entanto uma minoria de 14% considera como uma situação de fácil resolução.

2.2.

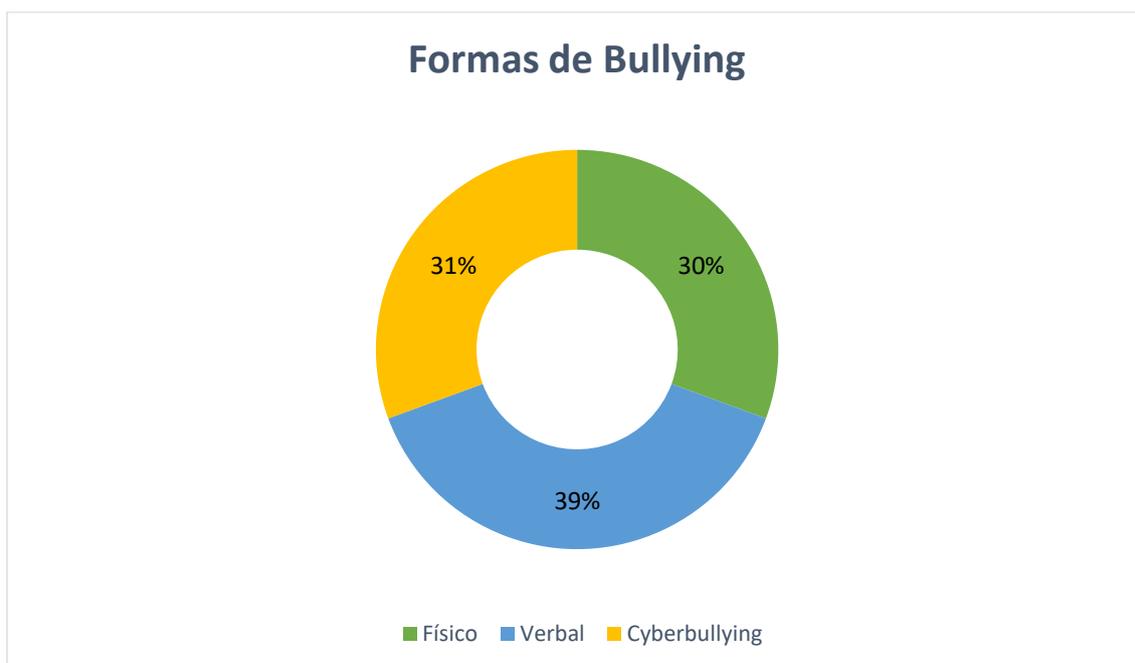
Gráfico 8 - Dados relativos à ocorrência do bullying para cada docente.



Verificando o gráfico 8 acima representado, é possível verificar que na perspetiva docente, 61 % dos docentes considera que as situações de bullying ocorrem raramente, e uma percentagem de 39% considera como algo que acontece frequentemente.

2.3.

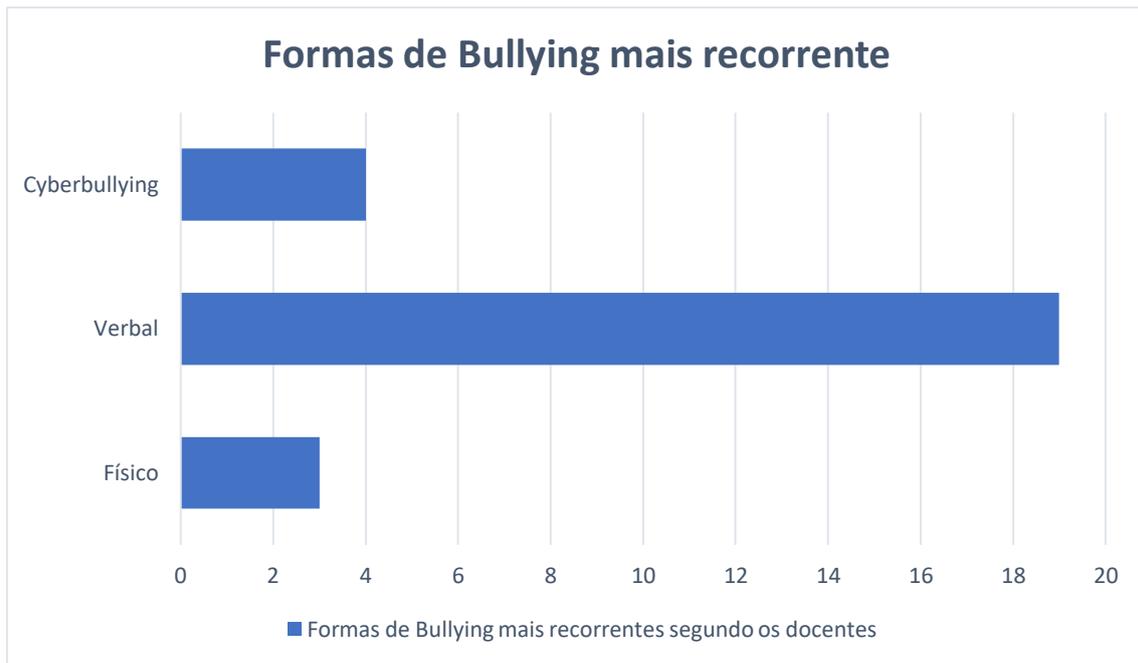
Gráfico 9 - Dados relativos às formas de bullying que cada docente conhece.



Observando o gráfico 9, é possível verificar que a maior parte dos docentes conhecem as três formas de bullying abordadas nesta investigação. A maioria dos docentes, 39% revelou conhecer melhor o bullying verbal, seguido do cyberbullying com 31% e em último o bullying físico com 30%.

2.4.

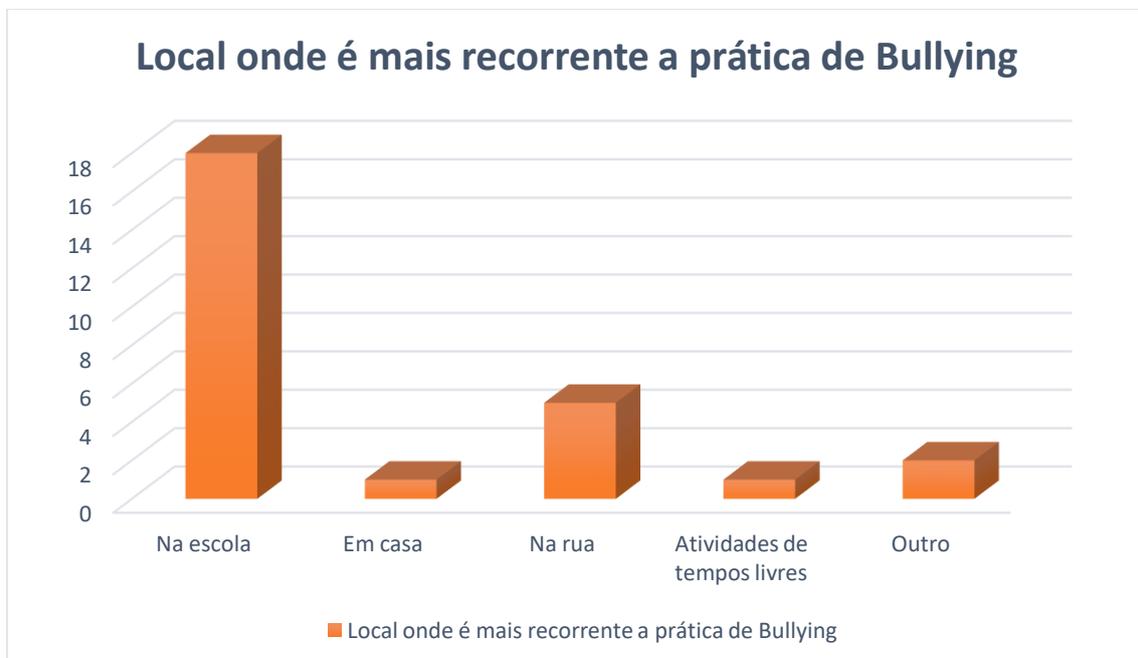
Gráfico 10 - Dados relativos às formas de bullying mais recorrente que cada docente conhece.



Como se pode observar no gráfico 10, o bullying verbal é considerada pelos docentes como a forma mais recorrente de bullying seguida pelo cyberbullying e por último o bullying físico.

2.5.

Gráfico 11 - Dados relativos ao local onde é mais recorrente a prática de bullying.

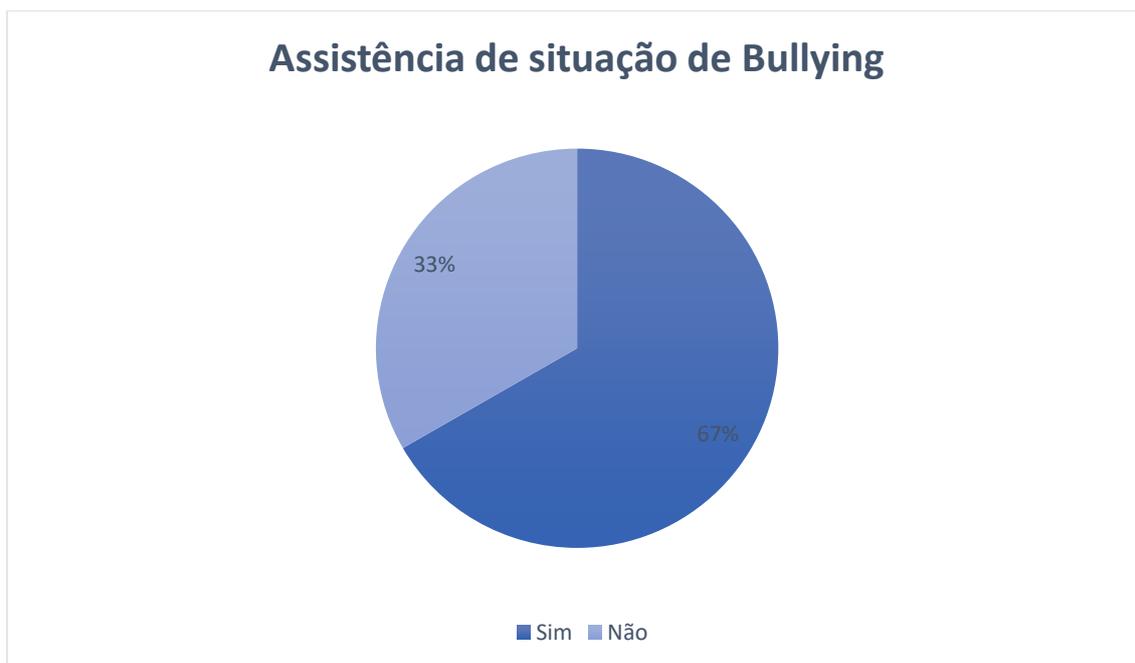


Como se pode verificar com o gráfico 11, o bullying é, segundo os docentes, mais recorrente na escola. A maioria dos docentes, revelou que esta prática ocorria

maioritariamente em âmbito escolar, mas muito praticada também na rua. Ainda é possível verificar que consideram que tanto em casa como em atividades de tempos livres o bullying é praticado. Apenas dois docentes consideraram a internet como o local de bullying mais recorrente.

2.6.

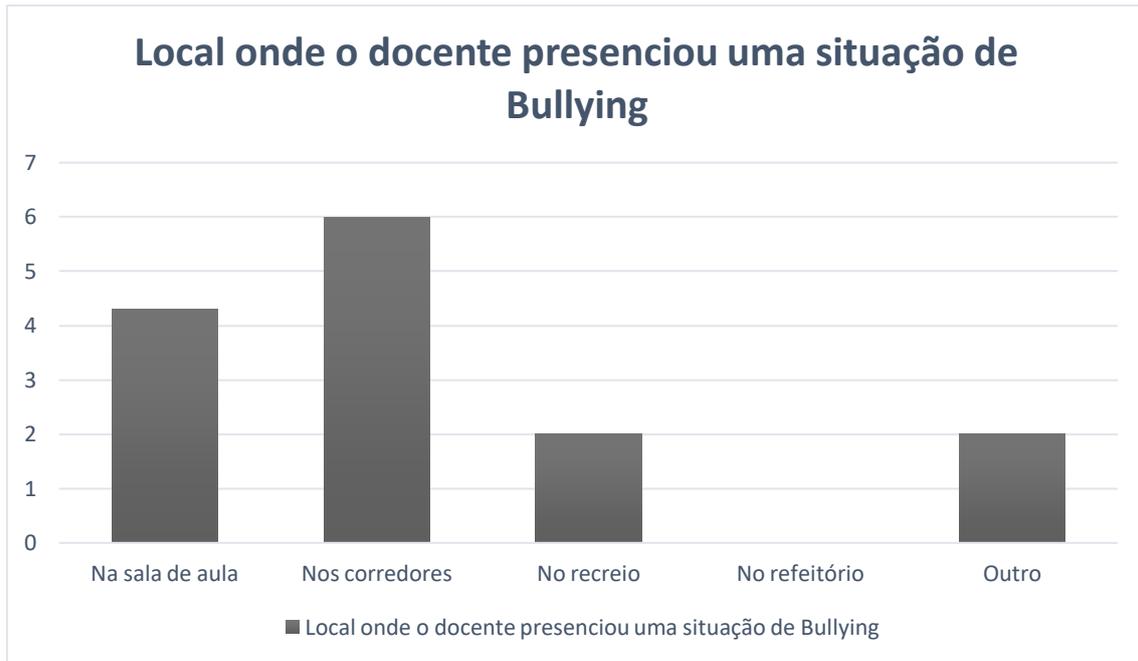
Gráfico 12 - Dados relativos aos testemunhos de situação de bullying.



Através do gráfico 12, a maioria dos docentes indica que já presenciou situações de bullying, num total de 67% dos docentes. O mesmo não acontece com os restantes 33% dos docentes que afirmam nunca ter assistido a nenhuma forma de bullying.

2.7.

Gráfico 13 - Dados relativos ao local onde o docente presenciou a situação de bullying.

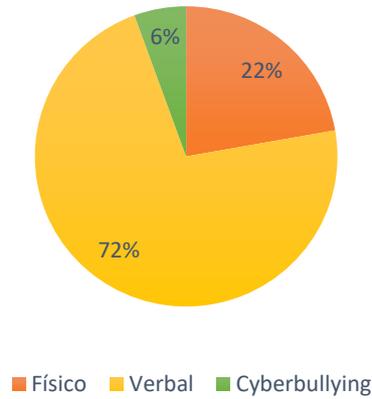


Com os dados recolhidos no gráfico 13, é possível observar os resultados relativos aos locais onde os docentes que responderam já ter assistido a situações de bullying no gráfico anterior. Como é possível verificar, a maioria dos docentes revela que os corredores são os locais mais frequentes de práticas de bullying seguidos pelos praticados em sala de aula. Não esquecendo o recreio, onde os docentes referem que também existem muitas práticas de bullying e o refeitório como o local onde não foi observado nenhuma situação.

2.8.

Gráfico 14 - Dados relativos à forma de bullying presenciadas pelos docentes.

Forma de Bullying presenciadas pelos docentes

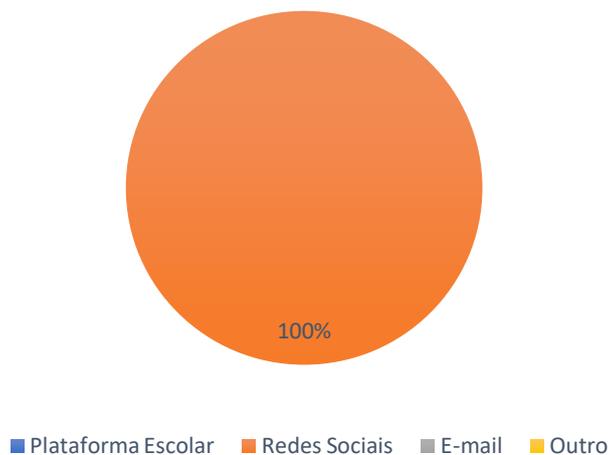


Como é possível analisar neste gráfico 14, a grande maioria dos docentes, compostos por 72% da amostra consideram que a forma de bullying que mais vezes assistiram foi a forma de bullying verbal. Com uma percentagem de 22% segue-se o bullying físico como forma de bullying também muito frequente, e por último, a menos recorrente a forma de cyberbullying, presenciada menos vezes pelos docentes.

2.9.

Gráfico 15 - Dados relativos aos recursos digitais realizados no cyberbullying.

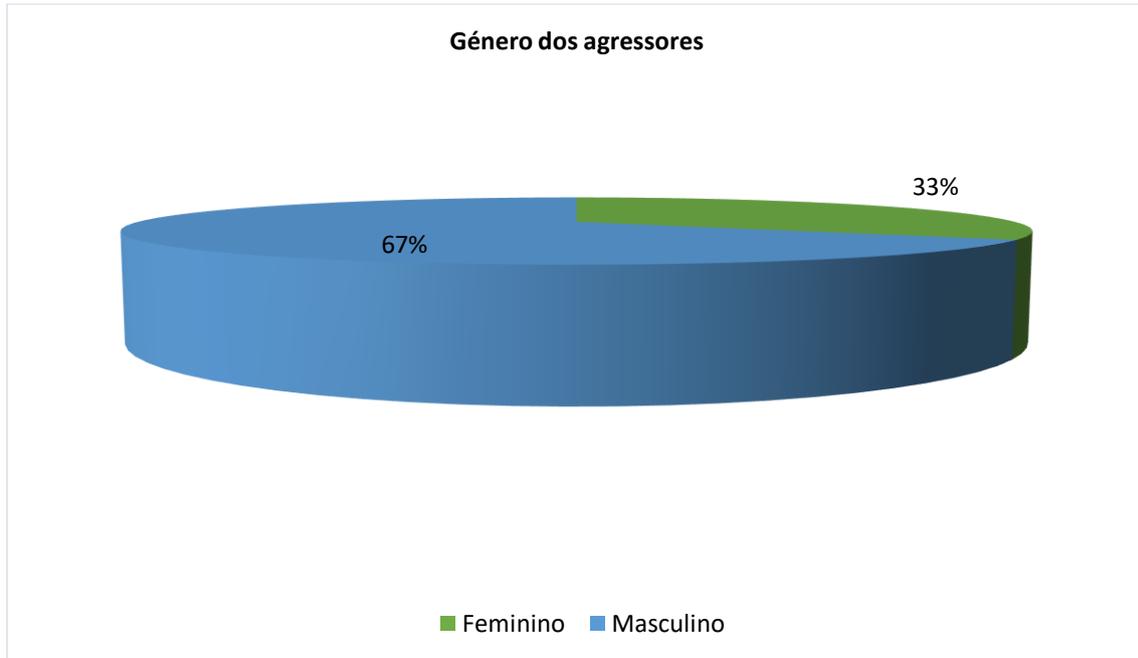
Recursos digitais utilizados na prática do cyberbullying



É unânime a escolha feita pelos docentes e como se pode comprovar com os dados do gráfico 15, todos os docentes concordam que a prática de cyberbullying é realizada através das redes sociais.

2.10.

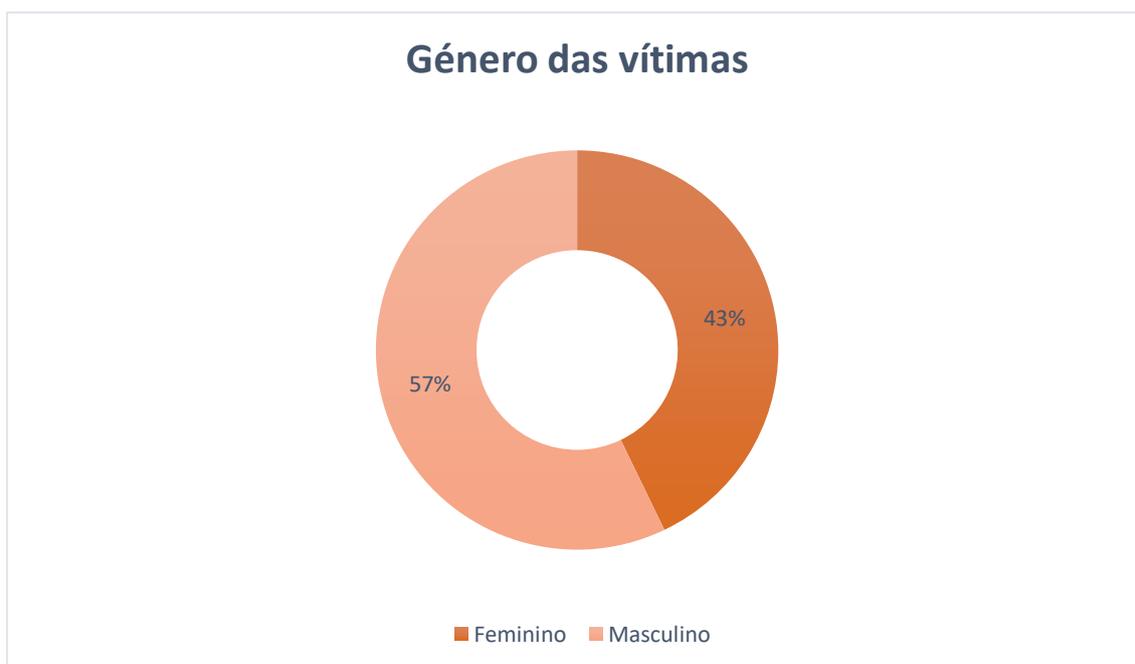
Gráfico 16 - Dados relativos ao género dos agressores.



Relativamente ao género dos agressores, como se pode comprovar com o gráfico 16, segundo os docentes a grande maioria dos agressores com 67% são do género masculino, embora exista uma percentagem de agressores femininos com 33%.

2.11.

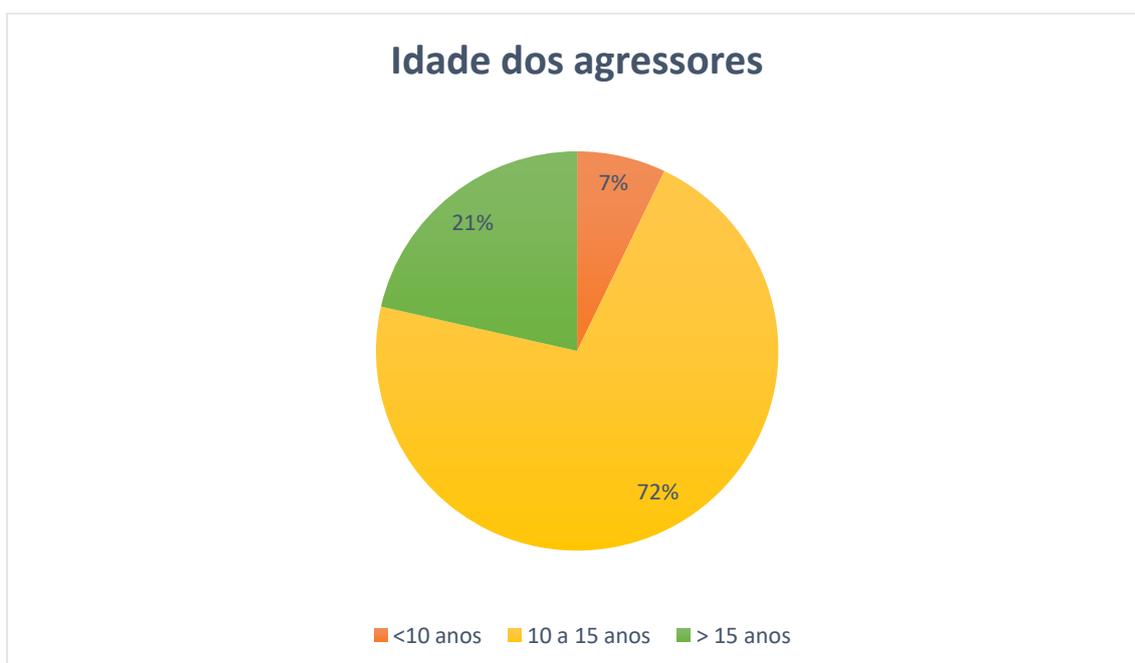
Gráfico 17 - Dados relativos ao género das vítimas.



Como é possível deduzir através do gráfico 17, a grande maioria das vítimas são do género masculino com a percentagem de 57%, os restantes 43% pertencem as vítimas do género feminino.

2.12.

Gráfico 18 - Dados relativos à idade dos agressores.

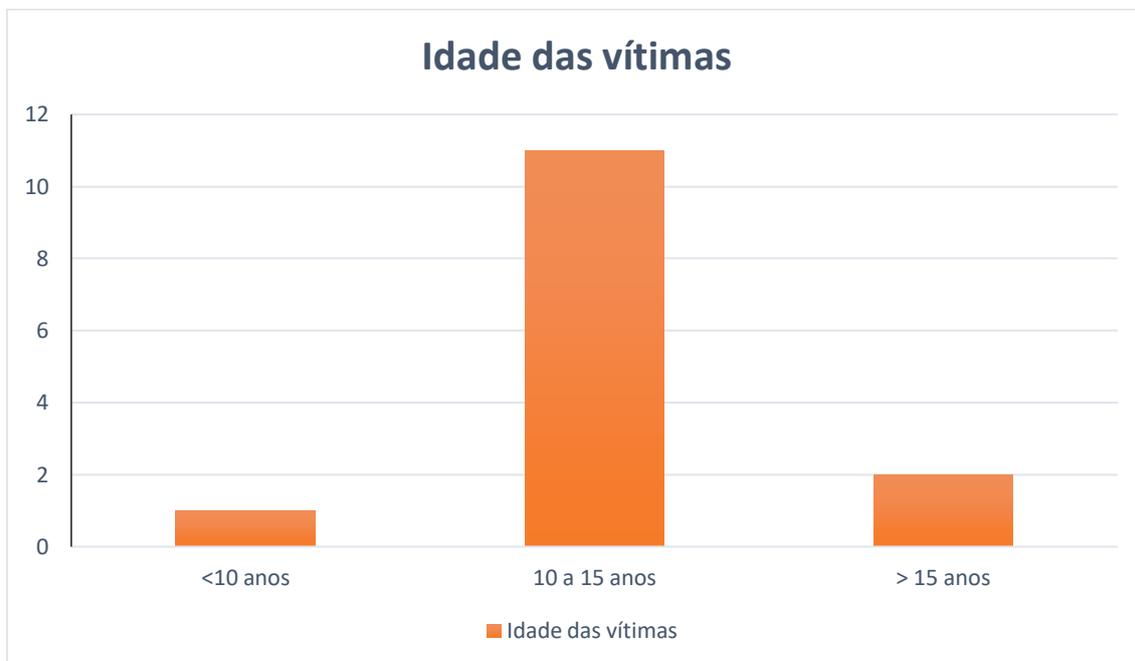


A grande maioria dos agressores, como é possível ver no gráfico 18, tem uma idade compreendida entre os 10 a 15 anos. Segundo os docentes é a idade mais propícia a

práticas de bullying, seguida pelos maiores de 15 anos com uma percentagem de 21%. Para os docentes deste estudo, os alunos com idade inferior a 10 anos são os que menos praticam estas situações de bullying,

2.13.

Gráfico 19 - Dados relativos à idade das vítimas.



Segundo os docentes inquiridos neste estudo, a maioria das vítimas tem idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos. Como se pode verificar no gráfico 19, a percentagem de vítimas com menos de 10 anos e maiores de 15 anos é muito reduzida.

2.14.

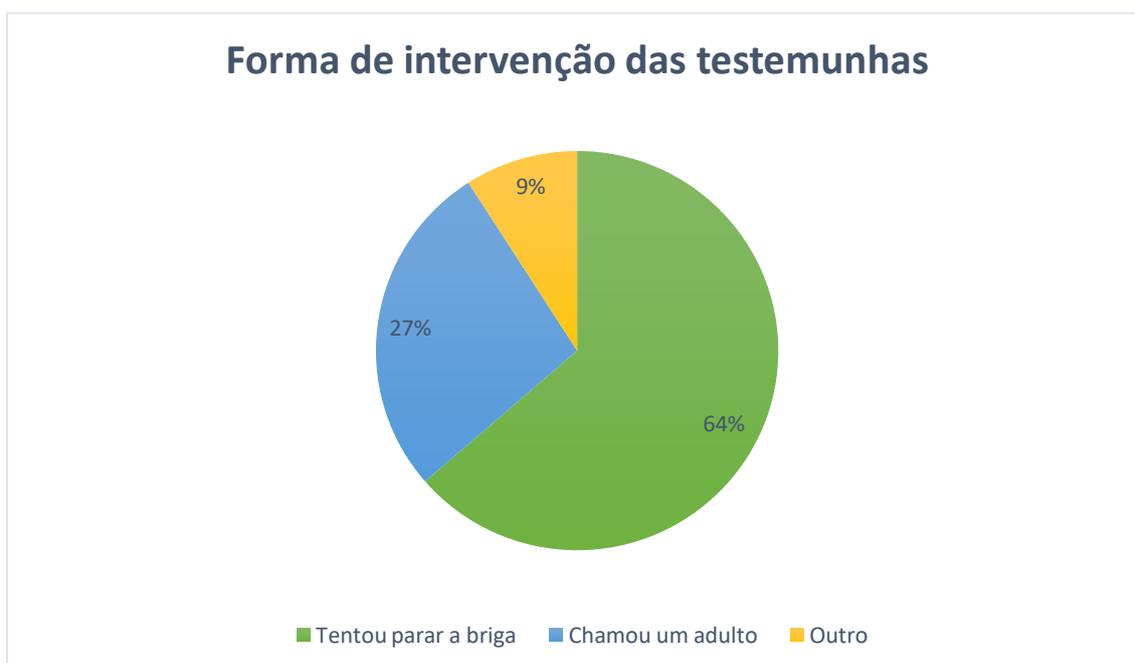
Gráfico 20 - Dados relativos à intervenção das testemunhas.



Quando se referem as testemunhas é importante referir o seu papel na presença de situações de bullying, e como se pode comprovar com o gráfico 20, a grande maioria das testemunhas, nomeadamente 71%, interveio de alguma forma perante estas situações, no entanto é necessário ter em atenção que uma boa parte das testemunhas, com uma percentagem de 29% não realizaram qualquer tipo de intervenção.

2.15.

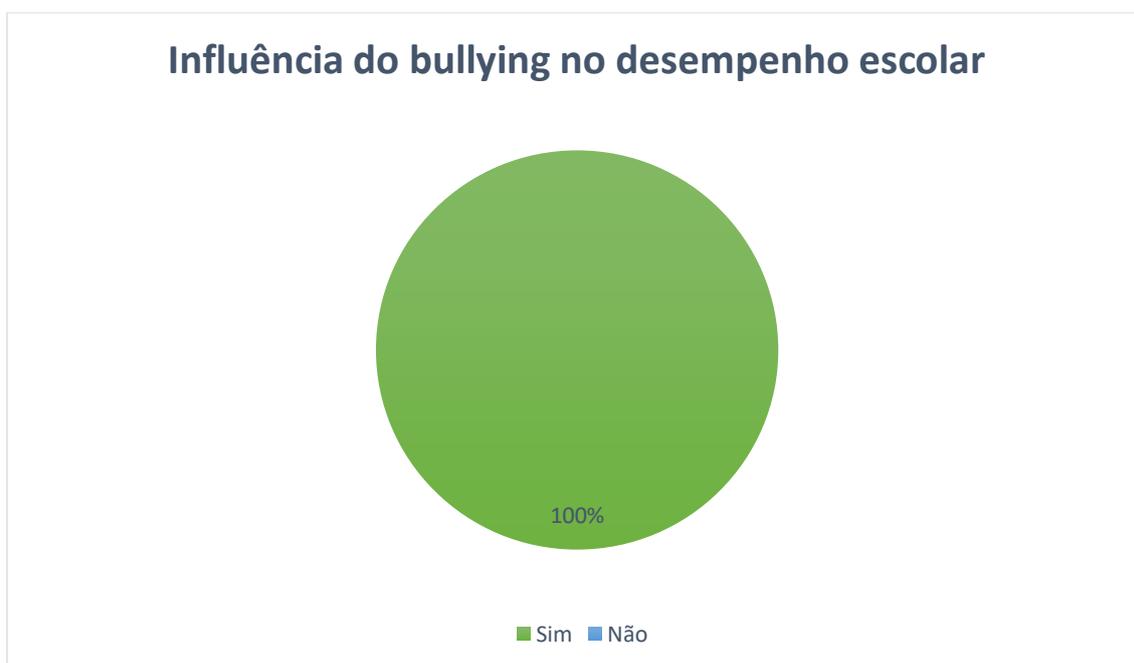
Gráfico 21 - Dados relativos à forma como as testemunhas intervieram.



Das testemunhas que intervieram em situações de bullying presenciadas pelos docentes, os mesmos revelaram, como está descrito no gráfico 21, a maior parte das testemunhas, nomeadamente 64%, tentaram parar o bullying impedindo a briga e a restante maioria, 27% das testemunhas chamaram um adulto. Os restantes 9% referiram que as testemunhas intervieram chamando a PSP.

2.16.

Gráfico 22 - Dados relativos à influência do bullying no desempenho escolar.



Como se pode verificar no gráfico 22, é unânime a opinião dos docentes. O bullying influencia e muito o desempenho escolar. Opinião que está de acordo com Gower et al. 2015, na qual acredita que independentemente de ser agressor, vítima ou vítima-agressora, o envolvimento do bullying será prejudicial ao desempenho escolar.

2.17.

Tabela 3 - Dados relativos à maneira como o bullying influencia o desempenho escolar.

Questão 2.17

Os alunos ficam mais inibidos de participar nas atividades letivas.

Prejudicando a autoestima e o amor próprio; desencadeando inseguranças e crenças limitantes sobre a identidade.

Diminuindo a autoestima da vítima e conseqüentemente o seu desempenho escolar.

Afeta a concentração; a participação.

Condiciona as aprendizagens.

Perturbação da atenção.

Falta de autoestima; Não integração Social; Problemas Psicológicos.

Falta de atenção; desmotivação.

Interferência na autoestima e confiança.

Afeta a parte pessoal.

Concentração / Autoestima/ Atenção/ Rendimento Escolar.

Prejudica o desempenho escolar.

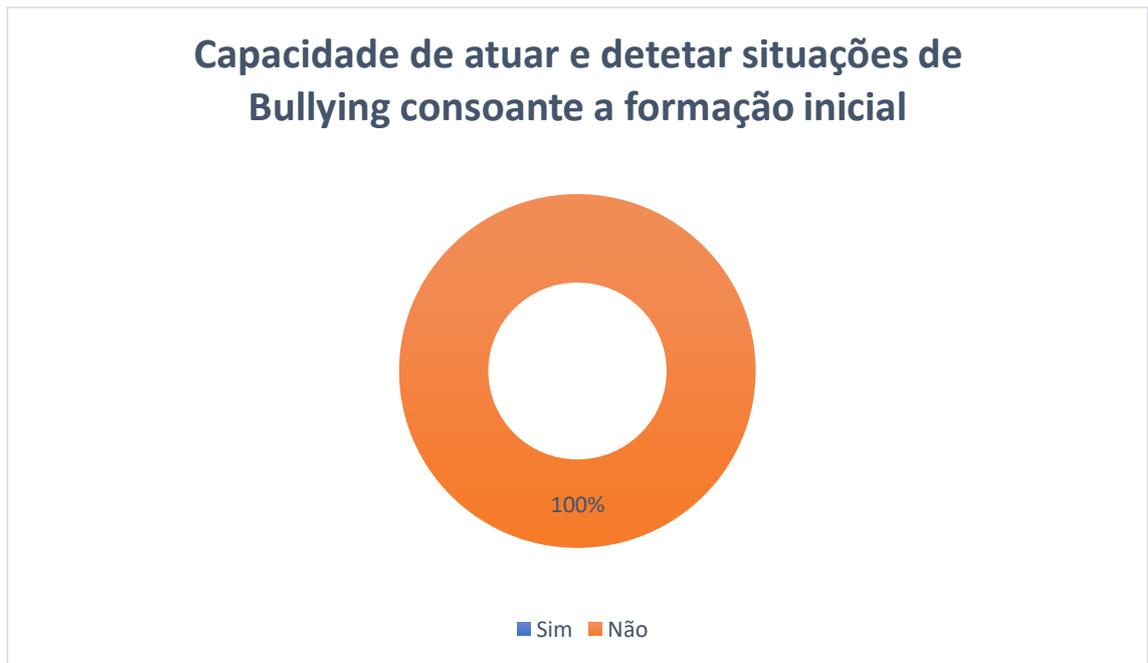
Afeta psicologicamente as vítimas.

A tabela 3 acima representada, mostra as opiniões dos docentes relativamente à forma como o bullying afeta o desempenho escolar dos alunos. Apesar das opiniões serem diversificadas, de forma geral as opiniões são muito semelhantes, os docentes acreditam que afeta o estado psicológico e as aprendizagens dos alunos, a sua autoestima, autoconfiança e motivação. O bullying acaba por tornar as vítimas mais isoladas e com menos vontade de frequentar a escola.

3. Apresentação dos dados sobre estratégia e prevenção acerca do bullying recolhidos no inquérito por questionário.

3.1.

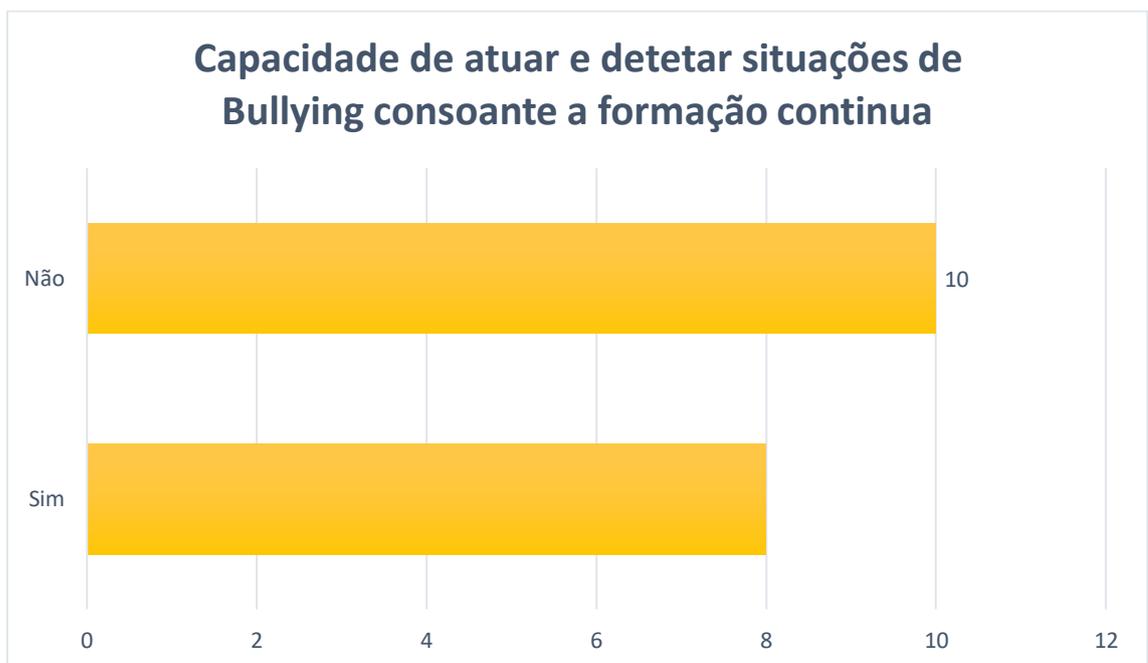
Gráfico 23 - Dados relativos à capacidade de os docentes detetarem e atuarem em situações de bullying a partir da sua formação inicial.



Como é possível verificar no gráfico 23, a resposta foi geral no que diz respeito à formação inicial dos docentes para detetarem e atuarem em situações de bullying, todos os docentes revelaram que não apresentam essa capacidade.

3.2.

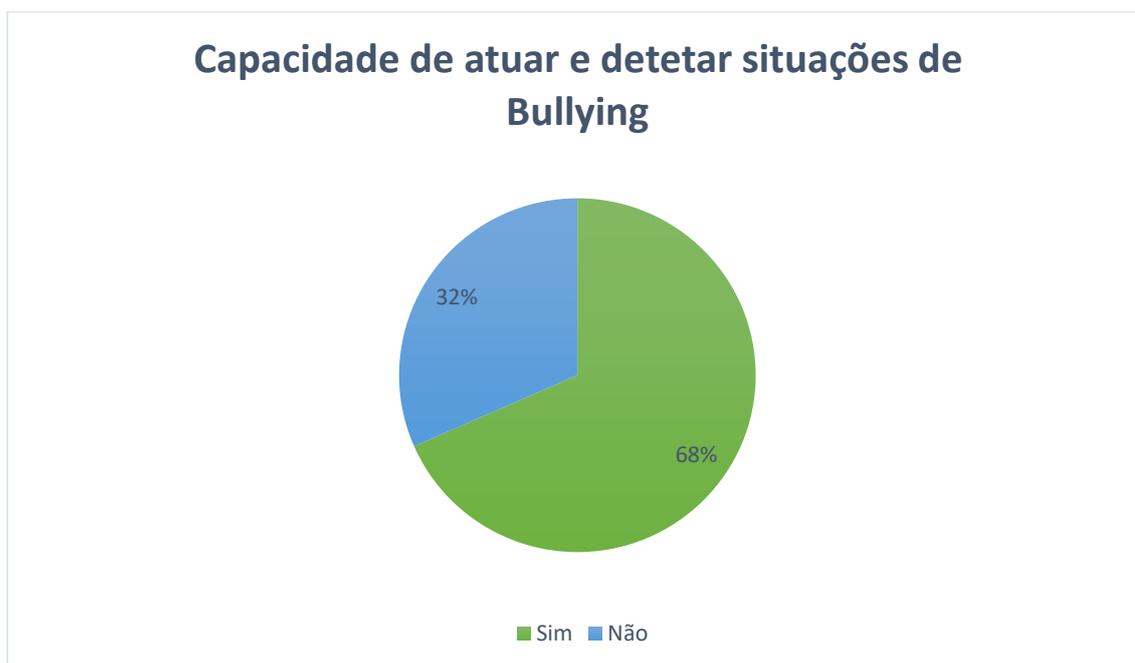
Gráfico 24 - Dados relativos à capacidade de os docentes detetarem e atuarem em situações de bullying após a sua formação continua.



Relativamente à formação contínua dos docentes, como se pode comprovar com o gráfico 24, houve uma alteração relativamente ao gráfico anterior, no entanto ainda é possível verificar que a maior parte dos docentes, segundo a sua formação contínua, não está apto a detetar e atuar em situações de bullying.

3.3.

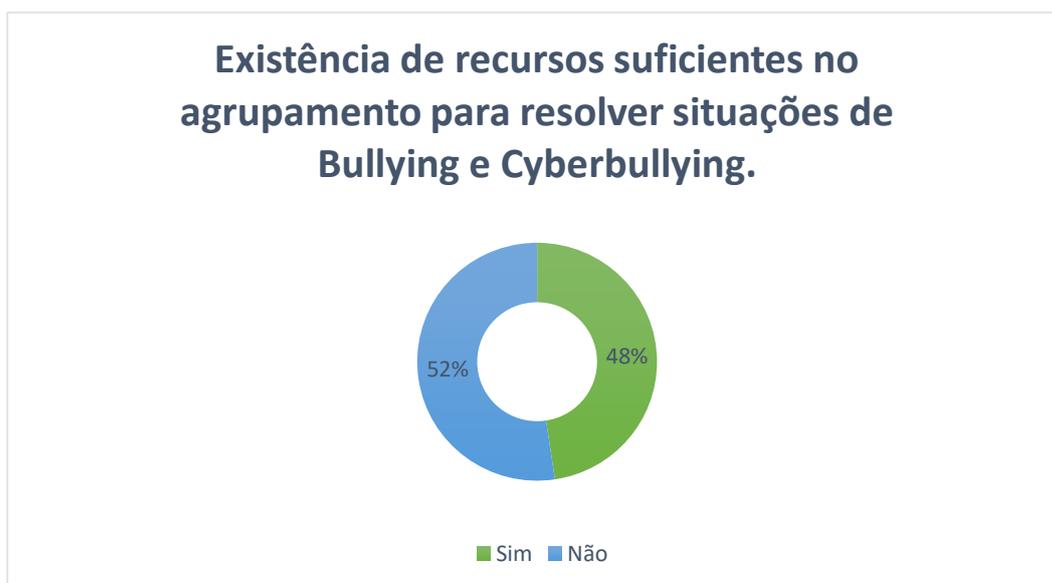
Gráfico 25 - Dados relativos à capacidade de os docentes detetarem e atuarem em situações de bullying.



Apesar de na sua formação, tanto inicial como contínua, os docentes não serem preparados para lidar com situações de bullying. Na sua opinião, como é possível observar no gráfico 25 a maioria dos docentes acreditam que possuem a capacidade de detetar e atuar em situações de bullying com uma percentagem de 68% sendo que os restantes 32% ainda não se sentem capazes de detetar ou atuar nestas situações.

3.4.

Gráfico 26 - Dados relativos à existência de recursos suficientes disponibilizados pelo agrupamento para resolver situações de bullying e cyberbullying.



Na opinião dos docentes, como é possível verificar no gráfico 26, sobre a existência de recursos suficientes no agrupamento, verifica-se uma discrepância de resultados, 52% dos docentes acreditam que o agrupamento não está devidamente equipado com recursos suficientes para resolver situações de Bullying, e por sua vez os restantes 48% acreditam estar devidamente equipado para resolver tal situação.

3.5.

Tabela 4 - Dados relativos à enumeração de recursos especializados para resolver situações de bullying e cyberbullying no agrupamento.

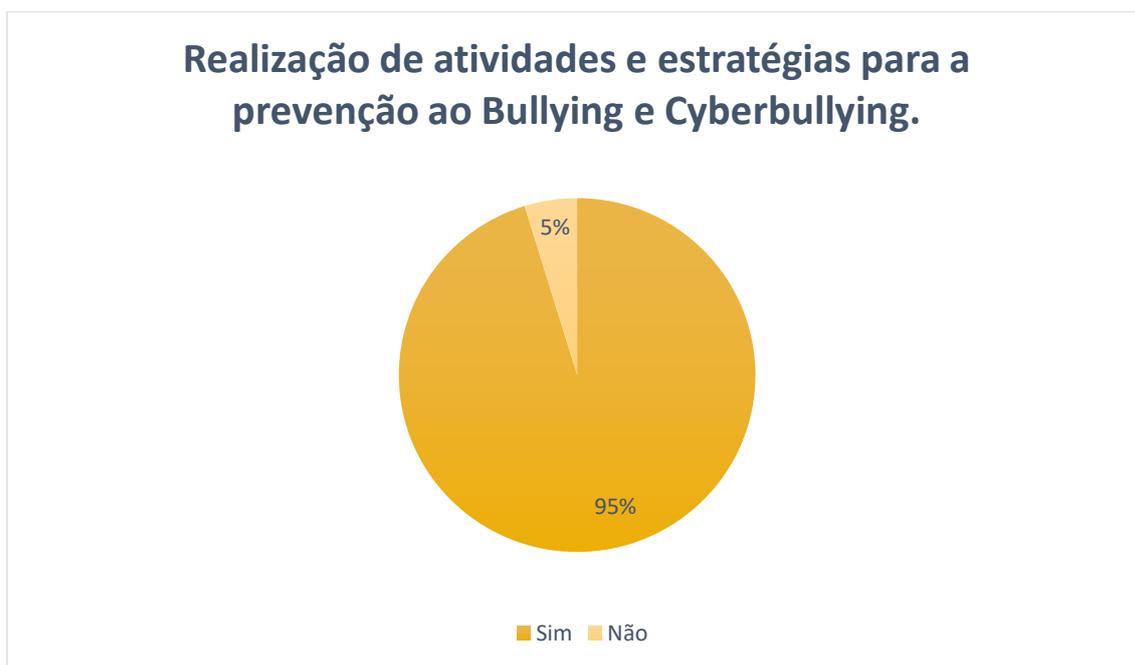
Questão 3.5

Apoio psicológico e jurídico.
SPO.
Psicólogo.
Direção; psicólogo nas escolas.
Gabinete de Psicologia.
Apoio Psicológico; Atuação dos docentes e funcionários.
Aconselhamento.
Ações de formação/ sensibilização.
Psicóloga; Interação das equipas pedagógicas.
Psicólogas do agrupamento.
Formação específica.

Segundo os docentes e como está descrito na tabela 4 acima representada, o agrupamento estudado possui diversos recursos especializados para resolver situações problemáticas como o bullying e o cyberbullying. De forma geral e a opinião citada mais frequentemente é o acompanhamento psicológico que é possível realizar com os alunos, assim como ações de formação executadas nesse âmbito.

3.6

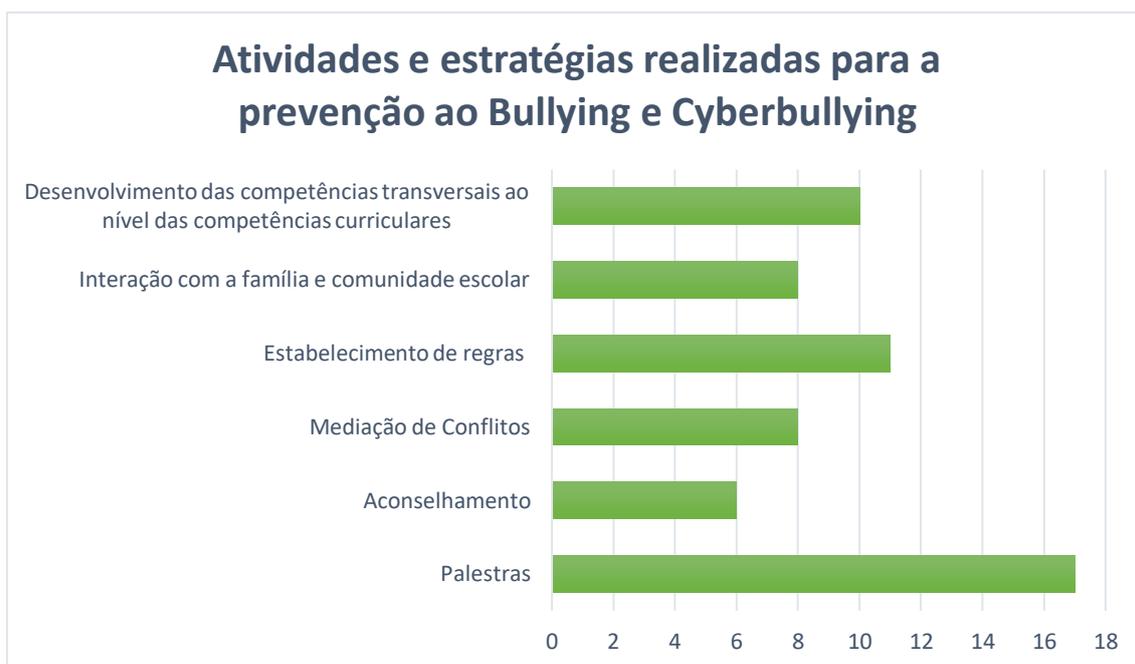
Gráfico 27 - Dados relativos à realização de atividades e estratégias para a prevenção ao bullying e cyberbullying.



Como se pode verificar no gráfico 27, a maior parte dos docentes revela que no agrupamento são realizadas atividades e estratégias para a prevenção do bullying e cyberbullying. Apenas 5% referem que não se realizam nenhuma atividades.

3.7.

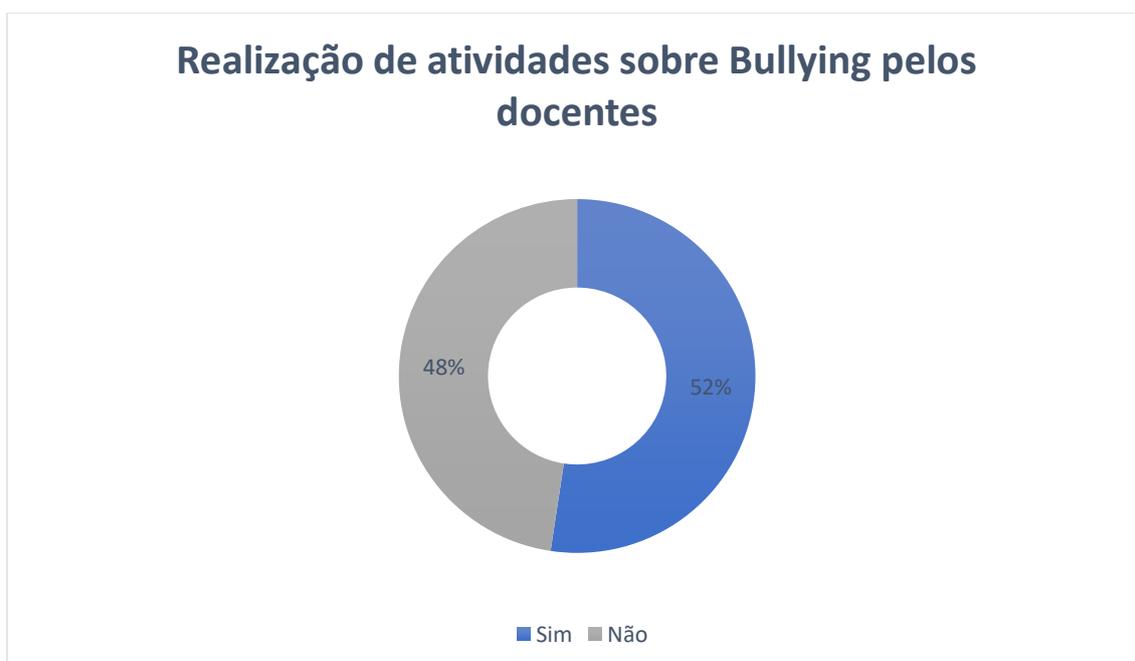
Gráfico 28 - Dados relativos à enumeração das atividades e estratégias para a prevenção ao bullying e cyberbullying.



O gráfico 28 acima representado, mostra quais as atividades e estratégias que o agrupamento realiza no âmbito do combate ao bullying e ao cyberbullying segundo os docentes. Como é possível verificar, são diversas as atividades realizadas, sendo a mais frequente as palestras sobre a temática e o estabelecimento de regras para com os alunos.

3.8.

Gráfico 29 - Dados relativos à realização de atividades sobre bullying pelos docentes.



Como é possível verificar no gráfico 29, a opinião dos docentes relativamente à realização de atividades relacionadas á temática do bullying encontram-se divididas. 52% dos docentes, a maioria, revela realizar atividades nesse âmbito, por sua vez 48% dos mesmos, afirma não realizar qualquer tipo de atividade.

3.9.

Tabela 5 - Dados relativos à enumeração das atividades sobre bullying realizadas pelos docentes.

Questão 3.9

Nas aulas de cidadania promovo atividades de sensibilização e promoção da empatia.
Debates; visionamento de filmes alusivos; simulação de situações.
Como leciono filosofia, é-me bastante fácil adequar os conteúdos programáticos a este tipo de problemáticas. Promovo debates, visualizamos filmes, conversamos, etc.
Debate.
Pequeno debate.
Interação com a família e a comunidade; dinamização de trabalhos de grupo.
Regras; Aconselhamento.
Área de Integração; Sociologia.
Jogos interpessoais.
Sessão de informação no Dia Nacional contra o Bullying.
Refletindo acerca do assunto nas aulas de cidadania e desenvolvimento.
Conteúdos programáticos; Vídeos.

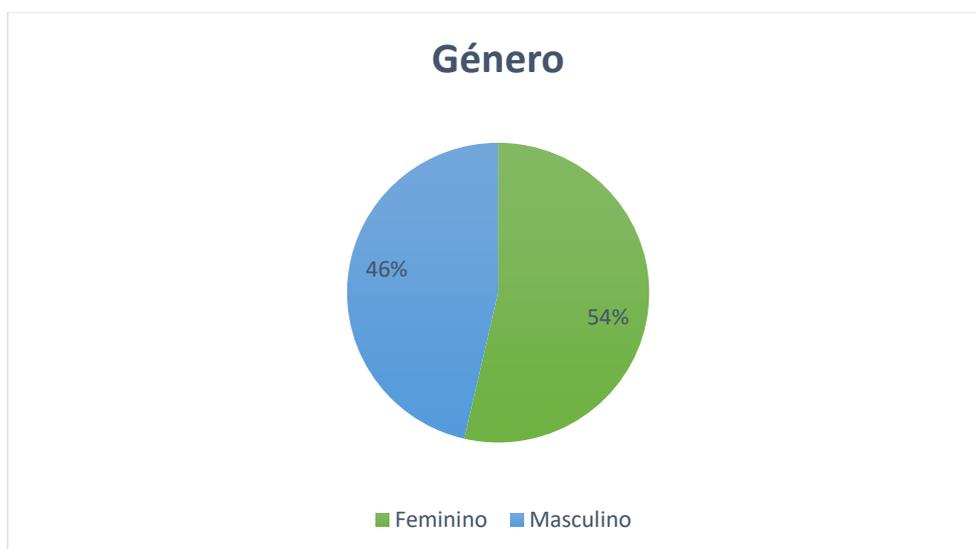
A tabela 5, acima representada, descreve as atividades realizadas pelos docentes. De modo geral, os docentes apostam na sensibilização dos alunos relativamente ao tema e da gravidade do mesmo.

4.2 - Inquérito por Questionários aplicados aos alunos

1. Apresentação dos Dados Sociodemográficos recolhidos no inquérito por questionário.

1.1.

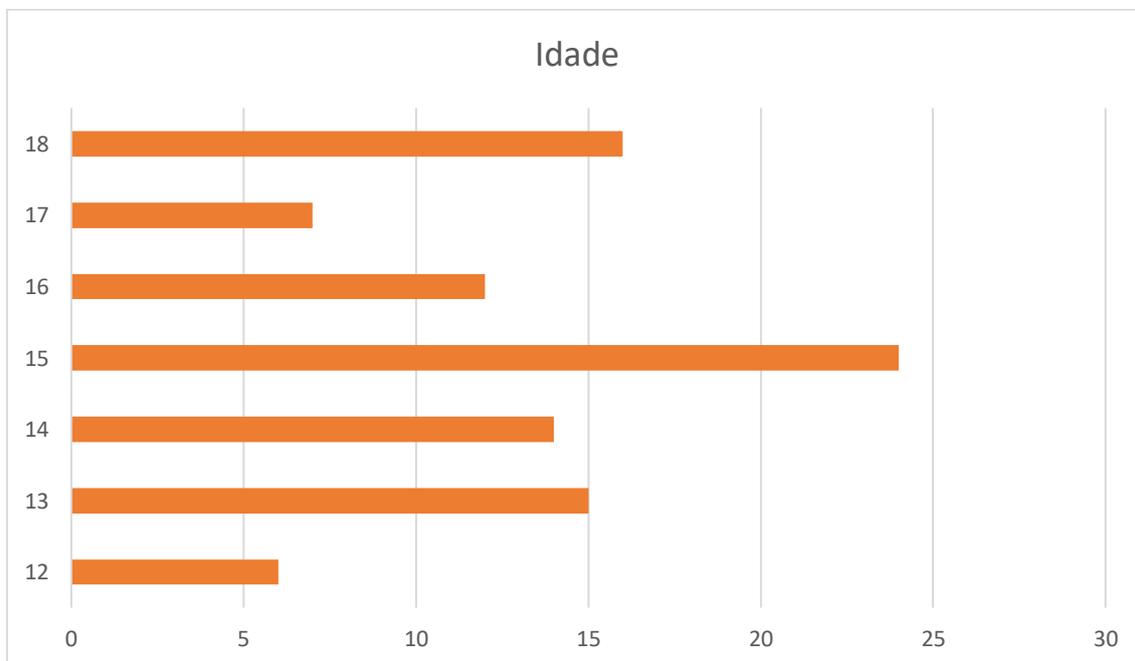
Gráfico 30 - Dados relativos ao género dos alunos.



Como é possível verificar no gráfico 30, o género predominante neste agrupamento é o feminino com 54% da amostra, restando 46% de alunos de género masculino.

1.2.

Gráfico 31 - Dados relativos à idade dos alunos.



Como é possível observar no gráfico 31, a idade dos alunos que participaram no inquérito por questionário varia entre os 12 e os 18 anos de idade.

1.3.

Gráfico 32 - Dados relativos ao ciclo frequentado pelos alunos.



Após análise do gráfico 32, verifica-se que a maior percentagem de alunos, nomeadamente 94% da amostra se encontra a frequentar o 3º ciclo e apenas 6% a frequentar o secundário.

1.4.

Gráfico 33 - Dados relativos aos anos letivos frequentados pelos alunos.



Como é possível verificar no gráfico 33, os alunos encontram-se em anos letivos distintos. Dado que só foi estudada uma turma de cada ano, é possível verificar que a

turma maior é a de 9ºano com 27 alunos, seguida pela turma de 12º ano composta por 24 alunos. Por sua vez, a turma de 7º e 10º ano encontram-se empatadas com 23 alunos por turma.

2. Apresentação dos dados sobre Bullying e Cyberbullying recolhidos no inquérito por questionário.

2.1.

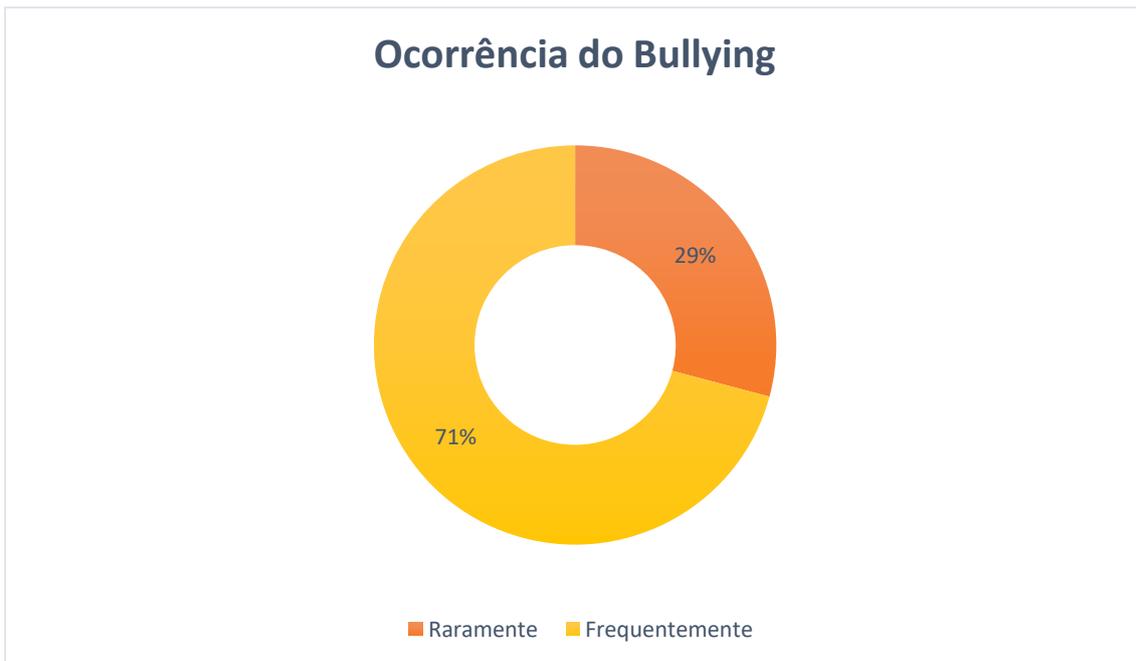
Gráfico 34 - Dados relativos à opinião dos alunos acerca do bullying.



Como é possível verificar no gráfico 34, uma maioria de 95% dos alunos considera as práticas de Bullying como situações bastante graves, no entanto uma minoria de 5% considera que se trata apenas de uma brincadeira.

2.2.

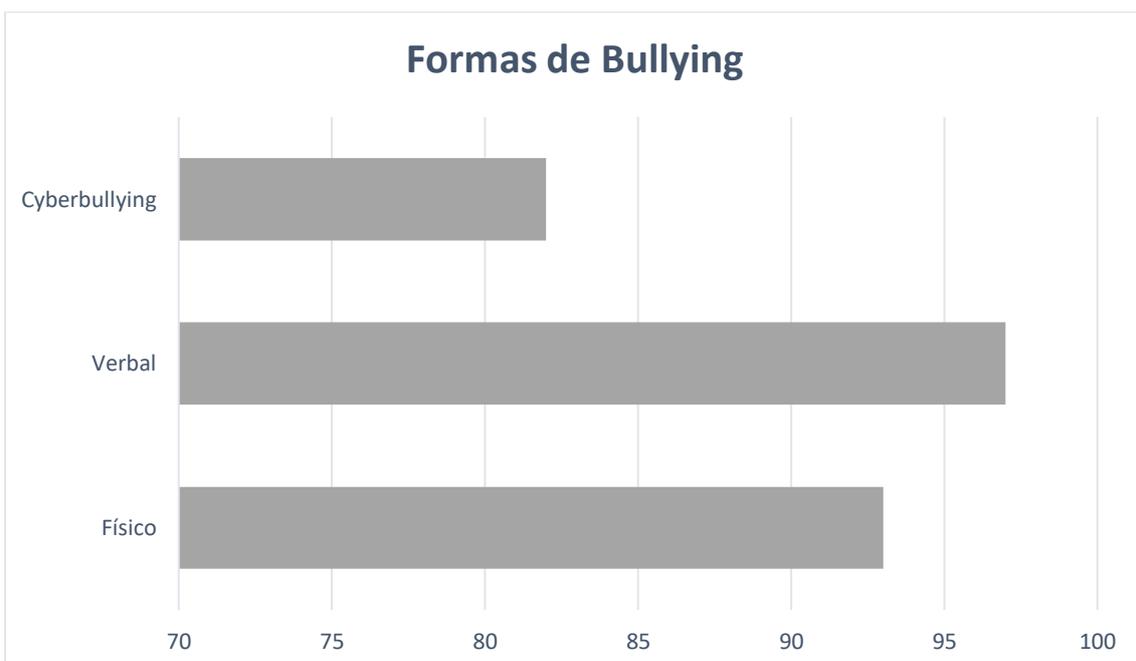
Gráfico 35 - Dados relativos à ocorrência do bullying.



Como era de esperar, verificando o gráfico 35 acima representado, na perspetiva dos alunos, 71% dos alunos considera que as situações de bullying ocorrem frequentemente, e uma percentagem de 29% que considera que é algo que raramente acontece.

2.3.

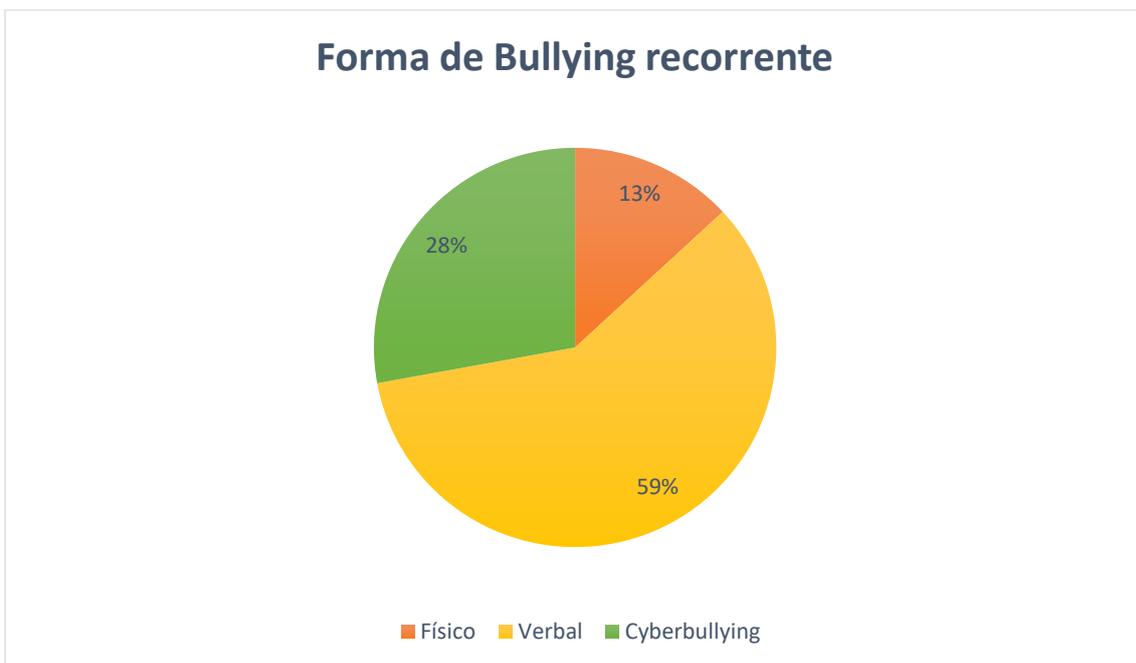
Gráfico 36 - Dados relativos ao conhecimento das formas de bullying dos alunos.



Observando o gráfico 36, é possível verificar que a maior parte dos alunos conhecem as três formas de bullying abordadas nesta investigação. A maioria dos alunos revelou conhecer melhor o bullying verbal, seguido do bullying físico e em último e menos conhecido a prática de cyberbullying.

2.4.

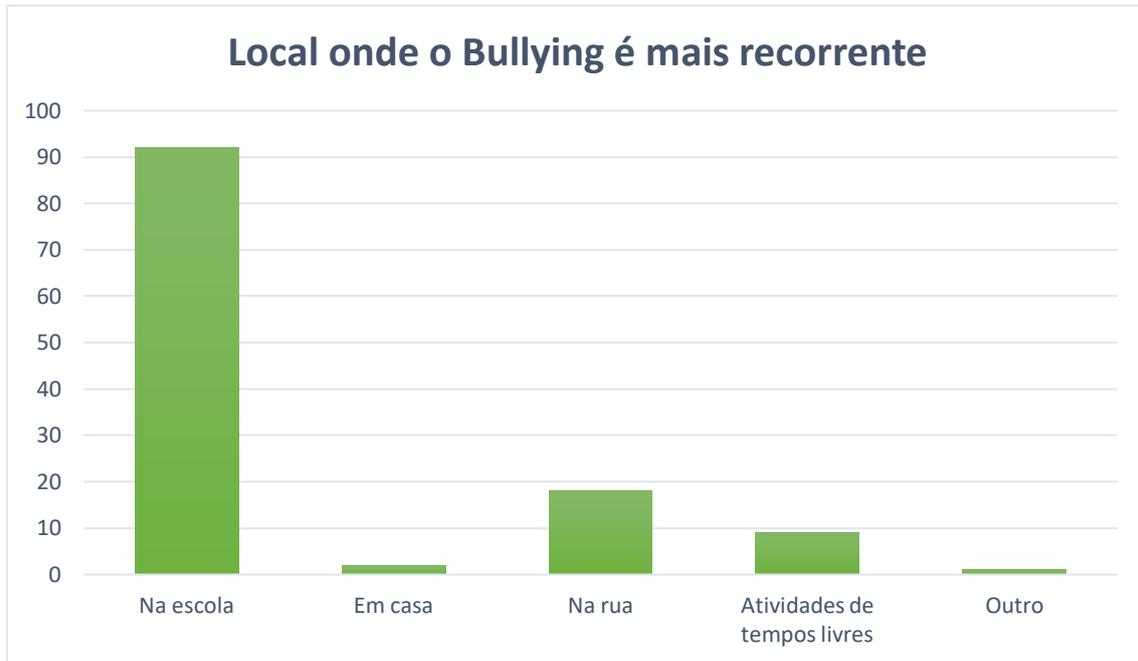
Gráfico 37 - Dados relativos à forma mais recorrente de bullying segundo os alunos.



Como se pode observar no gráfico 37, o bullying verbal é considerada pelos alunos como a forma mais recorrente de bullying, com uma percentagem de 59%, seguida pelo cyberbullying com 28% e por último o bullying físico com uma percentagem de 13%.

2.5.

Gráfico 38 - Dados relativos ao local onde é mais frequente a prática de bullying.

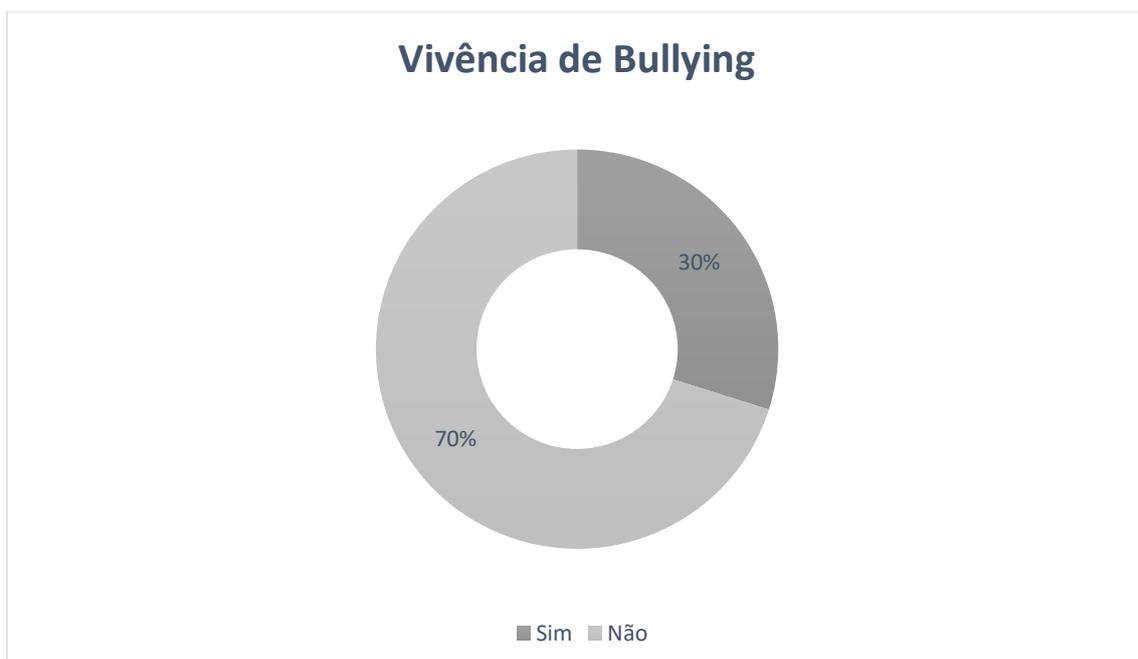


Como se pode verificar com o gráfico 38, o bullying é mais recorrente na escola. A maioria dos alunos, revelou que esta prática ocorria maioritariamente em âmbito escolar, mas muito praticada também na rua. Ainda é possível verificar que tanto em casa como em atividades de tempos livres o bullying ocorre segundo os alunos. Apenas um aluno considerou a internet como o local de bullying mais recorrente.

2.6.

2.6.1.

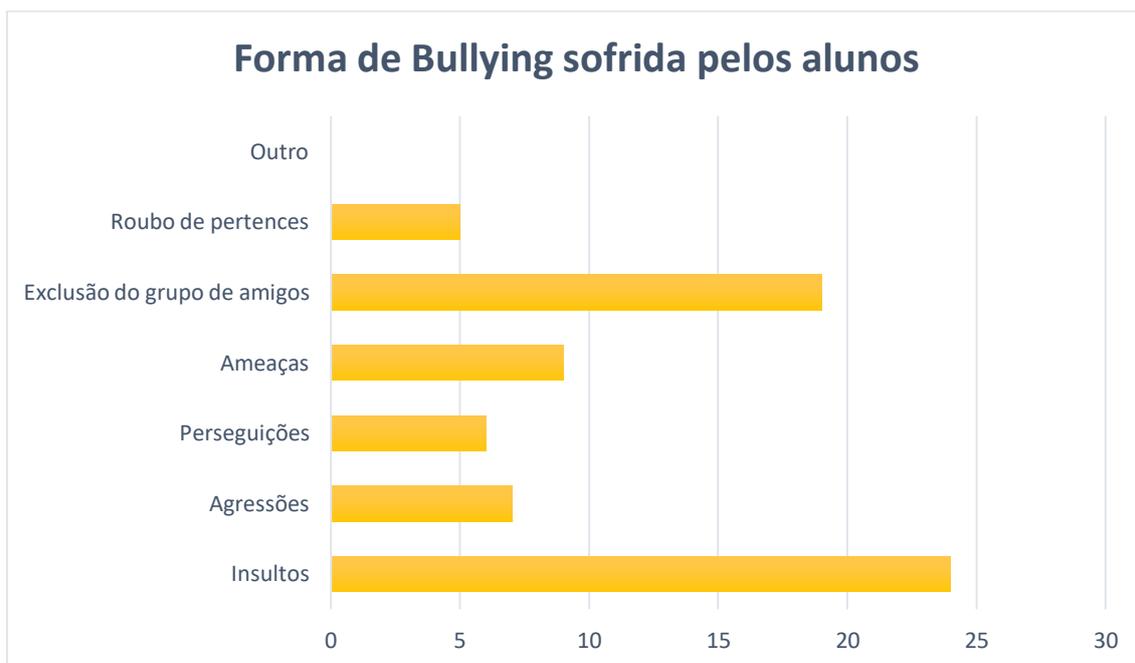
Gráfico 39 - Dados relativos ao bullying sofrido pelos alunos.



No gráfico 39, acima representado estão presentes as percentagens do bullying vivenciado pelos alunos. Como é possível observar, a grande maioria dos alunos, uma percentagem de 70% revelam nunca ter sido alvo destas situações, enquanto uma minoria de 30% revelam em algum momento ter vivenciado estas realidades.

2.6.2.

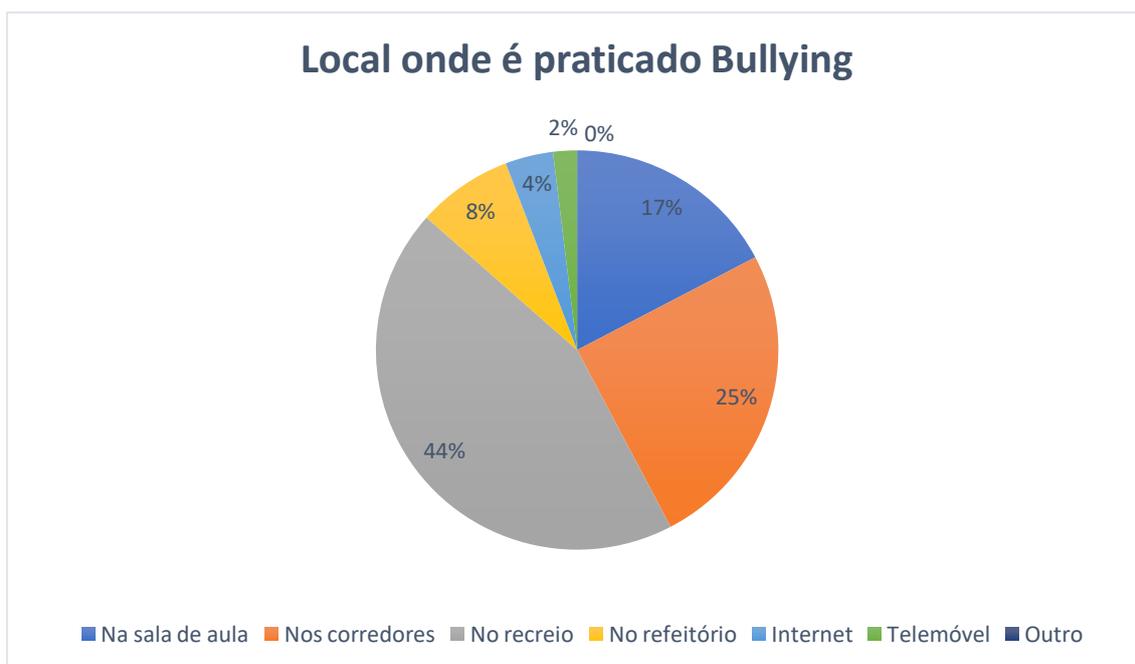
Gráfico 40 - Dados relativos à forma de bullying sofrida pelos alunos.



O gráfico 40 representa as formas de bullying que os alunos sofreram ao longo da sua vida. Como é possível verificar a forma mais recorrente de bullying são os insultos, seguida pela exclusão do grupo de amigos. Mas de forma geral, todas as formas de bullying, de uma forma ou de outra, são praticadas.

2.6.3.

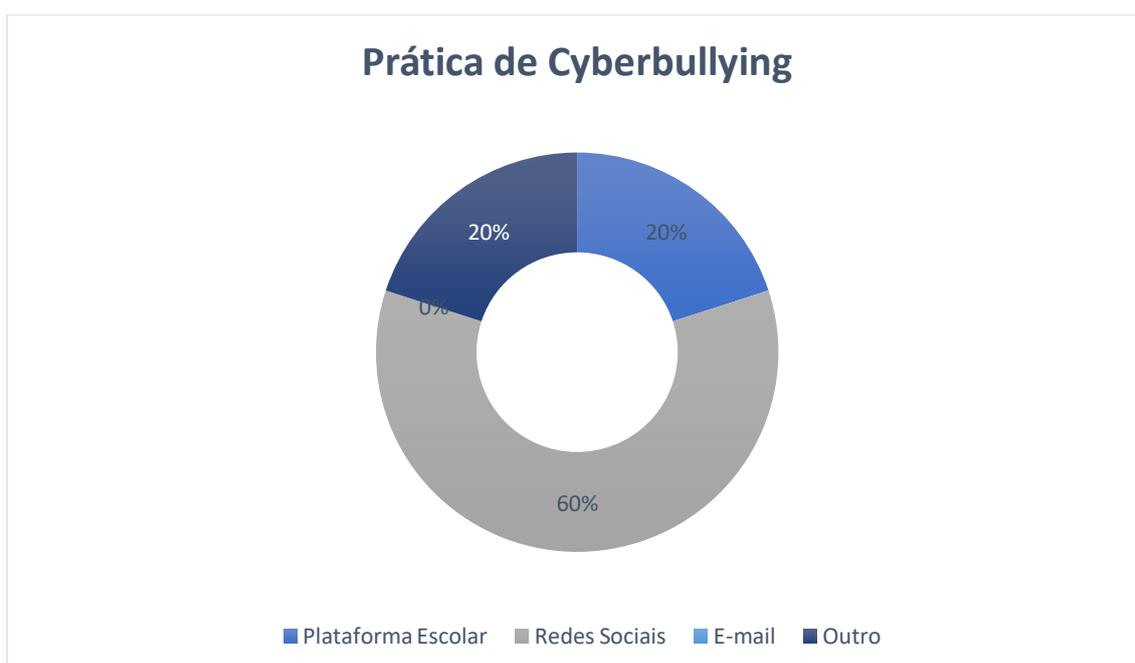
Gráfico 41 - Dados relativos ao local onde é praticado o bullying.



De um modo geral, como é possível verificar no gráfico 41, a prática de bullying acontece em todos os locais inquiridos. A grande maioria dos alunos confessaram que o recreio é o local onde o bullying é mais frequente, seguido pelos corredores com uma percentagem de 25% e em sala de aula com 17% de frequência. O refeitório, a internet e o telemóvel apresentam percentagens mais baixas, no entanto também afetadas por estas realidades.

2.6.4.

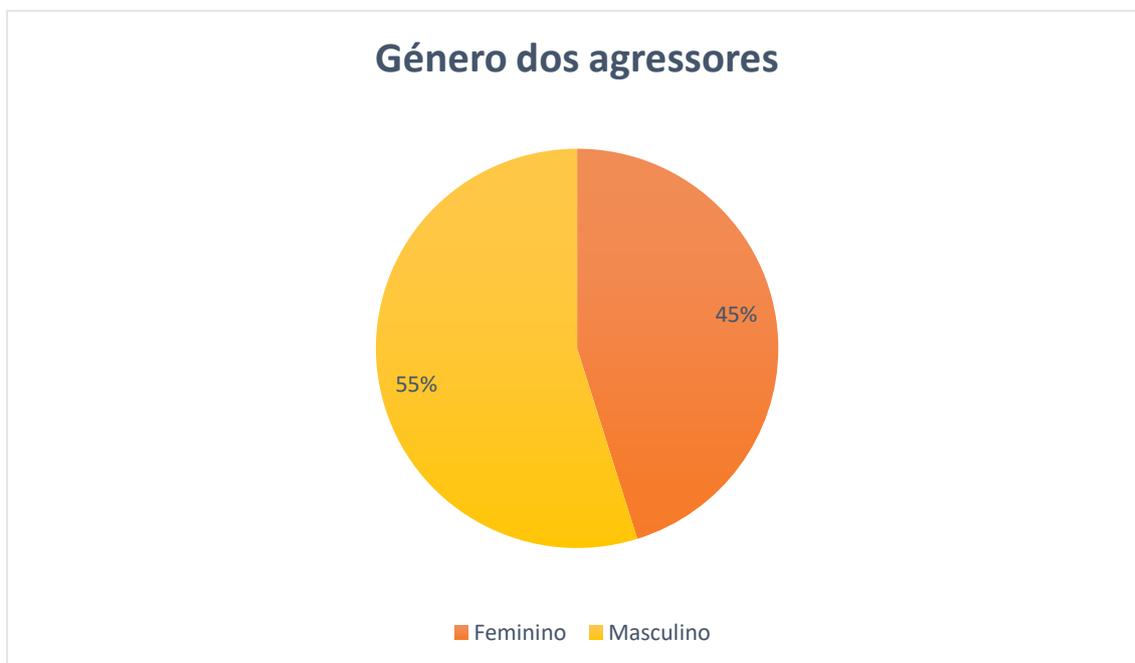
Gráfico 42 - Dados relativos à prática de cyberbullying.



No que toca à prática de cyberbullying, como é possível verificar no gráfico 42, as redes sociais são as redes mais utilizadas para esta prática. Com 20 % segue a plataforma escolar e outras plataformas.

2.6.5.

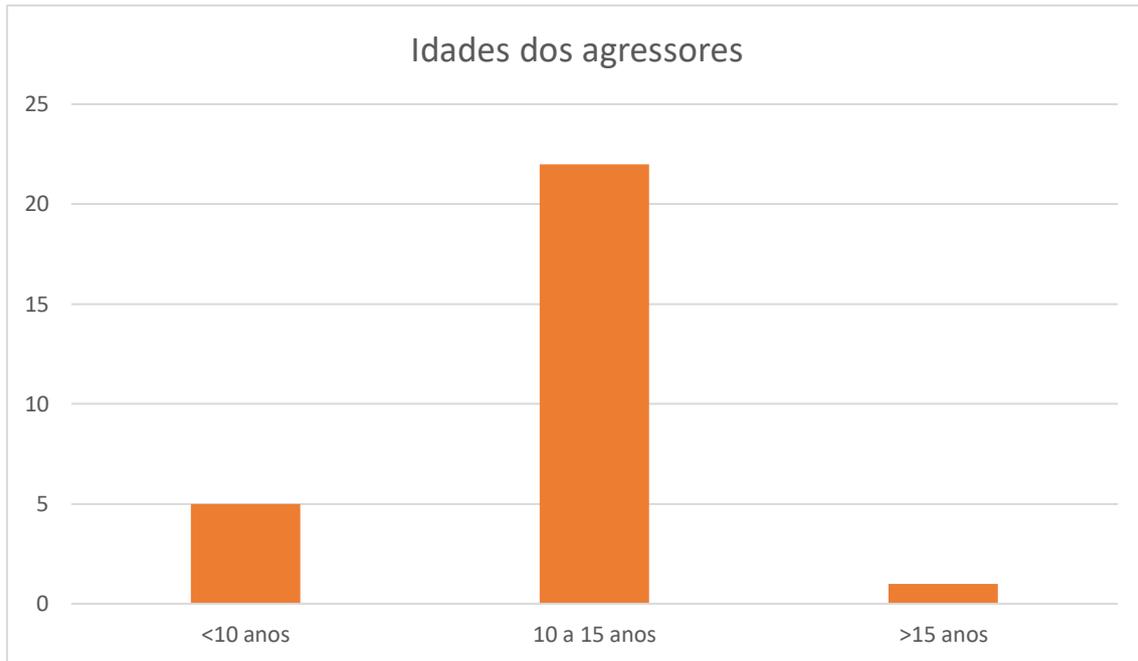
Gráfico 43 - Dados relativos ao género dos agressores.



Como é possível verificar no gráfico 43, os agressores são maioritariamente do género masculino com uma percentagem de 55%. No entanto, é possível reparar que a percentagem de agressores femininos é bastante elevada também, dado que constitui uma percentagem de 45%.

2.6.6.

Gráfico 44 - Dados relativos às idades dos agressores.



O gráfico 44 representa as idades dos agressores. Como é possível observar, a maior parte dos inquiridos referem que os agressores têm idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos. A faixa etária dos menores de 10 anos e maiores de 15 apesar de ser mais reduzida, também é referida.

2.6.7.

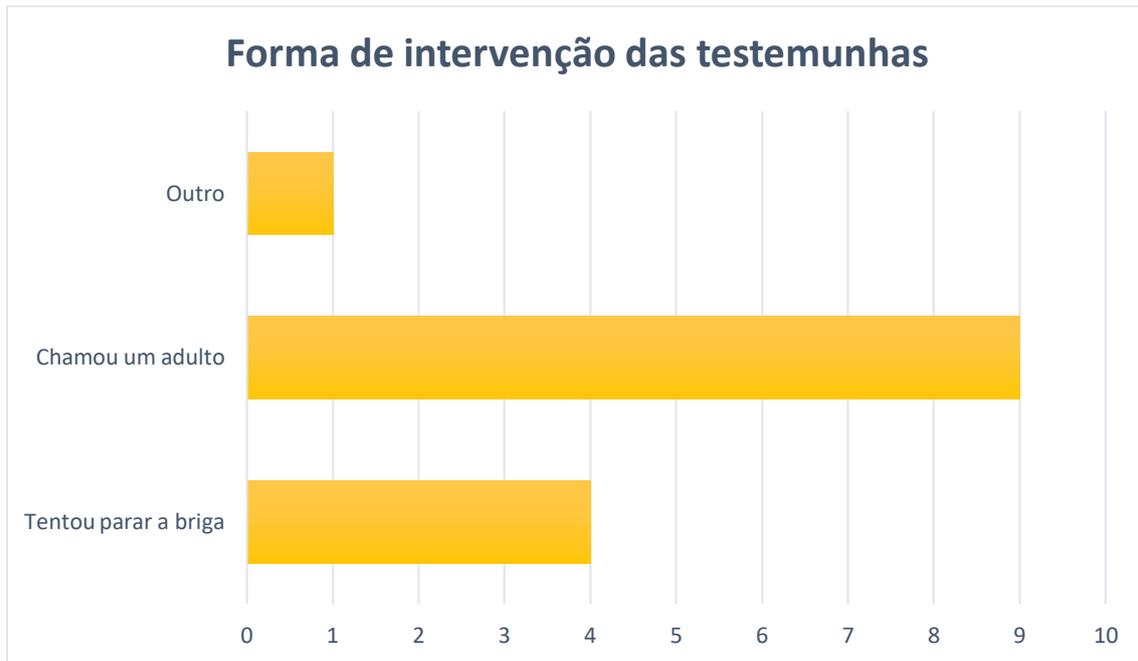
Gráfico 45 - Dados relativos à intervenção das testemunhas.



A intervenção das testemunhas foi objeto de estudo neste gráfico 45. Como se pode verificar, a maior percentagem de testemunhas com 59% da amostra, não efetuou qualquer tipo de intervenção. As restantes 41% das testemunhas intervieram de alguma forma.

2.6.8.

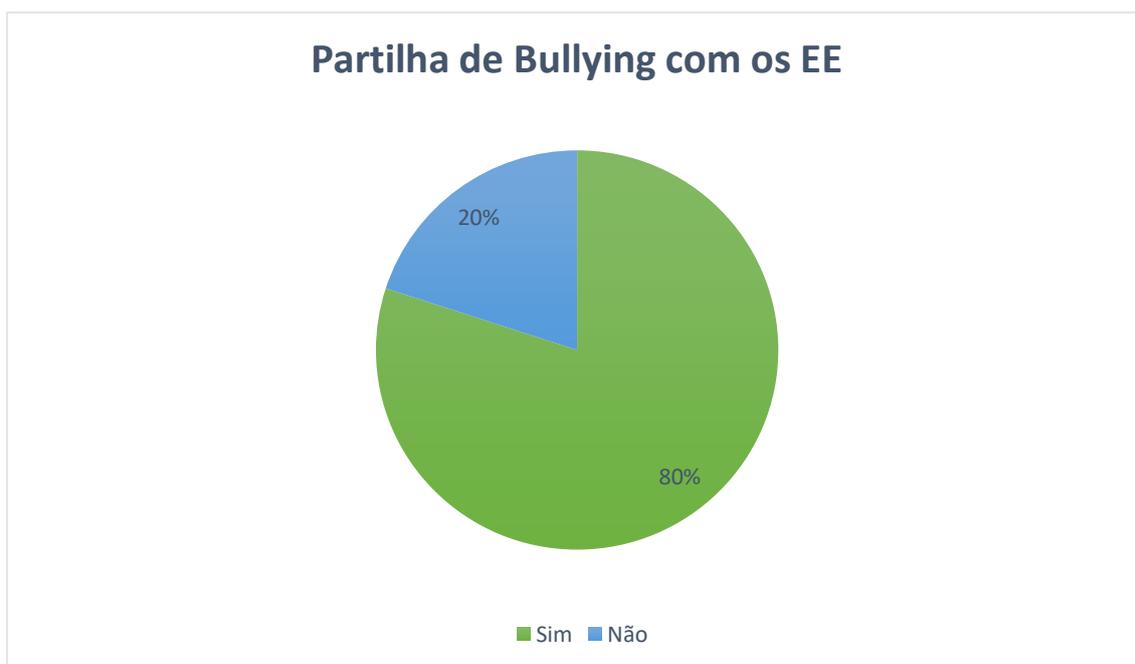
Gráfico 46 - Dados relativos à forma como as testemunhas intervieram.



A maior parte das testemunhas referiram que intervieram na situação de bullying indo chamar um adulto, como se pode verificar no gráfico 46. Grande parte das testemunhas intervieram ao tentar parar a briga e um aluno referiu que contou à professora a situação.

2.6.9.

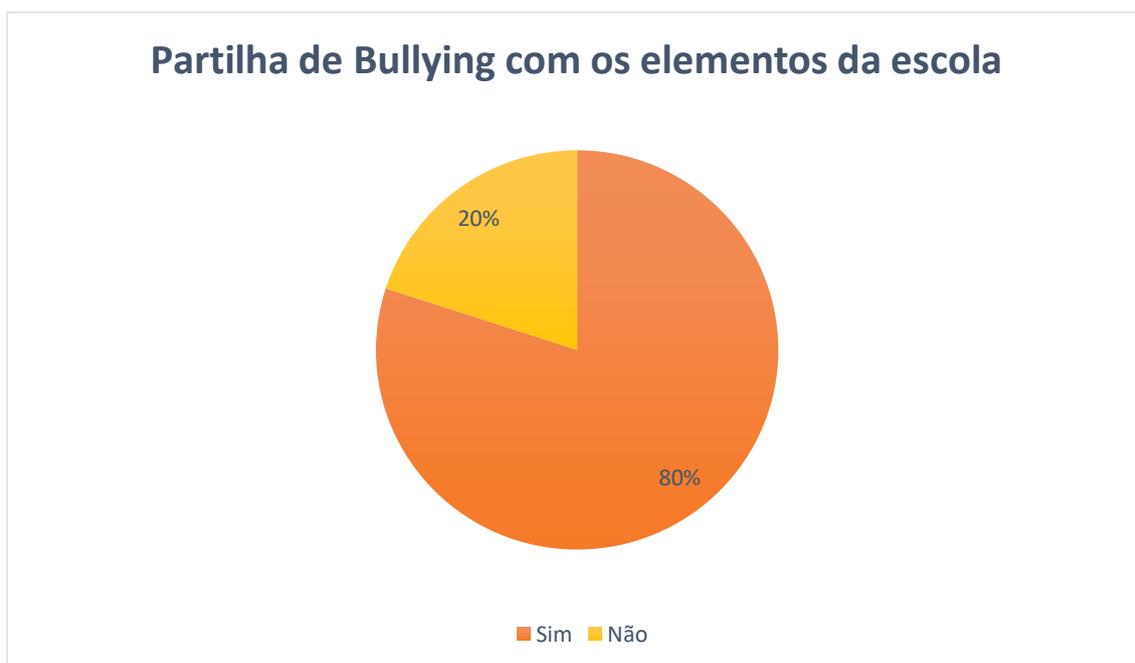
Gráfico 47 - Dados relativos à partilha de situações de bullying com os Encarregados de Educação.



O gráfico 47 acima representado, demonstra a partilha das situações de bullying com os encarregados de educação. A maioria dos alunos, nomeadamente 80%, revelam que comentam com os seus familiares mais próximos. Uma percentagem de 20% revela que não comenta com os seus encarregados de educação as situações que atravessam.

2.6.10.

Gráfico 48 - Dados relativos à partilha de situações de bullying com os professores, diretores de turma ou diretores de escola.

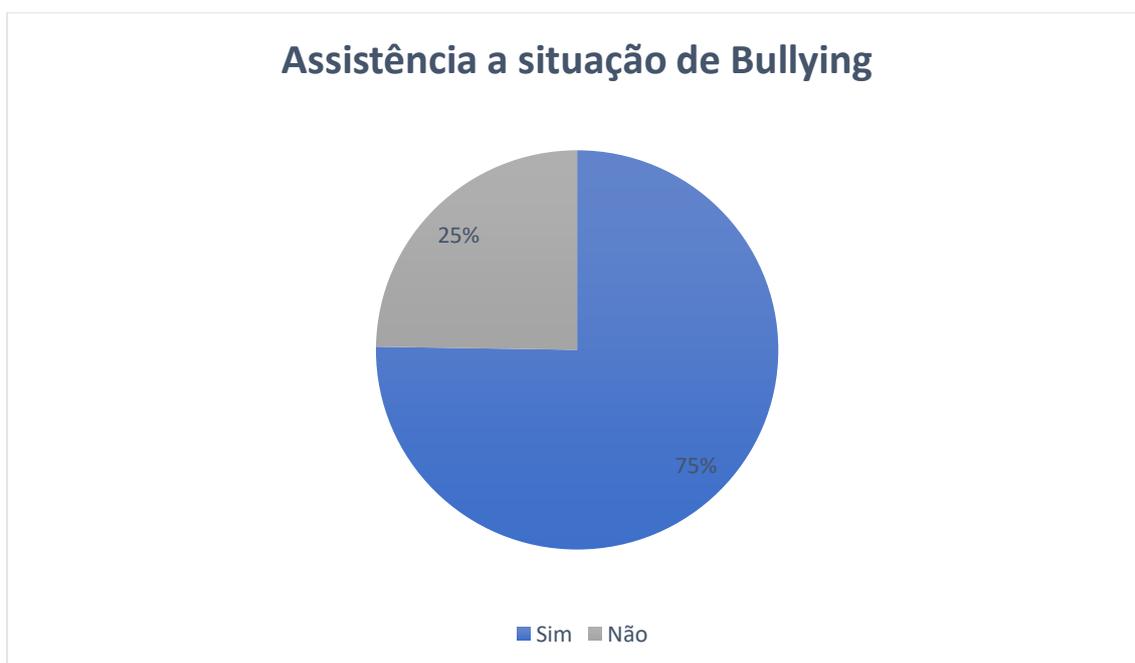


O gráfico 48, mostra a partilha das situações de bullying com os elementos da escola. Como é possível observar 80% dos alunos, a maioria, afirmam falar com os professores, diretores de turma ou diretores de escola. Apenas, 20% dos alunos indicam que não comentam com os elementos da escola as situações de bullying que atravessam.

2.7.

2.7.1.

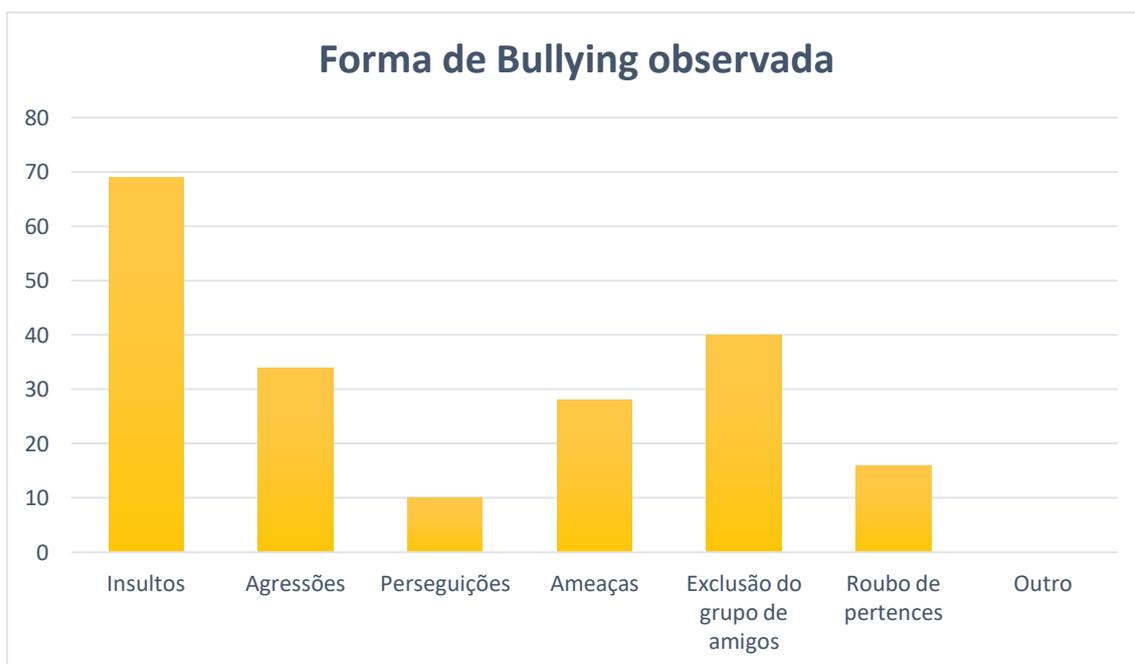
Gráfico 49 - Dados relativos à assistência de Bullying pelos alunos.



No gráfico 49, estão presentes as percentagens do bullying que os alunos assistem. Como é possível observar no gráfico acima representado, a grande maioria dos alunos, uma percentagem de 75% revelam já ter assistido a este tipo de situações, enquanto 25% revelam nunca ter assistido a esta realidade.

2.7.2.

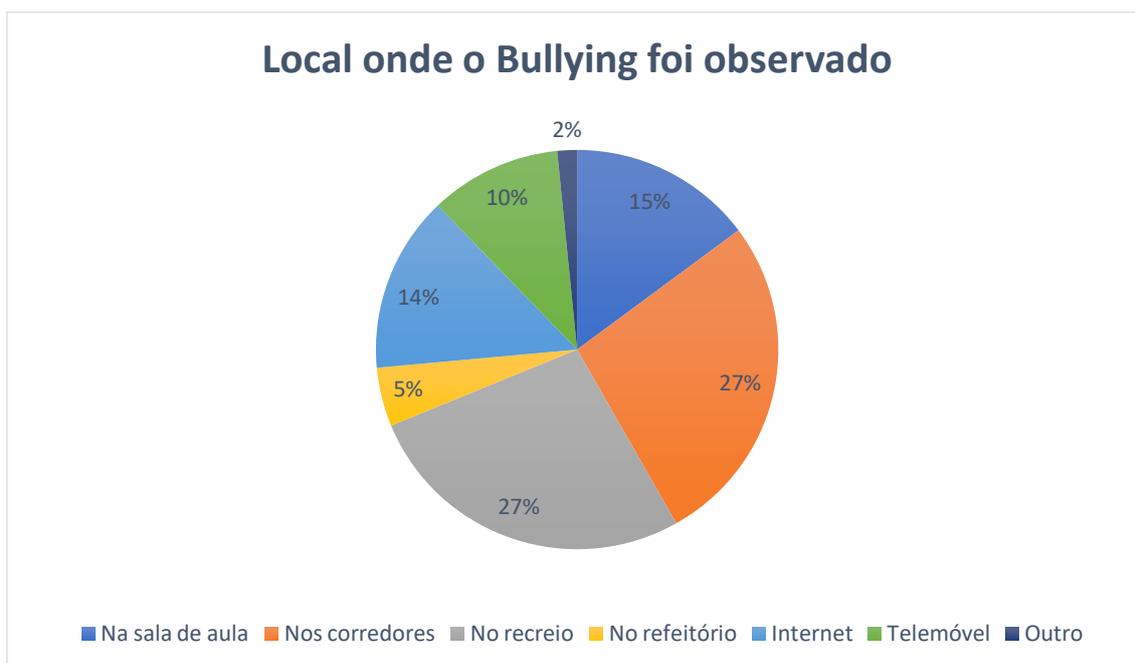
Gráfico 50 - Dados relativos à forma de bullying observada pelos alunos.



O gráfico 50, acima representado, representa as formas de bullying que os alunos assistiram ao longo da sua vida. Como é possível verificar a forma mais recorrente de bullying que referem ter presenciado, são os insultos, seguida pela exclusão do grupo de amigos e as agressões. Mas de forma geral, todas as formas de bullying foram referidos pelos alunos.

2.7.3.

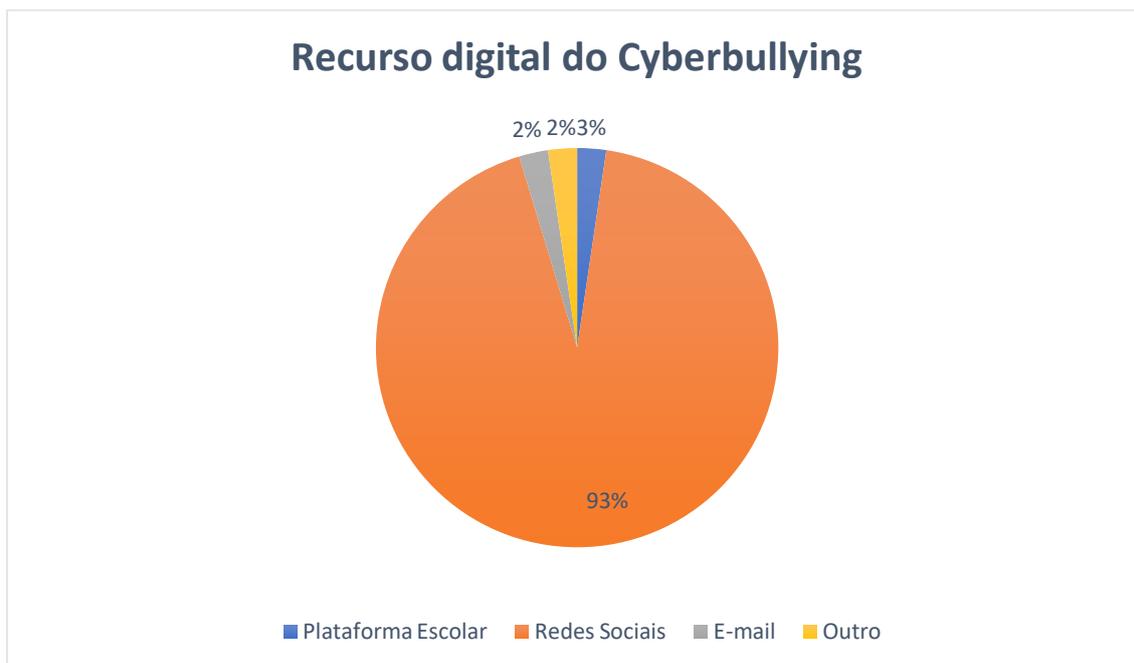
Gráfico 51 - Dados relativos ao local onde o bullying foi observado.



Como é possível verificar no gráfico 51, a prática de bullying foi observada em todos os locais inquiridos. A grande maioria dos alunos indicaram que os corredores e o recreio são o local onde o bullying foi mais vezes observado, seguido pela sala de aula com 15% de frequência. A internet, o telemóvel, o refeitório e na rua são observadas menos vezes, no entanto também são referidos.

2.7.4.

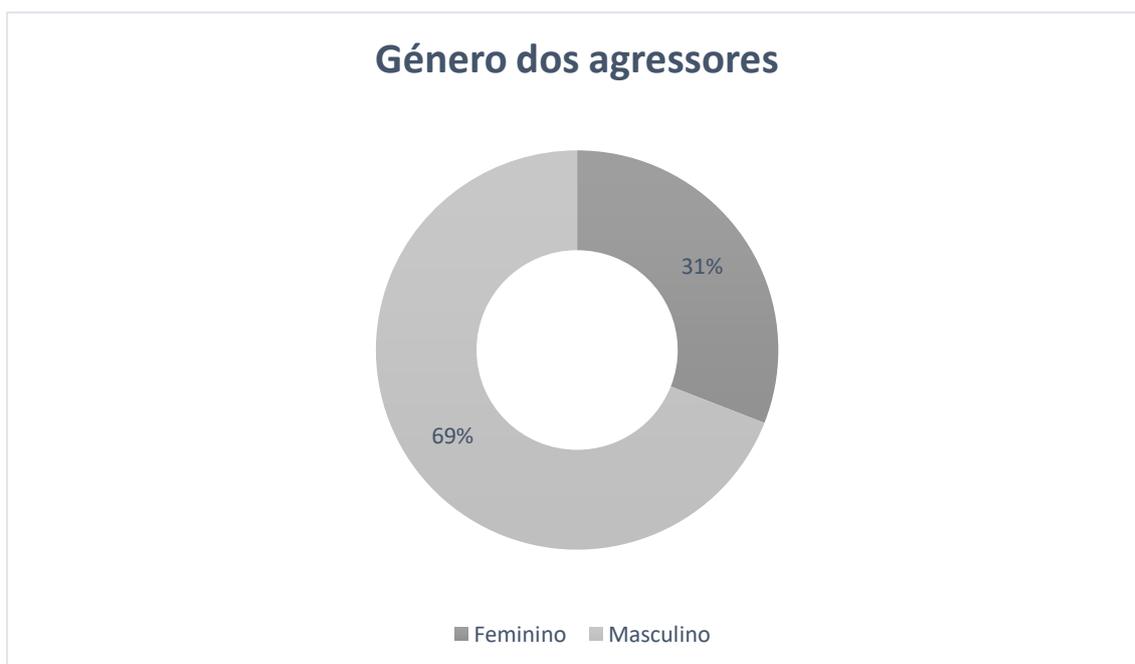
Gráfico 52 - Dados relativos ao recurso digital utilizado no cyberbullying.



No que toca à prática de cyberbullying, como é possível verificar no gráfico 52, acima representado, as redes sociais, com uma percentagem de 93%, são o local onde são mais vezes observadas as práticas de cyberbullying. Com percentagens menores de 2 e 3%, respetivamente seguem a plataforma escolar, o e-mail e por mensagem privada.

2.7.5.

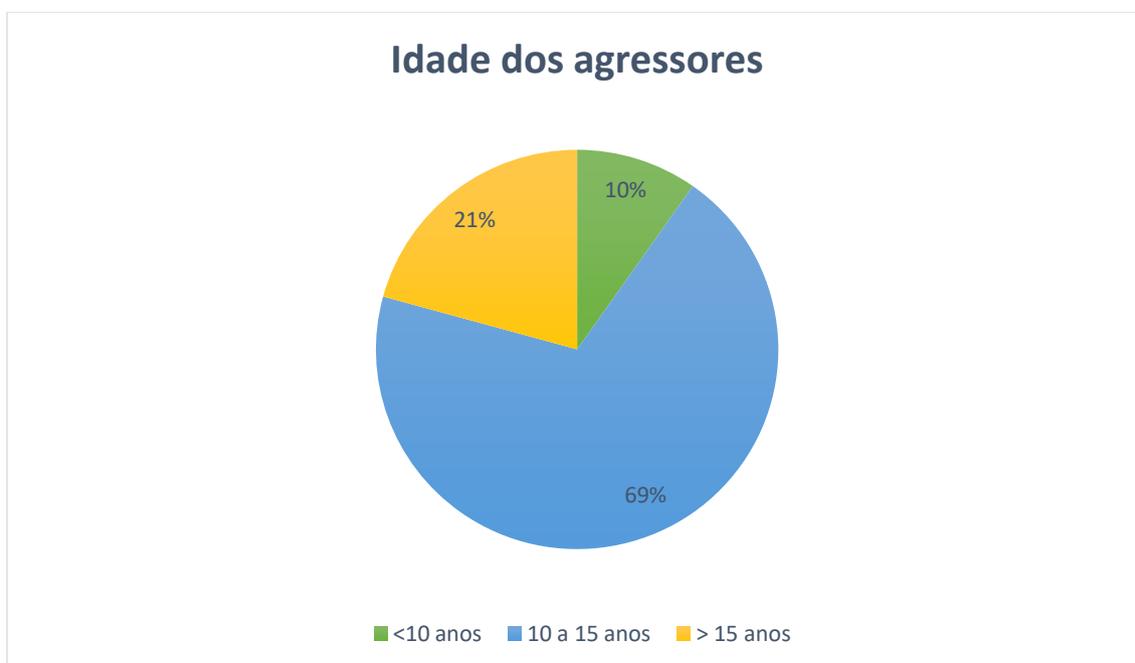
Gráfico 53 - Dados relativos ao género dos agressores.



Como é possível verificar no gráfico 53, os agressores são maioritariamente do género masculino com uma percentagem de 69%. No entanto, é possível reparar que a percentagem de agressores femininos é menor, constituindo uma percentagem de 31%.

2.7.6.

Gráfico 54 - Dados relativos à idade dos agressores.



O gráfico 54 representa a perceção dos alunos sobre as idades dos agressores. Como é possível observar, a maior parte dos agressores, segundo os alunos com uma

percentagem de 69% têm idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos. A faixa etária dos menores de 10 anos e maiores de 15 apesar de ser mais reduzida, também é referida, atingindo uma percentagem de 10 e 21% respetivamente.

2.7.7.

Gráfico 55 - Dados relativos à intervenção das testemunhas.



A intervenção das testemunhas está representada neste gráfico 55. Como se pode verificar, segundo os alunos a intervenção das testemunhas apresenta percentagens iguais, ambas com 50%.

2.7.8.

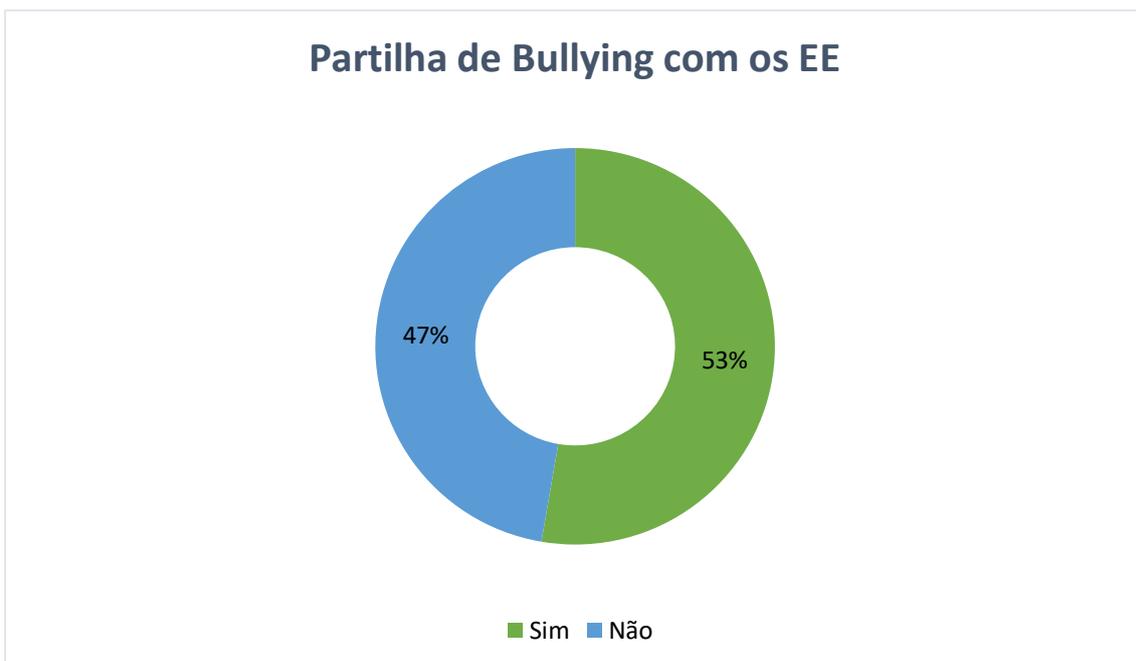
Gráfico 56 - Dados relativos à forma como as testemunhas intervieram.



Como é possível verificar no gráfico 56, a maior parte dos alunos indicam que das testemunhas, com uma percentagem de 49%, intervieram na situação de bullying ao chamar um adulto. A restante percentagem de testemunhas, 51%, intervieram tentando parar a briga.

2.7.9.

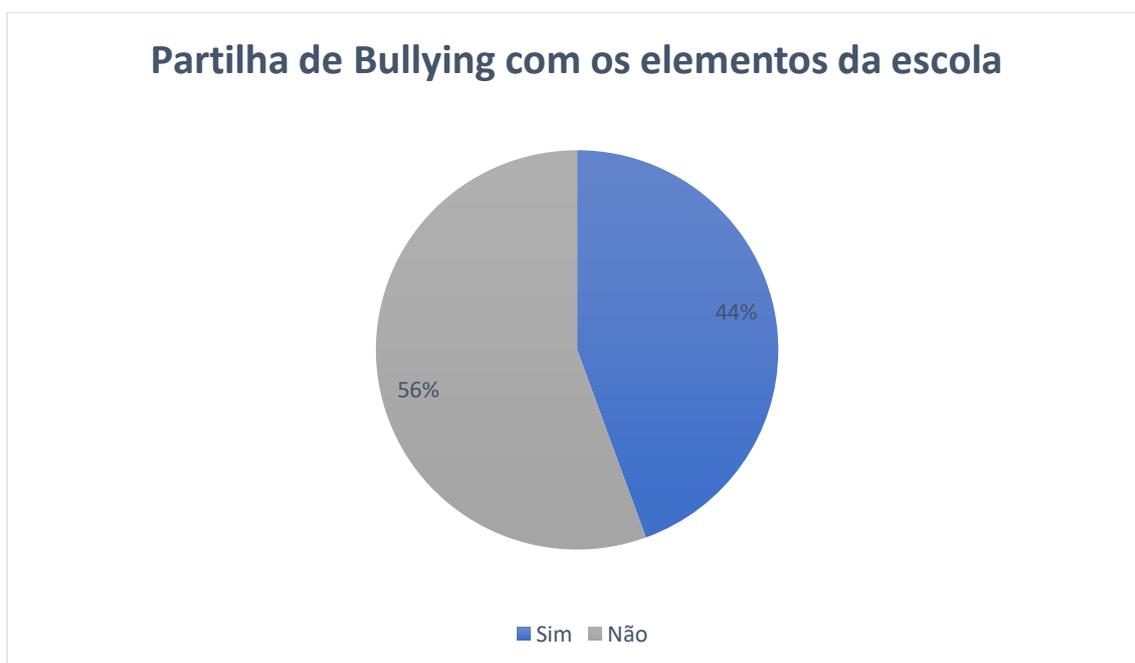
Gráfico 57 - Dados relativos à partilha de situações de bullying com os Encarregados de Educação.



O gráfico 57, demonstra a partilha das situações de bullying com os encarregados de educação. As percentagens são muito semelhantes, a maioria de 53% revela que partilha com os seus familiares mais próximos, enquanto os restantes 47% indicam que não comentam com os seus encarregados de educação as situações que atravessam.

2.7.10.

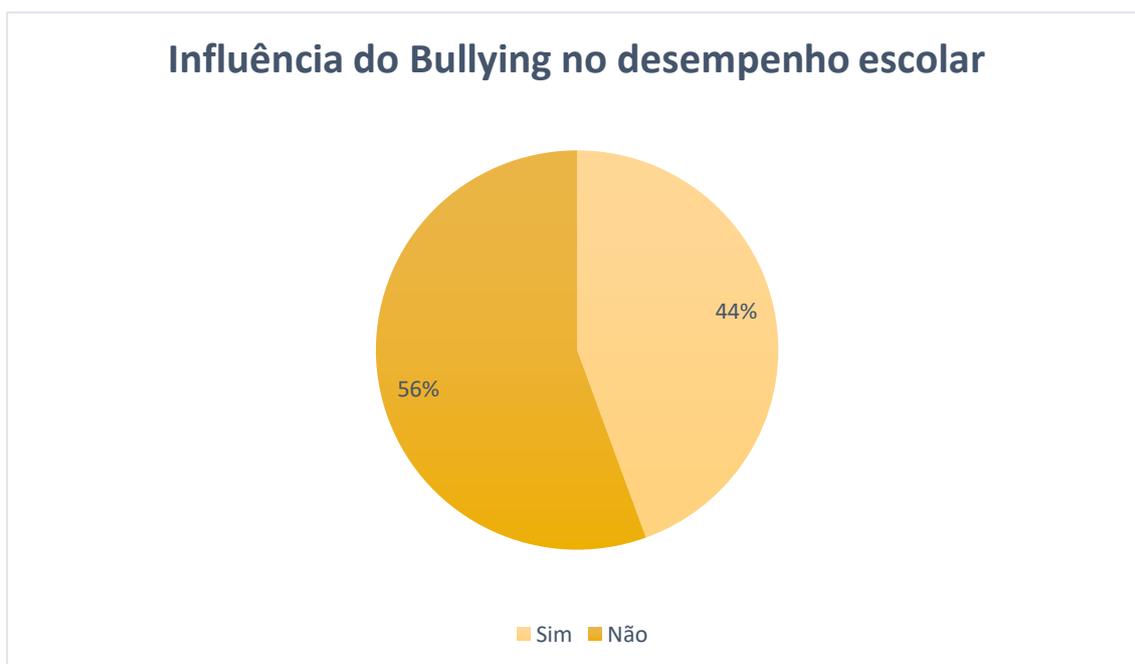
Gráfico 58 - Dados relativos à partilha de situações de bullying com professores, diretor de turma ou diretor da escola.



O gráfico 58, expõe a partilha das situações de bullying com os elementos da escola. Como é possível observar 56% dos alunos, a maioria, afirmam não falar com os professores, diretores de turma ou diretores de escola. Os restantes 44% dos alunos, indicam que comentam com os elementos da escola as situações de bullying que atravessam.

2.7.11.

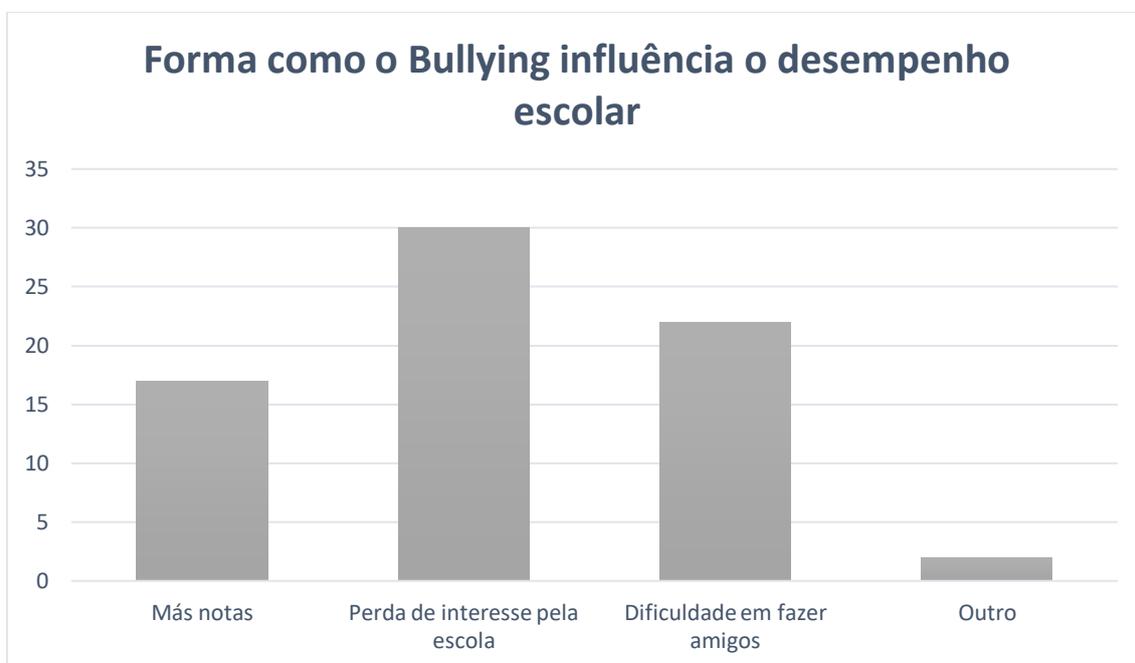
Gráfico 59 - Dados relativos à influência do bullying no desempenho escolar.



Como se pode verificar no gráfico 59, a opinião dos alunos não é unânime. 56% dos alunos acreditam que o bullying não afeta o desempenho escolar, e os restantes 44% consideram afetar de alguma forma.

2.7.12.

Gráfico 60 - Dados relativos à forma como o bullying afeta o desempenho escolar.



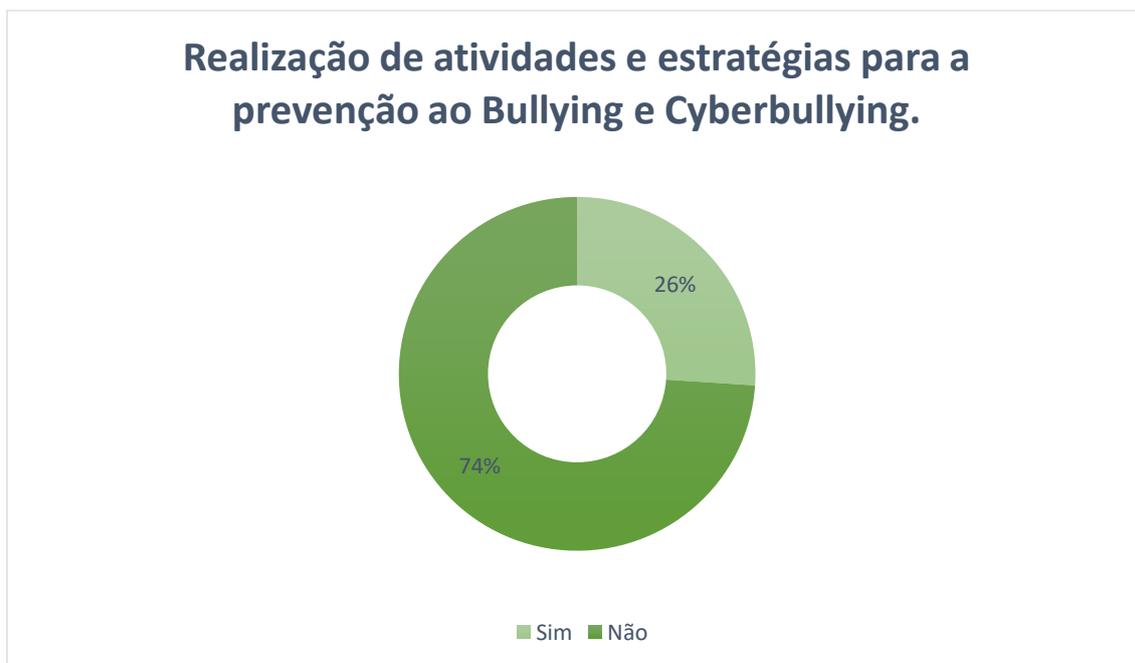
O gráfico 60 acima representado, mostra as opiniões dos alunos relativamente à forma como o bullying afeta o desempenho escolar. Apesar das opiniões serem

diversificadas, de forma geral as opiniões são muito semelhantes, a maior parte dos alunos indicam que como consequência perdem o interesse pela escola, dificuldade em fazer novas amizades e apresentam maus resultados escolares. Dois alunos referiram que o bullying acaba por tornar as vítimas mais isoladas e com mais facilidade em concentrarem-se.

3. Apresentação dos dados sobre estratégia e prevenção acerca do bullying recolhidos no inquérito por questionário.

3.1.

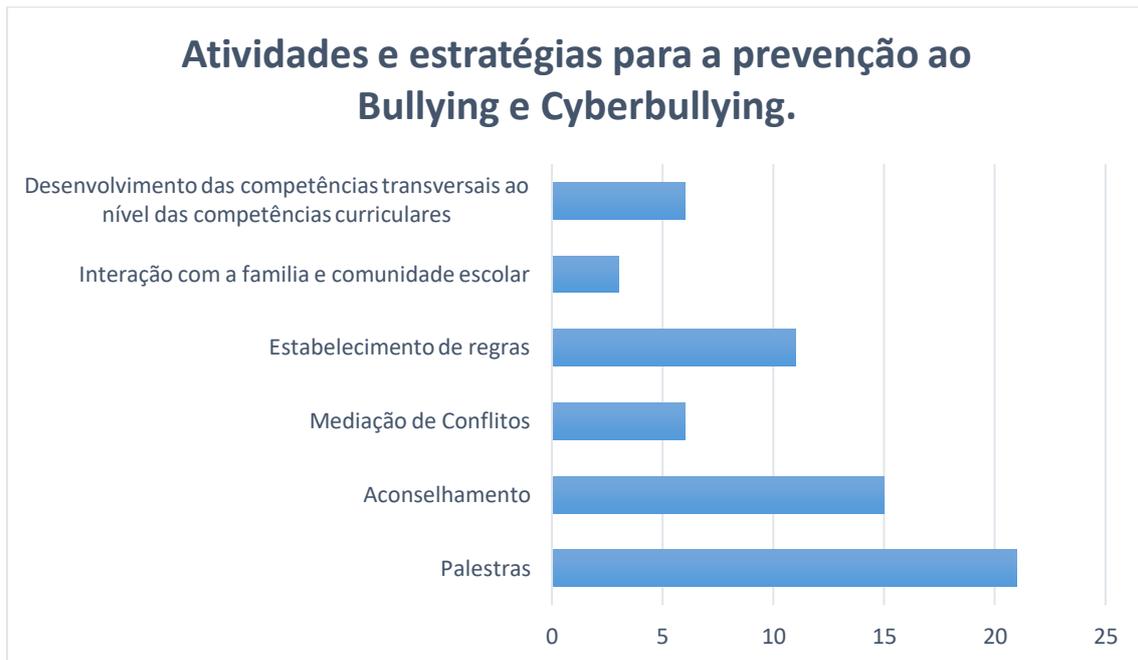
Gráfico 61 - Dados relativos à realização de atividades e estratégias para a prevenção ao bullying e cyberbullying.



Como se pode verificar no gráfico 61, a maior parte dos alunos, uma percentagem de 74%, revelam que no agrupamento não são realizadas atividades e estratégias para a prevenção do bullying e cyberbullying. Apenas 26% referem que são realizadas algumas atividades.

3.2.

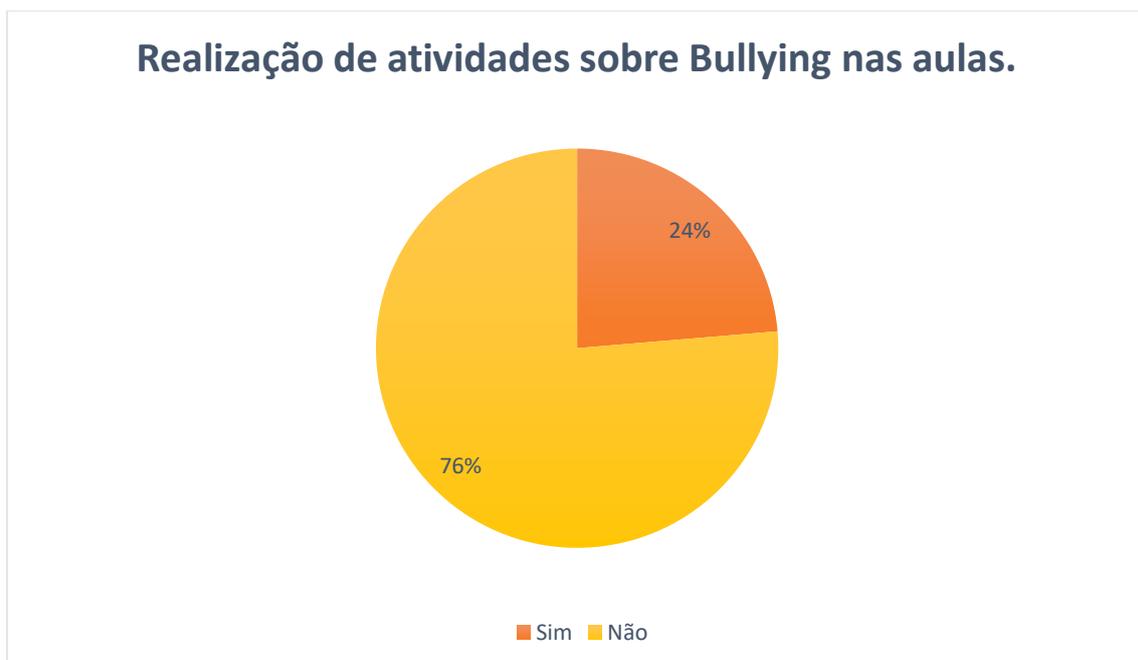
Gráfico 62 - Dados relativos à enumeração de atividades e estratégias para a prevenção ao bullying e cyberbullying.



O gráfico 62 acima representado, mostra quais as atividades e estratégias que o agrupamento realiza no âmbito do combate ao bullying e ao cyberbullying segundo os alunos. Como é possível verificar, são diversas as atividades realizadas, sendo a mais frequente as palestras sobre a temática e o aconselhamento feito para com os alunos.

3.3.

Gráfico 63 - Dados relativos à realização de atividades sobre bullying nas aulas.



Através do gráfico 63, acima representado, é possível verificar que a grande maioria dos alunos, nomeadamente uma percentagem de 76% revelam não serem realizadas atividades em sala de aula. Apenas 24% dos alunos indica que são realizadas algumas atividades em sala de aula.

3.4.

Tabela 6 - Dados relativos à enumeração das atividades sobre bullying nas aulas.

Questão 3.4	N
Falamos sobre o assunto.	4
Projeto de Prevenção.	2
A professora falou sobre bullying.	1
Cidadania.	1
Defender quem sofre.	1
Conversar com a turma.	1
Este questionário.	2
Atividades no auditório.	1
Palestras.	1
Não fazemos nada.	1
Este formulário.	1
Questionários.	2
Powerpointts.	2

A tabela 6, acima representada, descreve as atividades que os alunos afirmaram realizar em sala de aula. De forma geral, a maior parte revela não serem realizadas nenhuma atividades e os restantes, afirmam realizar tarefas de sensibilização do tema como conversarem sobre o assunto.

Capítulo 5 - Considerações finais

5.1 - Triangulação e Discussão dos resultados

Posteriormente à análise dos dados recolhidos por inquérito por questionário apresentados no capítulo anterior, realiza-se a triangulação dos mesmos, nomeadamente ao cruzar-se e comparar-se os dados adquiridos através dos inquéritos por questionário aos docentes e alunos e as diferentes fontes bibliográficas tendo em vista o reforço das conclusões feitas nesta investigação. De modo a construir uma investigação sólida e fundamentada foram realizadas leituras sobre a temática e feita a análise detalhada das respostas dadas pelos docentes e alunos no inquérito por questionário que foi distribuído pelos alunos e alguns docentes.

Desta forma, e tendo em conta, principalmente a informação partilhada pelos docentes e alunos, chega-se às considerações que serão abordadas em seguida.

Relativamente aos dados sociodemográficos dos docentes e dos alunos, verifica-se a opinião de Coleman (2005) que refere que, a nível internacional, a profissão docente tende a ser numericamente dominada pelas mulheres, tal como acontece neste agrupamento que a maior parte dos docentes é do género feminino. Apresentam uma idade superior aos 40 anos e com alguns anos de experiência na arte de lecionar, tendência que acompanha as investigações de Edustat - Fundação Belmiro de Azevedo que segundo as estatísticas revelam que “a maioria dos profissionais se agrupa entre os 40 e os 59 anos e quase metade dos docentes portugueses têm mais de 50 anos”. São docentes com mais de 15 anos de experiência, dedicados atualmente a lecionar o 3º ciclo e já muito familiarizados com o agrupamento em que estão inseridos.

Por sua vez, os alunos são maioritariamente do género feminino com idades superiores a 12 anos de idade e encontram-se a estudar no 3º ciclo ou ensino secundário.

No que diz respeito à principal atenção desta investigação, a temática do bullying e cyberbullying nesta escola verifica-se que a opinião de docentes e alunos, vai divergindo. Enquanto para os docentes o bullying é uma realidade de difícil resolução que ocorre raramente e maioritariamente na forma de bullying verbal, para os alunos é uma situação bastante grave e que acontece muito frequentemente, principalmente como forma de bullying verbal também.

Para ambos, a escola é o local onde é mais frequente verificar-se essa realidade, sendo as redes sociais o recurso digital predileto para a prática de cyberbullying, tal como refere Batsche (1997), que considera que o fenómeno de cyberbullying é, atualmente, uma das formas mais recorrentes de violência na escola.

Segundo Cunha & Monteiro (2018), Olweus (1993) e Smith & Sharp (1994), toda a violência na escola preocupam os professores e a sociedade em geral, não só pelas consequências que traz nos atores diretamente envolvidos (vítimas e agressores), como pelas consequências nas testemunhas.

Para Crothers & Levinson, (2004) e Olweus (1977 & 1993) as situações de bullying ocorrem tanto em escolas públicas e privadas como em diversos contextos, sem restrição quanto ao nível socioeconómico, género ou faixa etária. Neste agrupamento em particular, a maioria dos docentes revelam já ter presenciado situações de bullying, principalmente na forma verbal, maioritariamente nos corredores e na própria sala de aula. Constatando-se que os agressores são maioritariamente do género masculino e as principais vítimas do mesmo género. A idade para a prática destas realidades, segundo os dados revela que, a idade dos 10 a 15 anos é a que apresenta mais prevalência. Tendência que, em parte está de acordo com Sharp & Smith (1994) e Rigby (2007) que consideram o aumento do bullying a partir dos 10 anos e a redução do mesmo a partir da idade compreendida entre os 15 e os 17. Ambos consideram que o pico deste comportamento está na idade dos 13 e 14 anos de idade.

Para os alunos que sofreram situações de bullying, indicam que o local mais frequente é o recreio e os corredores da escola maioritariamente como bullying verbal pela forma de insultos, mas também exclusão perante o grupo de amigos e ainda através das redes sociais, para a prática de cyberbullying. Os agressores são maioritariamente do género masculino e com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos. No que toca a partilhar a situação com os pais ou elementos da escola, a maioria dos alunos indica fazê-lo.

No caso dos alunos que apenas assistiram a situações de bullying, a maioria revela já ter assistido a situações de bullying e cyberbullying, nos corredores e recreio da escola, maioritariamente como bullying verbal através de insultos e da exclusão do grupo de amigos e também pelas redes sociais. No que toca a comentar estas situações com os adultos, a maior parte dos alunos relata as situações que presenciaram junto dos mais

próximos e evita comentar com os elementos da escola, nomeadamente professores, diretores de turma e diretor da escola.

De forma geral e como apontam Farrington (1993), Olweus, (1994) e Lopes Neto (2005) os comportamentos que envolvem bullying manifestam-se de forma diferente entre os sexos. Segundo Olweus (1997) e Lopes Neto (2005) os meninos têm mais tendência a envolver-se em situações de bullying, tanto no papel de atores como alvos, ou seja, agressores ou vítimas. No caso das meninas, segundo os mesmos autores o bullying acontece mais raramente, mas principalmente sobre forma de agressão indireta, nomeadamente a exclusão social e difamação dos pares.

Relativamente à intervenção das testemunhas, revelou-se pelos docentes e pelos alunos que já observaram situações de bullying que as testemunhas vão intervindo ao tentar parar a briga ou chamando um adulto. No entanto, os alunos indicaram que já foram vítimas de bullying, revelam que a intervenção das testemunhas não é frequente.

Em termos de estratégias de prevenção, ficou claro que a maioria dos docentes não tiveram formação adequada para detetar e atuar em situações de bullying e consideram que nem realizam em sala de aula atividades para esse efeito, sem ser a sensibilização para a gravidade desta temática. No que toca a recursos suficientes presentes no agrupamento para resolução desta problemática, os docentes e os alunos são da mesma opinião, consideram que não são suficientes, mas que existe acompanhamento psicológico, ações de formação e palestras nesse âmbito.

Hamilton et al. (2008), Lund et al., (2008) & Van der Wal et al. (2003) consideram o bullying como um stress social crónico, que apesar de ocorrer como forma de violência direta ou indireta entre os pares durante a infância, podem trazer consequências para a vida adulta da pessoa que foi uma vítima, tais como depressão, ansiedade, stress e baixa autoestima.

De forma geral, ficou claro para os docentes que o bullying e cyberbullying influencia o desempenho escolar, nomeadamente o psicológico e as aprendizagens dos alunos, a sua autoestima, autoconfiança e motivação, tornando-os mais isolados e mais ausentes na escola. Opinião que não é partilhada pela maioria dos alunos que acreditam que não influencia, porém alguns ainda acreditam que afeta o interesse pela escola e aumenta a dificuldade em realizar amizades novas.

5.2 - Conclusões

Este subcapítulo é dedicado as conclusões de todo o estudo, tendo em conta todos os objetivos definidos inicialmente.

O objetivo geral, Conhecer a realidade do Bullying e Cyberbullying num Agrupamento de Escolas do Alentejo, foi subdividido em 7 objetivos específicos:

1. Identificar os tipos de bullying existentes no conjunto de escolas do agrupamento.
2. Registrar a prevalência de bullying nos estudantes deste agrupamento.
3. Identificar os diferentes intervenientes no bullying.
4. Verificar o impacto do bullying no (in)sucesso escolar na perceção de atores educativos.
5. Analisar as estratégias de prevenção dos atores educativos e do agrupamento.
6. Entender a realidade do Bullying e Cyberbullying perante os alunos.
7. Investigar como é praticado o Cyberbullying no conjunto de escolas do agrupamento.

No que diz respeito ao objetivo geral desta investigação, “Conhecer a realidade do Bullying e Cyberbullying num Agrupamento de Escolas do Alentejo” foi possível chegar à conclusão que, docentes e alunos possuem opiniões distintas, sendo que para isso e para chegar as informações de cada objetivo foram aplicados questionários a docentes e alunos e feito o cruzamento de informações para chegar a conclusões reais. Foi possível concluir que tanto para os docentes como para os alunos, o bullying e o cyberbullying são uma realidade frequente nesta escola.

O primeiro objetivo específico, “Identificar os tipos de bullying existentes no conjunto de escolas do agrupamento” a informação recolhida tanto de docentes como de alunos é unanime quando concluem que o bullying verbal é o mais frequente no agrupamento. Relativamente ao bullying físico e o cyberbullying, as opiniões já diferem, para os docentes o bullying mais praticado depois do verbal é o físico e por último e menos frequente o cyberbullying. Na opinião dos alunos, o cyberbullying é mais frequente que o bullying físico.

No segundo objetivo específico, “Registrar a prevalência de bullying nos estudantes deste agrupamento” recolheu-se a informação sobre a realidade de bullying assistida e

vivida pelos alunos. Os alunos revelam que já assistiram a esta realidade, mas a maioria dos alunos revela nunca ter vivido nenhum tipo destas situações. Tanto para os alunos que assistiram, como a pequena percentagem de alunos que revelaram sofrer bullying, a opinião é semelhante, ambos revelam os insultos e a exclusão do grupo de amigos como as situações de bullying mais recorrente. Concluiu-se que os agressores e vítimas são maioritariamente do género masculino. No que diz respeito à idade, as conclusões são unânimes, tanto para quem prática como para quem sofre, a idade mais frequente é dos 10 aos 15 anos de idade.

O terceiro objetivo específico é relativo a “Identificar os diferentes intervenientes no bullying” e nas informações que foram recolhidas foram identificados três intervenientes nas práticas de bullying: agressores, vítimas e testemunhas. Cada interveniente reage de formas distintas, os agressores são os que causam estas realidades, as vítimas reagem de acordo com a sua personalidade e as testemunhas podem intervir de várias formas, mas a mais recorrente é tentarem parar a briga ou chamarem um adulto.

Para o quarto objetivo específico “Verificar o impacto do bullying no (in)sucesso escolar na perceção de atores educativos”, recolheu-se informações distintas tendo em conta as perspetivas dos docentes e dos alunos. Para os docentes o bullying afeta e muito o desempenho escolar e conseqüentemente o seu sucesso ou insucesso. Os docentes acreditam que o bullying afeta o aspeto psicológico e as aprendizagens dos alunos, a sua autoestima, autoconfiança e motivação, acabando por tornar as vítimas mais isoladas e com menos vontade de frequentar a escola. Para os alunos, o bullying é uma realidade que não afeta o desempenho escolar, o máximo que os alunos acreditam é que o bullying contribua para a perda de interesse pela escola e para a dificuldade em fazer amigos.

No quinto objetivo específico, “Analisar as estratégias de prevenção dos atores educativos e do agrupamento” concluiu-se que tanto na opinião docente como na dos alunos, ambos consideram que tanto os professores como o agrupamento não possuem os recursos suficientes para estarem preparados para prevenir este tipo de situações. A maioria dos docentes não realiza em sala de aula atividades neste âmbito e o agrupamento realiza de forma esporádica. No entanto, uma das poucas estratégias de prevenção para situações de bullying e cyberbullying indicados, a realização de apoio psicológico, o estabelecimento de regras, sensibilização para o tema através de debates e palestras.

Relativamente ao sexto objetivo específico “Entender a realidade do Bullying e Cyberbullying perante os alunos” é unânime a opinião dos docentes e alunos quando concluem que a realidade do bullying e cyberbullying é mais recorrente na escola, nomeadamente nos corredores, no recreio e na sala de aula.

Por último, no sétimo objetivo específico “Investigar como é praticado o Cyberbullying no conjunto de escolas do agrupamento” concluiu-se que o cyberbullying é praticado principalmente através das redes sociais.

É importante referir que neste subcapítulo das conclusões, foram apresentados e analisados mais uma vez os resultados recolhidos anteriormente, no entanto, foi procurado responder em detalhe a cada objetivo definido.

5. 2.1 - Reflexão sobre a temática do estudo

Este trabalho teve como principal intenção adquirir conhecimentos sobre esta temática que cada vez mais é recorrente e falada no nosso quotidiano, mas por outro lado tão pouco conhecida no que toca às consequências do mesmo.

Com esta investigação foi possível perceber-se que atualmente tanto o bullying como o cyberbullying são realidades que existem junto dos estudantes principalmente nos que se encontram a atravessar a sua adolescência, e que adquirem repercussões no que toca ao seu desempenho e sucesso escolar.

É importante destacar, que apesar de conscientes da gravidade da situação tanto docentes como o próprio agrupamento deveria apostar em recursos mais apropriados e em estratégias mais dinâmicas para a sensibilização do tema, dado que os próprios alunos acreditam não realizar grandes atividades neste âmbito.

Verificou-se que o bullying mais recorrente é o verbal, dado que acontece tanto de forma presencial como virtual através das redes sociais, intitulado como cyberbullying.

Conclui-se ainda que, grande parte de alunos inquiridos nunca sofreram nenhuma forma desta realidade, mas que é importante estar atento e capaz para o combate a estas situações de bullying e cyberbullying.

5.2.2 - Limitações do estudo

A elaboração desta dissertação de mestrado esteve sujeita a algumas limitações, que, no entanto, não impediram a realização da mesma.

A principal limitação do estudo, deve-se à falta de receção dos agrupamentos de escolas, tendo sido possível realizar o trabalho em apenas um agrupamento de escolas.

As limitações pós-covid-19 que ainda estão em vigor e a afluência de trabalho por parte dos agrupamentos de escolas inicialmente pensados para a realização do estudo, limitou em muito o desenvolvimento desta dissertação, não esquecendo a reunião de todos os participantes para o preenchimento do questionário presencial que também se demonstrou ser uma tarefa difícil.

5.2.3 - Sugestões para investigações futuras

Para investigações futuras, tendo em conta os objetivos desta dissertação, acredita-se ser necessário o estudo desta realidade de bullying e cyberbullying em mais agrupamentos de escolas e/ou o estudo destas realidades perante grupos mais vulneráveis, como necessidades educativas especiais, etnias e estatutos sociais inferiores.

Referências Bibliográficas:

APAV. Folha informativa BULLYING. www.apav.pt

Barros, P. C. [et al.] (2009). Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. Universidade do Minho.

Barros, R. (2018). A nova política de educação e formação de adultos em Portugal: crítica à governação neoliberal do sector em contexto de europeização. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, 26 (100), 573-594. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362018002601050>

Calbo, A. [et al.] (2009). Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. Contextos Clínicos, 2(2), 73-80.

Carlos, J, P. (2015). Bullying na Adolescência: Perfil psicológico de agressores, vítimas e observadores. Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/23170>.

Cunha, P. [et al.] (2019). Opiniões e Perceções dos Professores sobre Bullying: Alguns Resultados de um Estudo Qualitativo. Universidade de Lisboa. <https://doi.org/10.25749/sis.18223>

Diário da República Portuguesa. Ministério da Educação lança Plano de Prevenção e Combate ao Bullying e ao Cyberbullying: “Escola sem Bullying. Escola sem Violência”.

Direção-Geral da Educação. Plano de Prevenção e Combate ao Bullying e ao Cyberbullying: Escola sem Bullying. Escola sem Violência. <http://dge.mec.pt/>

EDUSTAT. Perfil de educadores e docentes do ensino básico, secundário e superior. www.edustat.pt

Fernando Ampudia de Haro, J. S. (2016). Investigação em Ciências Sociais: Guia Prático do Estudante. Lisboa: Lidel..

Graciano, A. R & Fialho, I (2008). Perspetivas e expectativas em relação à formação inicial e à profissão de educador de infância. Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/10174/5081>

- Lakatos, E. M., Marconi, M. A. (2016) Fundamentos de metodologia científica (5ª edição)
São Paulo: Atlas.
- Medeiros, A. (2012). O fenómeno bullying: (In)definições do termo e suas possibilidades.
Universidade Federal de Goiás.
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em
educação. Instituto Politécnico de Bragança. EDUSER: revista de educação, Vol
2(2), 2010.
- Melim, M., Pereira, B. (2013) Bullying, Género e Idade. In P. Silva S. Souza, I. Neto
(Eds.), O desenvolvimento humano: perspectivas para o século XXI – Memória,
Lazer e Atuação Profissional. Volume 1 (292-316). São Luís: EDUFMA.
- Miranda, J. P. R. (2009). Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de
conteúdos de ciências por via experimental? Um estudo no 1º ciclo. Universidade
de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/5489>
- Moreira, A. [et al]. (2021). Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: métodos
(Vol.1). Universidade de Aveiro. UA Editora.
- Nações Unidas (2020, novembro 5). Um em cada três alunos em todo o mundo foi vítima
de bullying. ONU News. news.un.org
- Ordem dos Psicólogos. (2022). Vamos falar sobre bullying. www.ordemdospsicologos.pt
- Pereira, B et al. (2009). Descrever o Bullying na Escola: estudo de um agrupamento de
escolas no interior de Portugal., Editora Universitária champagnat.
<https://hdl.handle.net/1822/10118>.
- Piske, F. [et al]. (2002). Bullying. Impactos na Educação: O que sabemos a respeito da
sobredotação. Imprensa da Universidade de Coimbra.
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2086-2>
- Santos, J, R. & Henriques, S. (2021). Inquérito por Questionário: Contributos de conceção
e utilização em contextos educativos. Universidade Aberta.
<https://doi.org/10.34627/3s9s-k971>
- Sá, P. [et al]. (2021). Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de
dados (Vol.2). Universidade de Aveiro. UA Editora.

Serviço de Biblioteca e Informação Documental. Guia de Apoio ao Utilizador: Referências Bibliográficas NP405 e APA 7.^a ed. Universidade de Évora.

Silva, L. & Borges B. (2018). Bullying nas Escolas. *Direito & Realidade*, Vol 6 (5), p.27 = 40/2018.

Sousa-Ferreira, T. (2014). Bullying nas escolas de Guimarães: tipologias de bullying e diferenças entre géneros., Repositório do Hospital Prof. Dr. Fernando Fonseca, E.P.E. <http://hdl.handle.net/10400.10/1356>.

Vieira, C. (2013). Inclusão e Bullying: Práticas, prevenção e intervenção dos professores de um agrupamento TEIP. Escola Superior de Educação João de Deus. <http://hdl.handle.net/10400.26/5277>

Zequinão, M.[et al]. (2021). Desempenho escolar e diferentes papéis de participação no bullying: Um estudo transcultural. *Revista Portuguesa De Educação*, 34(2), 237-251.

Apêndices

Apêndice 1 - Questionário aos docentes

O presente questionário surge no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Administração, Regulação e Políticas Educativas da Universidade de Évora, sob orientação da professora Marília Favinha.

O tema da dissertação é “Perceções e representação de alunos e professores sobre Bullying e Cyberbullying numa escola de Évora”.

As respostas a este questionário apenas têm como objetivo a produção de uma investigação, pelo que será salvaguardada completamente a proteção dos direitos dos participantes, garantindo a confidencialidade dos dados e o seu anonimato.

Dimensão/ Bloco	Objetivos	Questões
<p>1. Dados sociodemográficos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o perfil do docente; • Conhecer o percurso profissional do docente; 	<p><u>1.1. Género:</u> <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino</p> <p><u>1.2. Idade:</u> _____</p> <p><u>1.3. Formação Inicial:</u> _____</p> <p><u>1.4. Ciclo que leciona:</u> <input type="checkbox"/> 3º Ciclo <input type="checkbox"/> Secundário</p> <p><u>1.5. Há quanto tempo leciona:</u> <input type="checkbox"/> < 5 anos <input type="checkbox"/> 5 a 10 anos <input type="checkbox"/> 10 a 15 anos <input type="checkbox"/> > 15 anos</p> <p><u>1.6. Há quanto tempo leciona neste agrupamento:</u> <input type="checkbox"/> < 5 anos <input type="checkbox"/> 5 a 10 anos <input type="checkbox"/> 10 a 15 anos <input type="checkbox"/> > 15 anos</p>
		<p><u>2.1. O que significa Bullying para si?</u> <input type="checkbox"/> Um problema de difícil resolução <input type="checkbox"/> Situação de fácil resolução</p> <p><u>2.2. E ocorre:</u> <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Frequentemente</p>

<p>2. Bullying e Cyberbullying</p>	<ul style="list-style-type: none"> Entender a realidade do Bullying e Cyberbullying perante os alunos. Identificar os tipos de bullying existentes no conjunto de escolas. Registrar a prevalência de bullying nos estudantes deste agrupamento. Investigar como é praticado o Cyberbullying no agrupamento. Identificar os diferentes intervenientes no bullying. Verificar o impacto do bullying no 	<p>2.3. Que formas de Bullying conhece:</p> <p><input type="checkbox"/> Físico <input type="checkbox"/> Verbal <input type="checkbox"/> Cyberbullying</p> <p>2.4. Qual considera ser a forma de Bullying mais recorrente?</p> <p><input type="checkbox"/> Físico <input type="checkbox"/> Verbal <input type="checkbox"/> Cyberbullying</p> <p>2.5. Onde considera ser mais frequente?</p> <p><input type="checkbox"/> Na escola <input type="checkbox"/> Em casa <input type="checkbox"/> Na rua</p> <p><input type="checkbox"/> Atividades de Tempos livres <input type="checkbox"/> Outro: _____</p> <p>2.6. Alguma vez presenciou uma situação de Bullying?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>(Se responder não, avance sff para o ponto 3)</p> <p>2.7. Se sim, onde?</p> <p><input type="checkbox"/> Na sala de aula <input type="checkbox"/> Nos corredores <input type="checkbox"/> No recreio</p> <p><input type="checkbox"/> No refeitório <input type="checkbox"/> Outro</p> <p>Qual: _____</p> <p>2.8. E que forma de Bullying presenciou?</p> <p><input type="checkbox"/> Físico <input type="checkbox"/> Verbal <input type="checkbox"/> Cyberbullying</p> <p>2.9. No caso de Cyberbullying, em que recurso digital foi realizado?</p> <p><input type="checkbox"/> Plataforma Escolar <input type="checkbox"/> Redes Sociais <input type="checkbox"/> E-mail</p> <p><input type="checkbox"/> Outro: _____</p> <p>2.10. Os agressores eram maioritariamente de que género?</p> <p><input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino</p> <p>2.11. E as vítimas?</p> <p><input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino</p> <p>2.12. Quais as idades dos agressores?</p> <p><input type="checkbox"/> < 10 anos <input type="checkbox"/> 10 a 15 anos <input type="checkbox"/> > 15 anos</p>
---	---	---

	<p>(in)sucesso escolar na percepção de atores educativos.</p>	<p>2.13. E a idade das vítimas? <input type="checkbox"/> < 10 anos <input type="checkbox"/> 10 a 15 anos <input type="checkbox"/> > 15 anos</p> <p>2.14. As testemunhas fizeram alguma intervenção? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>2.15. Se sim, qual? <input type="checkbox"/> Tentou parar a briga <input type="checkbox"/> Chamou um adulto <input type="checkbox"/> Outro: _____</p> <p>2.16. Considera que o Bullying afeta o desempenho escolar? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>2.17. Se sim, de que forma? _____</p>
<p>3. Estratégia de prevenção</p>	<p>• Analisar as estratégias de prevenção dos atores educativos e do agrupamento.</p>	<p>3.1. Na sua formação inicial teve formação para detetar e atuar em situações de bullying? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>3.2. Na sua formação continua teve formação para detetar e atuar em situações de bullying? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>3.3. Sente-se com capacidade de detetar e atuar em situações de bullying? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>3.4. Considera que o seu agrupamento tem recursos suficientes para resolver situações de Bullying e cyberbullying? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>3.5. Se sim, quais os recursos (especializados ou não) para o efeito? _____</p> <p>3.6. O seu agrupamento realiza atividades e estratégias para a prevenção ao Bullying e Cyberbullying? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p>

		<p>3.7. Se sim, quais?</p> <p><input type="checkbox"/> Palestras <input type="checkbox"/> Aconselhamento <input type="checkbox"/> Mediação de Conflitos</p> <p><input type="checkbox"/> Estabelecimento de regras <input type="checkbox"/> Interação com a família e comunidade escolar</p> <p><input type="checkbox"/> Desenvolvimento das competências transversais ao nível das competências curriculares</p> <p>3.8. Nas suas aulas, realiza alguma atividade neste âmbito?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>3.9. Se sim, quais? _____</p>
--	--	--

Apêndice 2 - Questionário aos alunos

O presente questionário surge no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Administração, Regulação e Políticas Educativas da Universidade de Évora, sob orientação da professora Marília Favinha.

O tema da dissertação é “Perceções e representação de alunos e professores sobre Bullying e Cyberbullying numa escola de Évora”.

As respostas a este questionário apenas têm como objetivo a produção de uma investigação, pelo que será completamente salvaguardada a proteção dos direitos dos participantes, garantindo a confidencialidade dos dados e o seu anonimato.

Dimensão/ Bloco	Objetivos	Questões
<p>1. Dados sociodemográficos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o perfil do aluno; • Conhecer o percurso escolar do aluno; 	<p><u>1.1. Género:</u> <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino</p> <p><u>1.2. Idade:</u> _____</p> <p><u>1.3. Ciclo que frequentas:</u> <input type="checkbox"/> 3º Ciclo <input type="checkbox"/> Secundário</p> <p><u>1.4. Ano letivo em que te encontras:</u> <input type="checkbox"/> 7º Ano <input type="checkbox"/> 9º Ano <input type="checkbox"/> 10º Ano <input type="checkbox"/> 12ºAno</p>
		<p><u>2.1. O que significa Bullying para ti?</u> <input type="checkbox"/> Algo grave <input type="checkbox"/> Uma brincadeira</p> <p><u>2.2. E ocorre:</u> <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Frequentemente</p> <p><u>2.3. Que formas de Bullying conheces:</u> <input type="checkbox"/> Físico <input type="checkbox"/> Verbal <input type="checkbox"/> Cyberbullying</p> <p><u>2.4. Qual consideras ser a forma de Bullying mais recorrente?</u> <input type="checkbox"/> Físico <input type="checkbox"/> Verbal <input type="checkbox"/> Cyberbullying</p>

<p>2. Bullying e Cyberbullying</p> <ul style="list-style-type: none"> Entender a realidade do Bullying e Cyberbullying perante os alunos. Identificar os tipos de bullying existentes no conjunto de escolas. Registrar a prevalência de bullying nos estudantes deste agrupamento. Investigar como é praticado o Cyberbullying no agrupamento. Identificar os diferentes intervenientes no bullying. Verificar o impacto do bullying no (in)sucesso escolar na percepção de 		<p><u>2.5. Onde consideras ser mais frequente?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Na escola <input type="checkbox"/> Em casa <input type="checkbox"/> Na rua</p> <p><input type="checkbox"/> Atividades de Tempos livres <input type="checkbox"/> Outro: _____</p> <p style="text-align: center;"><u>2.6.</u></p> <p><u>2.6.1. Alguma vez sofreste Bullying?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p style="text-align: center;">(Se responderes não, avança sff para o ponto 2.7)</p> <p><u>2.6.2. E que forma de Bullying sofreste?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Insultos <input type="checkbox"/> Agressões <input type="checkbox"/> Perseguições <input type="checkbox"/> Ameaças</p> <p><input type="checkbox"/> Exclusão do grupo de amigos <input type="checkbox"/> Roubo de pertences</p> <p><input type="checkbox"/> Outro: _____</p> <p><u>2.6.3. Se sim, onde?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Na sala de aula <input type="checkbox"/> Nos corredores <input type="checkbox"/> No recreio</p> <p><input type="checkbox"/> No refeitório <input type="checkbox"/> Internet <input type="checkbox"/> Telemóvel</p> <p><input type="checkbox"/> Outro: _____</p> <p><u>2.6.4. No caso de ter sido por recursos digitais, por que plataforma foi realizado?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Plataforma Escolar <input type="checkbox"/> Redes Sociais <input type="checkbox"/> E-mail</p> <p><input type="checkbox"/> Outro: _____</p> <p><u>2.6.5. Os agressores eram maioritariamente de que género?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino</p> <p><u>2.6.6. Quais as idades dos agressores?</u></p> <p><input type="checkbox"/> < 10 anos <input type="checkbox"/> 10 a 15 anos <input type="checkbox"/> > 15 anos</p> <p><u>2.6.7. As testemunhas fizeram alguma intervenção?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p><u>2.6.8. Se sim, qual?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Tentou parar a briga <input type="checkbox"/> Chamou um adulto</p>
---	--	---

atores
educativos.

Outro: _____

2.6.9. Chegaste a falar desta situação com os teus pais ou Encarregados de Educação?

Sim Não

2.6.10. E na escola? Falaste com professores, diretor de turma ou diretor da escola?

Sim Não

2.7

2.7.1. Já presenciaste alguma situação de Bullying?

Sim Não

(Se responderes não, avança sff para o ponto 3)

2.7.2. E que forma de Bullying viste?

Insultos Agressões Perseguições Ameaças

Exclusão do grupo de amigos Roubo de pertences

Outro: _____

2.7.3. Onde?

Na sala de aula Nos corredores No recreio

No refeitório Internet Telemóvel

Outro: _____

2.7.4. No caso de ter sido por recursos digitais, por que plataforma foi realizado?

Plataforma Escolar Redes Sociais E-mail

Outro: _____

2.7.5. Os agressores eram maioritariamente de que género?

Feminino Masculino

2.7.6. Quais as idades dos agressores?

< 10 anos 10 a 15 anos > 15 anos

		<p><u>2.7.7. As testemunhas fizeram alguma intervenção?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p><u>2.7.8. Se sim, qual?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Tentou parar a briga <input type="checkbox"/> Chamou um adulto</p> <p><input type="checkbox"/> Outro: _____</p> <p><u>2.7.9. Chegaste a falar desta situação com os teus pais ou Encarregados de Educação?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p><u>2.7.10. E na escola? Falaste com professores, diretor de turma ou diretor da escola?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p><u>2.7.11. Consideras que o Bullying afeta o teu desempenho escolar?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p><u>2.7.12. Se sim, de que forma?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Más notas <input type="checkbox"/> Perda de interesse pela escola</p> <p><input type="checkbox"/> Dificuldade em fazer amigos <input type="checkbox"/> Outro: _____</p>
<p>3. Estratégia de prevenção</p>	<p>• Analisar as estratégias de prevenção dos atores educativos e do agrupamento.</p>	<p><u>3.1. A tua escola realiza atividades e estratégias para a prevenção ao Bullying e Cyberbullying?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p><u>3.2. Se sim, quais destes exemplos?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Palestras <input type="checkbox"/> Aconselhamento <input type="checkbox"/> Mediação de Conflitos</p> <p><input type="checkbox"/> Estabelecimento de regras <input type="checkbox"/> Interação com a família e comunidade escolar</p> <p><input type="checkbox"/> Desenvolvimento das competências transversais ao nível das competências curriculares</p> <p><u>3.3. Nas tuas aulas, realizas alguma atividade neste âmbito?</u></p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p><u>3.4. Se sim, quais?</u> _____</p>